

Universidade Federal do Maranhão – UFMA
Centro de Ciências Exatas e Tecnologias – CCET
Departamento de Desenho e Tecnologia – DDET
Curso de Design

Daniele Ramaianne Rocha da Silva

MARCOS URBANOS DE SÃO LUÍS - MA:
Designer como mediador da relação indivíduo-cidade

São Luís
2018

DANIELE RAMAIANNE ROCHA DA SILVA

MARCOS URBANOS DE SÃO LUÍS - MA:

Designer como mediador da relação indivíduo-cidade

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação em Design, Universidade Federal do Maranhão – UFMA, na modalidade Monografia, para avaliação das qualidades adquiridas pela discente durante o curso, a fim de ser requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

Orientadora:

Profa. Dra. Raquel Gomes Noronha

São Luís

2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Daniele Ramaianne Rocha da.

Marcos Urbanos de São Luís-MA: : Designer como mediador da relação indivíduo cidade / Daniele Ramaianne Rocha da Silva. - 2018.

174 f.

Orientador(a): Raquel Gomes Noronha.

Monografia (Graduação) - Curso de
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA, 2018.

1. Design. 2. Fotoelicitação. 3. Marcos Urbanos. 4. Narrativas. 5. São Luís. I. Noronha, Raquel Gomes. II. Título.

DANIELE RAMAIANNE ROCHA DA SILVA

MARCOS URBANOS DE SÃO LUÍS - MA:

Designer como mediador da relação indivíduo-cidade

Trabalho de Término de Curso na modalidade Monografia, apresentado a Universidade Federal do Maranhão - UFMA, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Design.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Raquel Gomes Noronha
(Orientadora – Universidade Federal do Maranhão)

Profa. Dra. Andrea Katiane Ferreira Costa
(Membro da banca – Universidade Federal do Maranhão)

Prof. Me. João Rocha Raposo
(Membro da banca – Universidade Federal do Maranhão)

Dedico este trabalho à São Luís de todos os olhares; e dedico com maior carinho à São Luís que ainda enxerga São Luís.

AGRADECIMENTOS

Permitam-me uma reflexão antes dos agradecimentos e o discurso afetivo usado: Muitas reflexões em torno dessa seção da monografia, porque são tantas pessoas a ser gratificadas, que contribuíram, honraram, fortaleceram, provocaram, elogiaram, zelaram, financiaram, entre tantas outras mais formas de se participar deste imenso trabalho, que algumas laudas, citando alguns nomes e invisibilizando outros que mesmo em menor parcela fizeram diferença ao todo e conclusão deste, parece-me muito frio, preferindo mesmo os agradecimentos pessoais, no olhar, num aperto de mão firme e entoando o “muitíssimo obrigada”. Ao mesmo tempo em que deixar este trabalho sem esta seção o faz parecer, a quem desconhece o infinito trabalho que essa gestação deu, que é um trabalho ingrato: sem ter a quem agradecer, sem reconhecer quem deu suporte e apoio. Por isso, resolvi deixá-lo aqui.

Feitas as considerações iniciais e esperando do fundo do coração que esta folha consiga transmitir o calor e a dor de felicidade dos agradecimentos que se seguirão (em curtos nomes querendo se estender em imensidão de gratidão) e a dor da infelicidade de não citar todos, começo agradecendo a quem tenho fé, Jeová, que muito quis que esse filho nascesse, de todas as dores que este me causou, as quedas, os tapas na cara, o perceber o quão imenso é a área que escolhi atuar e quão infinita em responsabilidades ela está, me permitindo [Ele] está aqui agora agradecendo pelo parto bem sucedido (amém). Agradecimentos eternos aos Orixás.

Agradeço também, infinitamente, minha família, representada pelo nome da minha mãe Vânia, que em cansaços, nas fragilidades financeiras, oraram, quiseram, proveram (abaixo de Deus) e torceram à realização desse trabalho. Desculpa os rombos também (risos).

Agradeço eternamente a minha orientadora querida, Raquel, com toda doçura, zelo, paciência (e que paciência, povo), incentivo, torcida também, pedidos de “foco” que eram tão dóceis que nem pareciam puxões de orelha. Admirabilíssima, Raquelíssima, (Deus abençoa que eu ao menos tenha te dado algum orgulho [risos]).

Agradeço grandiosamente aos meus amigos, representados pelo nome do grandioso Matheus (quase coloquei o apelido fofo), que, nossa, estavam perto de mim quando fui queda, quando fui desânimo, quando as coisas estavam perdendo o sentido, me reavivou de “trocentas” milhões de formas. Uma imensa árvore de proteção. Obrigada de coração.

Agradeço profundamente aos amigos de graduação, representados pelos nomes de Maíza, Bianca e Aline que foram exemplos para mim, indo e voltando, subindo e descendo. Também me ajudando a manter o foco.

E claro, não pode faltar, todas as pessoas que participaram, que entrevistei, que conversaram, ... Esse parágrafo aqui é grande choro, porque gostaria de destacar a importância de cada um e todos vocês e o quanto vocês me ensinaram sobre essa cidade. De encantos que eu nem sonhava. A provocação foi para mim também. Mas, quem ler esse agradecimento, ao ler a monografia, sinta em cada nome citado neste projeto, até dos autores

de referência, a imensa gratidão de comporem esse degrau que espero não ser só meu, mas compartilhar com SLZ.

*Menina que pula a fogueira
Teu boi já chegou
Vem pra perto de mim
Vem me ouvir que sou teu cantador*

*E canto cantigas bonitas
Toadas de amor
Coração me encanta
Incendeia e clareia o que sou*

(Boi Pirilampo – Estrela do chão)

RESUMO

São Luís, capital maranhense e cidade histórica reconhecida pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade, guarda em elementos paisagísticos urbanos memórias de sua história. Com o maior sítio colonial arquitetônico português da América Latina e protegido pelo município, estado e federação, sua identidade se volta a este fato-título, marginalizando outros elementos referenciais urbanos que se encontram na cidade e que também marcam suas memórias. Por isso, o presente trabalho trata da investigação destes outros elementos, conhecidos como marcos urbanos (LYNCH, 1999), para verificação de sua importância cultural e simbólica por meio dos processos em design, a fim de contribuir com a valorização da identidade ludovicense e pluralização das suas memórias. Caracterizado como primeiro ato, uma vez que processos de valorização são extensos, este trabalho projetual se propõe a provocar o olhar e atenção dos locais aos elementos da cidade. De caráter qualitativo, o trabalho baseou-se na abordagem metaprojetual de design, refletindo etapas e abordagens. Para elucidação das memórias e narrativas, desenvolveu-se uma ferramenta protótipo fotoelicitatória que possibilita o resgate com intermédio de imagens fotográficas. Como resultado, desenvolveu-se peça gráfica espalhada pela cidade e compartilhada virtualmente para concretizar a provocação e, assim, fazê-los perceber e valorizar a cidade.

Palavras-chave: Marcos urbanos; Narrativas; Design; São Luís; Fotoelicitatória.

ABSTRACT

São Luís, the capital of Maranhão and a historic city recognized by UNESCO as a World Heritage Site, keeps urban landscape elements as memories of its history. With the largest Portuguese colonial architectural site in Latin America and protected by the municipality, state and federation, its identity turns to this title fact, marginalizing another urban reference element that are in the city and that also mark its memories. Therefore, the present work deals with the investigation of these other elements, known as urban landmarks (LYNCH, 1999), to verify their cultural and symbolic importance through the processes in design, in order to contribute to the valorization of the Ludovic identity and pluralization of your memories. Characterized as a first act, since valorization processes are extensive, this design work aims to provoke the look and attention of the locals to the elements of the city. Of qualitative character, the work was based on the metaprojectual approach of design, reflecting steps and approaches. For the elucidation of memories and narratives, a prototype photoelicitation tool was developed that allows the rescue through photographic images. As a result, a graphic piece was spread throughout the city and shared virtually to concretize the provocation and thus make them perceive and value the city.

Keywords: *Landmarks. Narratives. Design. São Luís. Photoelicitation.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Justificativa.....	11
2. EMBASAMENTO TEÓRICO.....	14
2.1 O “olhar” na construção de relação e sentido.....	14
2.2 Marcos urbanos enquanto artefatos.....	16
2.3 Artefatos como agentes da lembrança e da narrativa.....	16
2.4 Imagem e identidade.....	18
2.5 Design como mediador entre São Luís e ludovicenses.....	19
3. METODOLOGIA.....	21
3.1 Etapas da metodologia.....	22
4. DESENVOLVIMENTO DE PROJETO.....	26
4.1 Pesquisas exploratórias.....	26
4.2 Identificando os marcos em São Luís – MA.....	30
4.3 Campo II – Ludoprovação.....	71
4.3.1 ESCOLHA DOS MARCOS.....	76
4.4 Aproximação a comunidade dos marcos (CAMPO III).....	77
4.4.1 VIVÊNCIA EM CADA COMUNIDADE.....	77
4.4.2 VISITAS AOS MARCOS À NOITE.....	93
4.4.3 REFLEXÕES GERADAS.....	94
5. FERRAMENTA FOTOELICITATÓRIA.....	98
5.1 Escolha dos participantes à ferramenta.....	99
5.2 Construção da Ferramenta.....	102
5.2.1 ORGANIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DAS	103
IMAGENS.....	
5.2.2 FUNCIONAMENTO DA	106
FERRAMENTA.....	
5.3 Aplicação da Ferramenta.....	107
5.3.1 NARRATIVAS – APROXIMAÇÃO EM	109
CENÁRIOS	
5.3.2 DISCUSSÕES E REFLEXÕES	114
PROVOCADAS	
6. RESULTADOS.....	122
6.1 Processo criativo aos materiais de devolução	122
6.2 Devolução à cidade	128
6.3 Cenários traduzidos dos participantes da ferramenta	130
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
REFERÊNCIAS.....	137
BIBLIOGRAFIA E SITES CONSULTADOS.....	146
APÊNDICES	151

1. INTRODUÇÃO

A cidade, extensa, diversa, heterogênea, contraditória, dinâmica, repleta de conflitos territoriais, sociais, entre tantas outras características e embates, é um objeto de pesquisa complexo para se trabalhar. Colocar-se em meio a essa profusão de conflitos com finalidade de observar, entender, postular e/ou intervir nela exige um trato delicado, cuidadoso. Ciente desta complexidade, porém estimulada com os porquês de o ludovicense observar tão pouco a cidade, se perguntar tão pouco sobre a cidade e, mais ainda, pela curiosidade de entender determinados elementos urbanos expostos e dispostos em São Luís, capital do Maranhão, que sequer sabemos por que fazem parte da sua paisagem urbana.

Compreendendo que toda cidade possui uma linguagem, onde através de elementos inseridos nela (sejam ruínas, igrejas, praças, símbolos, ruas e seus nomes, intervenções artísticas, entre outras diversas) contam histórias, suscitam memórias, reforçam discursos, entre outras comunicações, busca-se entender o que os objetos urbanos de São Luís querem e podem dizer sobre a mesma e que, assim como o Centro Histórico da capital, também servem como agregadores de valores simbólico-culturais e identitários. De caráter intercomunicacional e de recriação imagética, o design por ser “intimamente ligado à construção das representações” (PORTELA *et al*, 2017, p.169), sejam elas por imagens, características físicas em produtos, entre outras demais maneiras, suscita vozes inseridas e envolventes do projeto, reanalizando as representações e imagens construídas pelo público e, transmitindo as potencialidades da peça/local/informação, propõe novas significações, visando maximizar a relação indivíduo-conteúdo. Assim ele media a relação indivíduo-cidade.

Entendendo a identidade como um complexo sistema de construção de imagens e símbolos que é constante, dinâmico, negociado, fluido e antagônico (NORONHA, 2015; FINESTRALI, 2011; BRAYNER, 2004; CARVALHO *apud* BAUMAN, 2012), almeja-se provocar a identidade e consciência coletiva ludovicense através da imagem de elementos urbanos a fim de incentivar seus olhares na cidade, não reduzindo o valor histórico, cultural, simbólico e identitário do Centro Histórico à capital (CACCIARI, 2009), ou seja, tocando no aspecto negociável desta.

A partir disso, reflete-se “como o saber do design pode contribuir no agregar de valores de uma cidade?”, “como fazer notar elementos potencialmente agregadores da/na cidade sem impor/determiná-los à população?”, “como o designer se insere nesse contexto?”, “como se pode atuar como interlocutor destas memórias narrativas e representações?”.

Portanto, o presente trabalho trata dos processos em design para a elucidação de narrativas em torno dos objetos urbanos da cidade de São Luís, com propósito de entender como tais narrativas podem contribuir para valorizar a identidade ludovicense. Em outras palavras, o objetivo é pensar a cidade por meio do design (mediador entre material e imaterial) (KRUCKEN, 2009) identificando a historicidade destes objetos urbanos passíveis de agregar valor(es) simbólico-cultural(is) à imagem da cidade estudada e salientar essa relação de forma que o ludovicense possa perceber, observar e ressignificar tais objetos. Assim colaborando ao

fortalecimento da imagem de São Luís entre os próprios habitantes e potencializando estes objetos urbanos para torná-los “marcadores de identidade” (KRUCKEN, 2009, p. 99) do território ludovicense.

Para isso, por existir diversos objetos urbanos em várias categorias de elementos da cidade, voltou-se o olhar aos que Lynch definiu como “marcos urbanos”:

Os marcos são outro tipo de referência, mas nesse caso, o observador não entra neles: são externos. Em geral, são um objeto físico definido de maneira muito simples [...]. Alguns marcos são distantes, tipicamente vistos de muitos ângulos e distâncias [...]. Outros marcos são basicamente locais, sendo visíveis apenas em lugares restritos e a partir de certa proximidade. [...] detalhes urbanos [...]. (LYNCH, 1997, p. 53)

Em outras palavras, os marcos urbanos são um dos vários influenciadores e referenciais que uma cidade pode possuir para facilitar o entendimento, ou legibilidade ou até imaginabilidade, desta. Lynch delimita o conceito de marcos urbanos e outros citados baseado no formato destes na cidade, pressupondo que a forma reforça o significado do objeto. Portanto, à grosso modo, os marcos são as formas físicas que na cidade servem como referenciais de localização ou identificadores de uma localidade.

Mesmo com esse recorte, observando a cidade de São Luís, o escopo de marcos urbanos ainda se mantém grande em quantidade. Objetivando tornar o trabalho ainda mais viável, para que se possa fazer as devidas reflexões e exercícios de práticas projetuais, fez-se um recorte no recorte, trabalhando com os marcos urbanos que são artefatos locais, vistos com certa proximidade e em ambientes viáveis:

Uma imagem [ambiental] viável requer primeiro, a identificação de um objeto, o que implica sua diferenciação de outras coisas, seu reconhecimento enquanto entidade separável. A isso se dá o nome identidade, não no sentido de igualdade ou unicidade. Em segundo lugar, a imagem deve incluir a relação espacial ou paradigmática do objeto com o observador e os outros objetos. Por último, esse objeto deve ter algum significado para o observador, seja ele prático ou emocional. (LYNCH, 1997, p.9)

Por se tratar de artefatos, essa investigação precisa entender quem olha, como olha e por que olha (olhar aqui não somente no sentido superficial, mas no “vislumbramento”, no ver além, construindo reflexões, observações e até mesmo juízos) (CARDOSO, 2012, p. 47, 67-68), para compreender quais relações indivíduo-objeto é feito, como este indivíduo se identifica com o dado objeto, e quais representações são construídas para, assim, entender seus conectores com a sociedade/comunidade que se encontra. Investigá-los observando onde estão localizados, quais estruturas estão ao seu redor, se e como são vistos pelos ludovicenses. Perguntar: 1) por que foram colocados na cidade?; 2) quais memórias e narrativas cercam estes marcos? 3) o que elas falam sobre São Luís?; 4) o que o ludovicense ver/pensa sobre estes artefatos?; 5) qual a relação entre estes marcos e o ludovicense, em especial os que estão

na mesma localidade e adjacências ao marco? Todas estas perguntas fortalecem o processo de provocação imagética e representativa por serem questões-insumos às atividades projetuais do design (momento informacional e de aproximação), pelo designer, que precisa entender a fundo o público envolvido e inserido, e seu objeto de estudo.

Por essa razão, nessa busca específica de memórias, narrativas e histórias que os marcos despertam, este trabalho aborda a questão, de forma qualitativa, baseado em autores como Lia Krucken, Kevin Lynch, Rafael Cardoso, Raquel Noronha, Raiama Portela *et al*, entre outros que nortearam, possibilitaram e provocaram reflexões, métodos, posturas e ferramentas que serão abordadas durante todo o trabalho e projeto.

Por se tratar de um trabalho de viés majoritariamente qualitativo, se apoia nos conceitos de metaprojeto – o qual se propõe refletir cada etapa do projeto, analisando e ponderando com cautela todo o processo (PORTELA *et al*, 2017) –, nas ações para valorização de produtos locais do estudo sobre *terroir* feito por Lia Krucken (2009) e na metodologia fotoelicitatória (PORTELA *apud* Pink, 2017), que através das imagens fotográficas busca acionar as memórias, narrativas e experiências vividas pelos participantes, para tal envolve o desenvolvimento de uma ferramenta protótipo que auxilie na realização do momento elicitatório com o público escolhido.

Algumas das questões essenciais, como, por exemplo, “a quem será devolvido especialmente os resultados deste trabalho-projeto, além das comunidades dos elementos?” e “qual peça será desenvolvida pelo projeto?”, se propõe definir durante os momentos de campo (ver Tabela 01 do capítulo 3, Metodologia), porque a essa altura já estar-se-á diante as “reais” necessidades identificadas e afinizado com as informações e narrativas do projeto e suas informações, por isso momentos mais aptos para tais.

1.1 Justificativa

O Centro Histórico ludovicense possui proteção municipal e é patrimônio tombado a nível estadual e federal (pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN), e reconhecido pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, do inglês, *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization*,) e tombado pelo amplo reconhecimento deste patrimônio tangível localizado na ilha, ele se tornou o principal marcador de identidade de São Luís. A centralidade do Centro Histórico de São Luís é bastante visível, tanto em pesquisas sobre ‘Maranhão’, ‘São Luís’ ou termos afins ao nome da capital maranhense, quanto em produções locais e publicações que falem sobre a capital e o estado. Ribeiro, Santos e Santos (2014) salienta este fato ao relatar que em “análise mais aprofundada da página do *site* [do Ministério do Turismo], que se refere a São Luís Cultural, visualiza-se que, apesar de explicar resumidamente a origem da mistura da cultura local, o foco maior do texto de apresentação está no patrimônio tangível [...]”. (RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 2014, p. 529).

Para além disso, Ribeiro, Santos e Santos pontua o resultado do questionário aplicado em sua pesquisa junto aos ludovicenses (57% feminino e 43% masculino, com 82% na faixa etária de entre 15-30 anos) sobre o conceito de cultura e identidade, o que implica diretamente no como o ludovicense percebe São Luís:

Analisa-se a noção de conceitos de cultura e identidade mais comum entre o público-alvo e, como resposta, visualiza-se uma tendência a conceituar cultura com uma visão tendente ao sentido de erudição, negligenciando a teoria da cultura, como “lente através da qual o homem vê o mundo”, ou seja, a cultura é vista como algo transmitido em instituições de ensino e não criada pela produção popular. (RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 2014, p.531)

Este resultado justifica a razão pela qual a imagem do Centro Histórico tende a dominar a promoção da identidade ludovicense, pois uma vez que a produção popular tem pouco valor aos locais, a “erudição” presente no fazer arquitetônico colonial português ganha força e se transforma em carro-chefe da identidade da capital. Assim sendo, acompanhado à preocupação com a divulgação de imagens positivas e o incentivo cultural turístico que São Luís vem recebendo desde o fim do século XX (RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 2014), as promoções destas acontecem em torno deste patrimônio. Baseado nesses dados, seria possível refletir que o ludovicense está num processo de baixa “autoestima coletiva”?

Mesmo menosprezando as próprias capacidades de carregar e significar a cidade e os artefatos com sentidos históricos e culturais, os ludovicenses não aceitam que falem mal de São Luís, mas também não se aproximam das suas manifestações e significantes locais e populares (RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 2014). Compreendendo que temos exercitado pouco o diálogo com os artefatos urbanos, danificando a compreensão de sua linguagem e com isso silenciando aos poucos a comunicação com a cidade, entende-se ser preciso reconstituir este contato e observações. Para semear a mudança de tal realidade é preciso fazer com que o ludovicense perceba e observe a cidade para poder (re)conhecer o que existe de valioso nela. Além disso, que possam entender que são sujeitos de mudança e voz da cidade.

Por isso optou-se por ativar as narrativas de sujeitos da pesquisa e dos sujeitos próximos aos marcos, por entender que estes são potenciais informantes, podendo resgatar e transmitir a historicidade dos artefatos urbanos através da vivência que tiveram e/ou tem com eles. Trabalhar com a narrativa não anula o contato com a informação formal, especialmente para este trabalho, pois se entende que um contribui ao entendimento do outro.

Importante frisar que este trabalho não almeja menosprezar a importância do Centro Histórico de São Luís. O propósito é refletir o ‘silenciamento’ dos demais elementos passíveis de serem identitários em prol da versão “oficial”, diminuindo ou mesmo desprezando a participação espontânea dos cidadãos como sujeitos da história local, reduzindo ou exterminando o que lhes serve de pertencimento e empoderamento.

O designer, como o arquétipo do deus Hermes (NORONHA, 2015), pode atuar como facilitador no elo de comunicação entre o ludovicense e a cidade, provocando seus olhares e

questionamentos, e incentivando-os a prestar mais atenção no que a cidade demonstra/conta. Com os processos de elaboração de projeto em Design, é possível repassar à própria cidade os valores reconhecidos através das memórias e narrativas elucidadas, propor novas referências, pensar e incitar novos comportamentos e imaginar novos estilos de vida (KRUCKEN, 2009).

Portanto este trabalho encara os marcos como potenciais tangíveis para construção do sentimento de pertença, pensando posteriormente no empoderamento dos indivíduos locais. Resgatar as narrativas por meio das imagens geradas pelos marcos é relevante para evidenciar a voz que os ludovicenses têm e podem ter na história do local.

Desta forma, este trabalho traz as descrições das vivências dos campos realizados e seus resultados, juntamente aos relatos e a percepção local acerca de São Luís, constatada nas narrativas e observações dos moradores pelas interações com os elementos marcos. Propõe-se apontar e refletir como as narrativas evidenciam os potenciais que valorizam a cidade.

A redação se organiza pelas etapas embrionárias do projeto ('Embasamento teórico', no capítulo 2, e 'Metodologia', no capítulo 3) que norteiam o processo projetual, apresentando sua construção teórica e metodológica; seguidas pelo 'Desenvolvimento de Projeto', no capítulo 4, com a descrição dos campos iniciais realizados (os Campos I, II e III), mostrando as reflexões causadas e os resultados alcançados. No capítulo 5, explana a construção, aplicação e resultados conseguidos pela 'Ferramenta Fotoelicitatória', ferramenta chave deste projeto. Finalizando com a apresentação dos 'Resultados', no capítulo 6, que discorrerá a estratégia definida para devolução das informações à cidade; e as 'Considerações Finais', no capítulo 7.

2. Embasamento teórico

Para a construção teórica deste trabalho, buscou-se autores que postularam e/ou postulam sobre design na cidade, design e cidade, memória coletiva, narrativa, identidade local/ludovicense e a linguagem dos objetos. Destaca-se os títulos “A imagem da cidade” de Kevin Lynch (1997); “Design e território” de Lia Krucken (2009); “Design e/é Patrimônio” com organização de Camargo, Ribeiro e Fajardo (2012); “Design para um mundo complexo” de Rafael Cardoso; e, “A alma das coisas”, com organização de Gonçalves, Guimarães e Bitar (2013) foram e são de extrema e especial importância para direcionamento e norteamento dos conceitos chaves.

Para além destes, com importância similar, os artigos “Design, gênero e metaprojeto” publicado no Colóquio Internacional de Design, de Portela *et al* (2017); “Turismo e Cultura: Percepção dos ludovicenses sobre a identidade cultural da cidade de São Luís (MA)” publicado na revista eletrônica ‘Turismo – Visão e Ação’, de Ribeiro *et al*; os livros “Memória e Patrimônio” com organização de Abreu e Chagas (2003); “Oralidade e Outras Linguagens” dos Cadernos do Ceam da Universidade de Brasília (2004); e as informações obtidas no site oficial do IPHAN sobre o Maranhão e São Luís. Tiveram crucial importância na ampliação dos conceitos, sugestões e reflexões de métodos e exposição de estudos de casos mais próximos ao projeto desenvolvido neste trabalho.

Outras referências participam da construção do entendimento e direcionamento, cada um com sua importância e relevância ao trabalho. Durante toda a redação do trabalho, serão apresentados autores e conceitos que contribuíram para este, e especialmente neste capítulo, esmiúçam-se tais conceitos chaves, baseados nos autores citados acima e os demais autores direcionadores, para melhor entendimento dos termos trabalhado na redação e dos direcionamentos metodológico e projetual quando aqui forem relatados.

2.1 O “olhar” na construção de relação e sentido

Movimentados pelas atividades cotidianas, o vai e vem na vivência das cidades urbanas contemporâneas, tão cheias de informações e por todos os lados, faz com que nossos olhos se acostumem com maior parte do que é exposto no ambiente, não dando a elas tanta importância. Além disso, com a velocidade da dinâmica experimentada nos dias atuais – velocidade esta que fora potencializada com a evolução virtual, que mudou o conceito de distância e fomentou as trocas e comunicações entre pessoas –, cada vez menos o indivíduo contemporâneo desfruta de momentos de contemplação voluntária.

O cotidiano atual tem nos afastado da experiência do olhar. Devido a isto, como salienta Gonçalves, Bitar e Guimarães (2013), esse isolamento nos afasta também de uma possível relação de comunicação com as coisas que deixamos de dar importância. Esquecendo-nos que muito do que há no ambiente tem uma ampla e complexa rede de relações sociais e cósmicas que fundamentam e relacionam ideias antagônicas que podem contribuir no melhor

entendimento do meio ambiente e até mesmo da própria individualidade. (GONÇALVES; BITAR; GUIMARÃES, 2013)

Ao nos permitir olhar a cidade de São Luís - MA, é possível reconhecer objetos que estimulam a construção de imagens, que são únicas para cada um (LYNCH, 1997). Estes objetos trazem conteúdos à cidade que dificilmente são comunicados, por exemplo, “o que é este objeto?”, “por que está na cidade?”, “o que ele representa?”. É nesse processo de distanciamento e estranhamento, causado pela contemplação, que nos (re)aproximamos e (re)conhecemos o ambiente da cidade. Deste exercício antagônico, lidamos com a expressão imaterial do objeto através da sua própria materialidade (GONÇALVES; BITAR; GUIMARÃES, 2013), reconhecendo nele uma “alma”.

O “espírito das coisas dadas” é um tema clássico da Antropologia, e Marcel Mauss, em seu *Ensaio sobre a dádiva*, soube evocá-lo com sensibilidade e *insights* duradouros. É o próprio Mauss que, em seu *Manual de Etnografia*, recomenda cautela aos pesquisadores diante de objetos materiais como um vaso de barro: “Frequentemente, o vaso tem uma alma; o vaso é uma pessoa” (GONÇALVES; BITAR; GUIMARÃES *apud* Mauss, 2013, p. 8)

Pela riqueza objetual da cidade, constata-se que é recheada de artefatos que expressam valores através das suas ‘almas’, sejam estes valores práticos, estéticos, tecnológicos, culturais, simbólicos, temporais, etc. Os artefatos nada mais são do que os objetos feitos “[...] pela incidência da ação humana sobre a matéria-prima, em outras palavras, por meio da fabricação” (CARDOSO, 2012, p. 47). No entanto, inseridos no ambiente urbano, na malha de ruas, avenidas, casas, prédios, entre outros objetos, muitos desses artefatos não têm valor reconhecido *a priori*, por fazerem parte de uma imagem ambiental pouco viável, com baixa legibilidade. Isso dificulta a construção de sentido (prático ou emocional) do observador com relação a eles. (LYNCH, 1997).

Não sendo possível a construção de relação indivíduo-artefato urbano, torna-se pouco provável que o artefato provoque o exercício de imaginabilidade, que segundo Lynch (1997) é “a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado” (LYNCH, 1997, p. 11), ou seja, o artefato pouco provavelmente provocará imagens mentais no observador.

O designer, então, enquanto agente comunicador e na busca pela construção de coerência, viabiliza o reconhecimento dos valores agregados aos artefatos urbanos por meio dos processos projetuais do design, evidenciando a presença e revelando a alma destes artefatos, potencializando a participação destes como “marcadores da identidade territorial” (KRUCKEN, 2009, p.42, 44, 99).

Atuando como mediador entre o material e o imaterial, o design pretende estimular a criação ou, para este caso, reconhecimento de novas referências e imaginar/projetar novos estilos de (vi)ver a cidade. (KRUCKEN, 2009). A questão é: como comunicar a alma existente nesses artefatos de forma que seja percebido seu valor? E mais: de quê é composta essa alma?

2.2 Marcos urbanos enquanto artefatos

Cardoso (2012) ressalta a importância de quem vê na construção do significado dos artefatos, salientando que sem estes o artefato apenas existe sem dizer “nada”. (CARDOSO, 2012, p. 62-65). No entanto, dos muitos artefatos urbanos que perduram anos a fio na cidade, ficam à mercê das atribuições de sentidos pelo senso comum. A dificuldade, porém, mora na hesitação que a sociedade moderna possui em compreendê-los, mergulham pouco na sua imaterialidade, e não se aproximam, por vezes nem mesmo percebem sua presença material. (CARDOSO, 2012).

Mesmo sem haver a aproximação da população junto aos artefatos urbanos (e talvez justamente por isso), estes se transformam semanticamente. Ainda segundo Cardoso, o “olhar é também sujeito a transformações no tempo, e aquilo que apreendemos do objeto visto é necessariamente condicionado pelas premissas de quem enxerga e de como se dá a situação do ato de ver”. (CARDOSO, 2012, p. 35-37). Mas fica a questão: só há significado se houver a atribuição destes necessariamente explícitos pela comunidade e sociedade?

Para acessar a alma do objeto-artefatual é preciso acessar seu significado, e para isso é preciso entender seus contextos, histórico, produção, entre outros. Porém, segundo o mesmo autor, o autor/criador do artefato também é inserido nessa percepção. Portanto, considerando que o autor/criador produz/cria o artefato por alguma razão/propósito e enquanto ele for presente ou enquanto houver registros (oral e/ou documental) da intencionalidade do objeto criado/feito, é possível refletir que o artefato tem/teve algo para comunicar.

Somado a isso, o designer pontua seis fatores modificadores da imobilidade de artefatos imóveis diante o tempo: o uso, o entorno e a duração; e outros três, ligados à percepção, que são o ponto de vista, o discurso e a experiência vivida. Considerando os três últimos itens, depara-se com outras formas de se acessar a alma dos marcos urbanos: a investigação do como o observador vê-lo, de onde vê-lo, quais experiências viveu ou contou com a presença deste, quais discursos sondam-no e demais, que influenciam diretamente no significado dos marcos e agregam novos sentidos a eles. (CARDOSO, 2012, p. 61, 68)

Portanto, o significado (alma) dos artefatos urbanos não precisa ser necessariamente explicitado pela comunidade e sociedade, mas podem ser elucidados, resgatados, provocados, obtendo-se assim o que Cardoso (2012, p. 68) chamou de *repertório discursivo* do objeto.

2.3 Artefatos como agentes da lembrança e da narrativa

Pelo repertório discursivo do objeto, podem ser resgatadas tanto informações quanto narrativas. Por isso, salientando a considerável diferença entre informação e narrativa, Gonçalves (2003) postula:

A informação é fruto de um universo marcado pela heterogeneidade dos códigos socioculturais, pela impessoalidade e pelo anonimato. A narrativa, como vimos, é fundada na possibilidade de compartilhar experiências numa coletividade, portanto,

interligada por laços afetivos. (GONÇALVES in ABREU e CHAGAS, 2003, p. 177)

A narrativa, interligada com os laços de afetividade, conversa, informação, cultura e memória de experiências, aspectos que enriquecem a informação formal e a torna única, pois se trata da transmissão oral de uma vivência individual e/ou coletiva. Como Gonçalves reforça, o “[...] narrador é alguém que retoma o passado no presente na forma de memória; ou que aproxima uma experiência situada num ponto longínquo do espaço” (GONÇALVES, 2003, p. 175).

Trabalhar com a narrativa não anula o contato com a informação formal. Para tanto, a inclinação à história narrada se justifica pela construção imagética que essa forma de transmitir possui, carregada com identidade e valores, contos e lendas. O caráter impessoal que a informação possui é bastante importante, para registro universalizado e até para possibilitar os primeiros contatos com as narrativas populares.

Como fora explicitado no capítulo 1, Introdução, o principal marcador identitário de São Luís é a arquitetura colonial portuguesa e seus azulejos, e este contribui para a azulada história “oficial”. Faz-se importante refletir o como esse patrimônio torna cego e mudo as outras formas artefatuais de comunicar os valores e as narrativas da cidade, monocromatizando a policromia existente. Brayner (2004) também reflete caso similar ocorrido em Brasília:

As narrativas produzidas sobre a cidade de Brasília geralmente não consideram a experiência de homens e mulheres que nela imprimem suas marcas e por ela são também transformados. Narrativas que silenciam e ocultam a força dos indivíduos enquanto sujeitos da história. (BRAYNER, 2004, p.49)

Essa ‘singularização’ da história local mexe diretamente na imagem da cidade e com isso na percepção de identidade por parte dos habitantes. Como salientado pelo professor de História da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Marcus Baccenga, em artigo ao site d’O Imparcial, que é perceptível o “fenômeno social e ideológico de construção da memória oficial” (LIMA, 2017), onde a escolha de personagens e acontecimentos históricos para monumentos históricos na cidade reforçam a versão oficial, impondo heróis da Pátria, sem notabilizar o popular. Como Brayner (2004) coloca:

Assim, entendo que é a memória dos moradores que faz com que eles percebam na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. Para Oriá (1998), a memória esclarece o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população não tem condições de compreender a história da sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Ou seja, por meio da memória os indivíduos são capazes de se situar na cidade, reconhecê-la e se reconhecerem nela. Organizam e constroem, nas lutas da vida cotidiana, suas identidades e memórias também a partir dos lugares em que vivem. (BRAYNER, 2004, p.50)

Essa imagem é gerada e imaginada pelos cidadãos, que carregam na cidade os sentidos e significados delas (BRAYNER, 2004). Esses sentidos e significados são preenchidos com seus próprios símbolos e identidade própria o que os aproximam da cidade.

2.4 Imagem e identidade

A imagem é capaz de construir sentidos e significados dentro das relações que tecemos, quer seja entre pessoas, quer seja com objetos e/ou entidades, e nunca antes se preocupou tanto com as influências das imagens. Essa tomada de consciência sobre a importância e relevância das imagens nos trouxe a uma contemporaneidade circundada e imersa nelas.

Mas que imagem é essa? A psicóloga Renata Whitaken, no vídeo “A Importância da Imagem no Mundo Contemporâneo” (2017), dirigido e produzido por Lino Bertrand, conta que Carl Jung (importante psiquiatra e teórico da psicologia analítica, no século XX [ABDO, 2017]) postula que “imagem é a psiqué”. Afirmando isso, ele abre o leque da ideia sobre imagem, indo para além da representação visual. Exemplificando a postulação, está o cego (deficiente visual): este não acessa as representações visuais, porém as vive por meio de aromas, percepção tátil, sons, sensações, etc.; e constrói imagens mentais através de outras manifestações como as artes, os sonhos, entre outros.

Parafraseando Jung, Whitaken diz que “a imagem é a mãe de todas as possibilidades” (A Importância [...], 2017), portanto as imagens agem o e no ser humano. A ação das imagens é a imaginação e é por meio da imagem mental e dinâmica que podemos entender as projeções, sonhos, anseios e todas as demais relações e construções que o cidadão faz com a cidade.

Um dos mais utilizados objetos do design é a imagem, por estar “intimamente ligado à construção de representações” (PORTELA *et al*, 2017, p.369). Então possibilitar uma nova relação afetiva e simbólico-cultural com a cidade pelos processos em design, contribui para a ressignificação do prazer em estar e ser ludovicense, atuando no sentimento de pertencimento do cidadão.

Por nos valermos de objetos, símbolos e ícones para representarem as memórias (individuais, coletivas, oficiais, entre outras), incumbimos as suas materialidades ou virtualidades o como queremos ser identificados, portanto são também representantes da percepção identitária. (COSTA e LEÃO in CARMARGO; RIBEIRO; FAJARDO, 2012). Cá novamente se encontra o design, intermediando a seleção dos materiais imagéticos e identitários no exercício constante de reinvenção e pluralização da memória coletiva e identidade local.

Mais do que manter os registros do passado industrial, é necessário que estes sejam reconhecidos como integrantes da memória coletiva não somente por atender a aspectos técnicos ou construtivos mercedores de arquivo, ou dispositivo de grande potencialidade turística. É claro que estes parâmetros são importantes para a valorização e manutenção de objetos históricos, mas é preciso mais do que espaço industrial transformado em museu para que estes possam integrar a dinâmica e a vivência de uma memória coletiva de fato, pelos índices de sua história e não pelos

símbolos que alguns resolvam instituir. (MARCHI in CARMARGO; RIBEIRO; FAJARDO, 2012, p.138, grifo meu)

Portanto, não é somente tombando sítios e/ou edifícios, lugares na cidade e pensando em potenciais turísticos a serem promovidos que se preserva a memória e identidade local. É preciso também reconhecer e integrar o que faz parte da imagem coletiva, para por meio dela possibilitar a interação indivíduo-cidade, ludovicenses-São Luís, e assim promover a aproximação do indivíduo com a cidade, re-estimulando a construção e atribuição de sentidos aos marcos urbanos, para, por fim, atualizar e pluralizar a relação cultural, simbólica e identitária para com a cidade. (MARCHI in CARMARGO; RIBEIRO; FAJARDO, 2012). Até para que a própria população possa promover e atuar na cidade de maneira construtiva (RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 2014, p. 519). Saliento o “construtivo” e não “positivo”, tendo em vista que a ‘construção’ reconhece e opera os pontos negativos e positivos, enquanto a ‘positividade’ pode chegar a negar o que é negativo sem operá-los adequadamente; ao contrário da ‘negatividade’, que nega o que é positivo. (RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 2014, p. 512).

2.5 Design como mediador entre São Luís e ludovicenses

Atualmente o Design tem a atuação projetual ampla, para além da projeção de produtos e peças gráficas, mas observando contextos mais complexos e interativos, transformando-se em disciplina processual sistêmica, que participa do todo e não mais reservado aos “términos” de projetos. Pelo caráter processual e sistêmico, se faz presente e tendo conversas intensas com áreas antes não imaginadas para o exercício deste saber, potencializando sua capacidade interdisciplinar. (KRUCKEN, 2009, p. 44)

Devido a isso, o profissional e/ou acadêmico em Design vem se instrumentando e habilitando para se manter apto a responder as novas realidades e necessidades de projeção da área. Servido de saberes sobre imagem, cores, representações, produtos e demais outras bases necessárias que conversam mundo material ao mundo do indivíduo, ainda olhando questões práticas, produtivas, sustentáveis (economia, sociedade, ecologia, etc.) e cognitivas, segundo Lia Krucken (2009), é o profissional que possui mais capacidades e possibilidades “de criar novos modelos de referência, de imaginar novos estilos de vida com base nestas ordens diversas de valores e de qualidade”. (KRUCKEN, 2009, p. 15).

Pela valorização contemporânea de conceitos e práticas ligadas à, por exemplo, imagem e sustentabilidade, a sociedade tem se concentrado cada vez mais em indicadores e intensificaram a busca pelas informações do que está sendo promovido; buscando a imagem/reputação de entidades, órgãos, grupos, etc. e a história por trás de seus produtos, coleções, etc. Portanto, o design tem sido bastante requisitado para agregar valor a produtos e objetos. (KRUCKEN, 2009)

Entre São Luís e os ludovicenses, o design, na figura do graduando em design, se propõe mediar a relação na agregação do que Lia Krucken (2009) definiu como sendo ‘valor emocional’ e ‘valor simbólico e cultural’:

b. valor emocional – de caráter subjetivo -, incorpora motivações afetivas ligadas às percepções sensoriais que compreendem componentes táteis, visíveis, olfativos e gustativos e o sentimento relacionado à compra e ao consumo/utilização do produto. Incorporam ainda a dimensão ‘memorial’, relativa a lembranças positivas e negativas de acontecimentos passados;

[...]

d. valor simbólico e cultural – profundamente relacionado às outras dimensões da qualidade -, relaciona-se à importância do produto nos sistemas de produção e de consumo, das tradições e dos rituais relacionados, dos mitos e dos significados espirituais, da origem histórica, do sentido de pertença que evoca. Está associado ao desejo de manifestar a identidade social, pertença em grupo étnico, posicionamento político, entre outras intenções. Fortemente influenciado pelo contexto sociocultural (época, local) e pelos fenômenos contemporâneos, esta dimensão está relacionada ao “espírito do tempo” e à condição de interpretação do produto em um referencial estético. (KRUCKEN, 2009, p.27)

Valores como estes, interativos e diversos, em sua natural complexidade não são construídos de forma linear, mas sim dinâmica. Portanto o projeto de valorização pelos marcos, a começar pela provocação do olhar do ludovicense, precisa ser aberto e envolver a estes indivíduos locais, para melhor entendimento de seus olhares e atual estado de valorização que projetam nestes artefatos. (KRUCKEN, 2009, p.47). Assim sendo, o design pode ser entendido nesse processo como elucidante e comunicador de memórias para a ressignificação dos significantes de um território. (CARVALHO e CASCO in CARMARGO; RIBEIRO; FAJARDO, 2012, 105)

3. METODOLOGIA

Para tornar a extensão do trabalho viável e admitindo que questões de valorização entram em processos complexos, portanto não-solúveis com brevidade, além disso não desejando ser objeto da “hipersimplificação” (MORIN, 2015, p. 15), este trabalho foi dividido em atos, onde este é o primeiro ato (ATO I – Provocação) e os demais atos se farão ao término deste, na perspectiva do mestrado. Desse modo, se propõe ser a semente de sensibilização aos ludovicenses para que prestem maior atenção nas outras linguagens da cidade, que falam sobre ela, assim os provocando.

Na pretensão de ser um projeto aberto, flexível e que incorpora o cidadão, este trabalho é auxiliado pelo elenco de ações para projetos de valorização de artefatos locais, proposto por Krucken (2009), e observa as pontuações e questões levantadas por cada ação para:

RECONHER as qualidades do produto e do território.

ATIVAR as competências situadas no território.

COMUNICAR o produto e o território.

PROTEGER a identidade local e o patrimônio material e imaterial.

APOIAR a produção local.

PROMOVER sistemas de produção e de consumo sustentáveis.

DESENVOLVER novos produtos e serviços que respeitem a vocação e valorizem o território.

CONSOLIDAR redes no território. (KRUCKEN, 2009, p.98)

Como exposto no capítulo 1 (Introdução), trata-se de uma abordagem qualitativa e reflexiva, na metodologia de fotoelicitação, portanto o desenvolvimento da ferramenta protótipo é considerado fundamental para este trabalho. Com a ferramenta, torna-se possível incitar as memórias e narrativas ludovicenses, além de entender quais percepções de importância circulam os objetos culturais-identitários de São Luís por parte dos participantes do projeto.

As etapas metodológicas iniciais recolhem dados para possibilitar o desenvolvimento da ferramenta, que há de se aproximar de seus conflitos, discursos, indagações, tais informações importantes ao processo criativo da peça provocativa. Também visa se a cidade percebe os mesmos *stakeholders* da comunidade, que será o principal definidor dos participantes-representantes ao momento da aplicação da ferramenta fotoelicitatória.

3.1 Etapas da metodologia

O projeto conta com seis momentos de campo, sendo eles campos exploratórios (que sonda de maneira ágil), campos de pesquisa (que se aprofunda) e campos de ação (que atua no e conjuntamente ao campo). A Tabela 01 mostra como o projeto se propõe desenvolver, evidenciando etapas/campo, ações e/ou pesquisas, ferramentas e/ou técnicas pretendidas a serem utilizadas. Apesar do detalhamento que possibilita ao transcorrer do projeto, compreende-se que cada etapa/campo tem sua fluidez, podendo surgir a necessidade de uso de ferramentas outras ou ações outras mediante os campos.

Tabela 01 – Etapas metodológicas com propostas de ações e ferramentas/técnicas.

ETAPAS	AÇÃO/PESQUISAS	FERRAMENTA/TÉCNICA
Pesquisa/Coleta de Informações	Objetos na cidade Similares Relação Ludovicense-São Luís Identidade Ludovicense Análise das informações	Pesquisa desk
CAMPO I – Identificação dos marcos urbanos	Tour pelas principais avenidas de São Luís Localizá-los na cidade	-- mapa-trajeto
CAMPO II - Fotoescolha	Produção do Painel de Fotoescolha Lançamento online do questionário Passeio com o painel em lugares populosos Levantamento e análise de dados Seleção dos 3 marcos para trabalhar	-- Quest. estruturado; perguntas semi-abertas Pesquisa passiva -- --
CAMPO III - Aproximação aos marcos	Ida à comunidade dos marcos Órgão responsável pela paisagem urbana ludovicense Análise das informações	Observação e descrição densa Mapeamento local Entrevistas abertas Entrevista aberta e semi-estruturada Critérios norteadores

ETAPAS	AÇÃO/PESQUISAS	FERRAMENTA/TÉCNICA
CAMPO IV – Aplicação da Ferramenta Fotoelicitatória	Definição dos <i>stakeholders</i>	Mapa dos <i>stakeholders</i>
	Definição dos representantes qualitativos dos <i>stakeholders</i>	
	Categorização das imagens a serem trabalhadas	Diagrama de afinidades
	Produção/Pesquisa de imagens auxiliarem que comporão a ferramenta junto aos marcos	
	Sistematização da ferramenta	
	Produção do questionário auxiliar à ferramenta	
	Produção da ferramenta	
	Aplicação com participantes	Entrevista Fotoelicitatória
	Análise dos dados	
Processo criativo	Definição da peça gráfica para devolução à cidade e comunidades	<i>Moodboard</i>
	Desenvolvimento de peça gráfica provocativa	
CAMPO V - Devolução à cidade	Entrega da peça gráfica impressa aos moradores da comunidade dos marcos	À ser definida pós CAMPO IV
	Disseminação de peça gráfica à cidade (física e virtual)	
CAMPO VI - Recolhimento/<i>feedbacks</i>	Reação da comunidade e sujeitos de pesquisa diante peça gráfica	
	Observação da reação da cidade	

Fonte: Autora

A cidade é ampla e vista de vários e inúmeros pontos de vistas. Para um ambiente tão vasto e dinâmico, a questão de valorização é preciso ser encarada de forma interativa, onde possam falar. Mediar essa interação, enquanto ator participante (e não protagonista), é reforçar o importante papel que o design/designer tem. (PORTELA *et al.*, 2017; KRUCKEN, 2009).

Para melhor entendimento e especialmente neste trabalho, a Figura 01 ilustra os macro-universos presentes neste projeto, onde o universo nomeado “População” é compreendido pelos habitantes de São Luís (quem mora na ilha); o universo “Comunidade” compreende os

habitantes que moram ao redor dos marcos (capítulo 4 deste trabalho); “Público selecionado” são as pessoas escolhidas como participantes ao momento da aplicação da ferramenta fotoelicitatória (capítulo 5 deste trabalho) e; “Cidade” compreende toda e qualquer pessoa que está em São Luís (moradores, residentes, turistas, ‘escalonistas’, etc.).

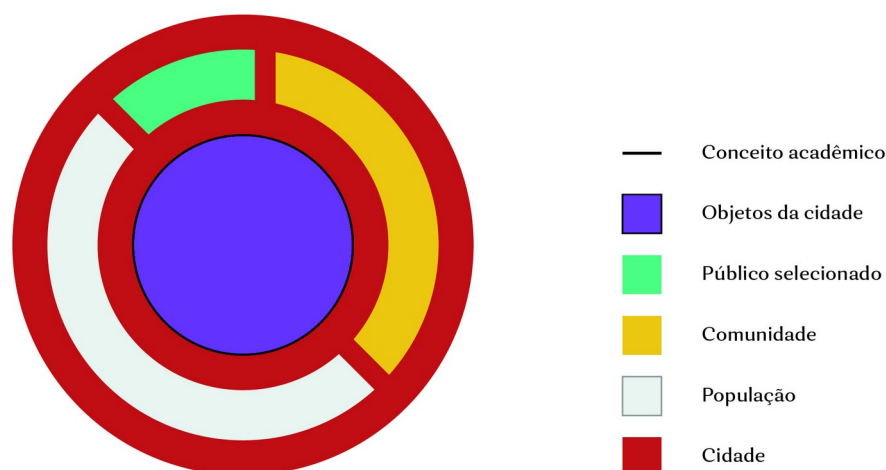


Figura 01: Gráfico dos universos presentes no projeto
Fonte: Da autora

Dos campos deste projeto, o primeiro campo (Campo I) é exploratório. Apoiar-se nos conceitos sobre marcos urbanos (expostos e recortados no capítulo 1) e nas pesquisas exploratórias na busca de informações preliminares e identificação de insumos destes na cidade-ambiente São Luís do Maranhão. Assim como utilizando a “pesquisa desk”, de *desktop* por boa parte dela ser feita através do computador (VIANNA *et. al*, 2012, p. 32), como procedimento de acesso às primeiras informações sobre os marcos identificados. Pesquisa essa que consiste na busca de informações em fontes diversas (desde domínios *online* até teses e publicações impressas), usada para reconhecer e compreender melhor as informações relativas aos assuntos e atores a serem tratados e trabalhados neste projeto. (VIANNA *et. al*, 2012)

O segundo campo (Campo II), também campo exploratório, observa a ação ‘RECONHECER’ e suas questões, lançando à população de São Luís a escolha dos marcos que mais despertam suas curiosidades ou os quais têm mais interesse em entender. O processo de escolha se dá em dois ambientes: virtual e físico, onde o virtual conta com formulário *online* constando as imagens dos marcos identificados; enquanto o físico atua como complementar ao virtual, baseado nos marcos que mais receberam votos online.

O terceiro campo é de pesquisa (ATIVAR, das ações para valorização de artefatos locais [KRUCKEN, 2009]), onde selecionados os marcos urbanos a serem estudados, aprofunda-se o estudo sobre eles, buscando mais informações oficiais e próximas a eles, conhecendo as experiências e memórias da comunidade. Compreender o espaço deste, as qualidades e os

demais aspectos que vem agregado a territorialidade do objeto (KRUCKEN, 2009), também mapeando seu entorno. Neste momento pretende-se conseguir as primeiras narrativas, entender a imagem que são para suas comunidades e como elas e adjacências interagem com o artefato. Este momento terceiro precede a elaboração da ferramenta fotoelicitatória.

No quarto campo inicia-se o processo de atuação, o campo de ação, onde baseado nas informações conseguidas, elabora-se uma ferramenta protótipo de fotoelicitatória e um questionário auxiliar a esta. Com a aproximação das questões e algumas narrativas que cercam os marcos advindas das etapas anteriores, são selecionados representantes dos *stakeholders*, focando não a quantidade, mas a qualidade das informações que serão agregadas. Pretende-se nesse momento, confrontar os participantes da ferramenta-protótipo com todos os possíveis ícones da cultura material ludovicense, incluindo os marcos estudados. Perceber seus discursos, conhecer outras possíveis narrativas e entender como eles são hierarquizados, como são vistas a importância de cada um. (COMUNICAR e PROTEGER, das ações para valorização de artefatos locais [KRUCKEN, 2009]).

Após estes campos, o quinto e sexto campo devolvem as informações conseguidas em forma de material gráfico e virtual provocativo, alguns deles podendo trazer alguma das narrativas compartilhadas durante o processo, e observa o *feedback* da cidade para com as provocações. A(s) peça(s) gráfica(s) será/serão definida(s) ao final do quarto campo, por já ter um apanhado informacional e memorial que auxiliará na escolha da estratégia de devolução, definindo a peça mais indicada.

Nos momentos pós-campo, momento para reflexão importante de quais os primeiros retornos do ATO I e como pode se dá o ATO II (pós-TCC [Trabalho de Conclusão de Curso]), que também será reflexo do que se conseguiu de informações, reflexões e resultados do ATO I. Apesar disso, vislumbra-se três atos: I) Provocação; II) Relação/Representação; e III) Disseminação. Onde o segundo ato possivelmente materialize a importância dos marcos destacados no primeiro ato, de forma a incentivar novas construções de relação ludovicense-marco, com propostas de intervenção urbana; e o terceiro ato possivelmente foque na divulgação destas importâncias em grande escala, possibilitando o conhecimento e reconhecimento destes valores para manutenção de seus sentimentos de pertença.

4. DESENVOLVIMENTO DE PROJETO

Neste capítulo, apresenta-se o relato de pesquisas e ações do e nos campos I, II e III integrantes das etapas metodológicas, além das reflexões e informações advindas das pesquisas preliminares. Juntamente aos relatos, aqui são inclusos as reflexões de cada campo e a exposição dos dados conseguidos neles. Os momentos de vivência destes campos fazem parte também do processo de desenvolvimento da ferramenta protótipo fotoelicitatória. As reflexões, narrativas, memórias e informações aqui conseguidas guiaram as decisões para sua sistematização, que será devidamente descrita no capítulo 5 deste trabalho. Reflete-se, durante estas etapas, a reciprocidade das provocações: a cidade nos provoca e quando a provocamos, ela nos provoca de volta.

4.1 Pesquisas exploratórias

Para iniciar o processo de imersão, as pesquisas preliminares fazem-se importantes para conseguir uma familiarização com o objeto estudado. Utilizando a pesquisa desk para buscar informações dos elementos percebidos e indicados como marcos da cidade, obteve-se a aproximação inicial com o universo quisto, o que auxiliou na formulação de hipóteses sobre este. As pesquisas exploratórias foram divididas em duas intenções:

- 1) Busca de informações dos elementos urbanos da cidade de São Luís percebidos e reconhecidos;
- 2) Busca de casos de marcos de diferentes níveis (nacional e internacional), para compreender as estratégias existentes de mediação na relação indivíduo-cidade;

Para saber quais elementos são destacados além dos edifícios de arquitetura colonial, como forma de entender o que é reconhecido pelos veículos de informação, notou-se que, na primeira intenção exploratória, há uma concordância com a referência colonial ludovicense. Em boa parte dos elementos encontrados houve o reforço e realce de alguns personagens e momentos que afirmam o poder de influência européia da época, como, por exemplo, a Pedra da Memória, o mirante do Cais da Sagração, as estátuas de Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória, Duque de Caxias e do Almirante de Tamandaré. Indo contra a tal referência, os demais elementos encontrados foram a Pirâmide de Beckman, as fontes de água presentes no Centro Histórico, a Mãe d'Água (Figura 02) e, com bastante destaque, a escultura dos Três Pescadores.



Figura 02: Estátua da Mãe D'água.
Fonte: Jornal Pequeno (<https://bit.ly/2IaYea5>)

Ainda da primeira intenção, foi feita uma lista com os elementos citados e encontrados (APÊNDICE A) para garantir o registro da informação e posteriormente ser aprofundada a pesquisa sobre cada um deles. As informações conseguidas dos elementos que estão destacados aqui nesse trabalho serão percorridas no próximo item (4.2).

Importante notar que boa parte dos elementos identificados nas pesquisas foram mais facilmente encontrados quando se buscou pelo termo “monumento”, o que pode sugerir a noção de relevância e, por que não, importância de tais elementos à cidade dadas por estes veículos de informação. Porém ainda não entrando no mérito da palavra, por não sabermos se assim as pessoas da cidade os reconhecem.

Da segunda intenção exploratória, observou-se marcos e elementos urbanos de cidades nacionais e internacionais, pesquisando suas histórias e razões de estarem nas cidades. Na busca de entender como as demais cidades fazem com que os indivíduos/cidadãos interajam com os marcos e elementos, esta intenção contribui para ampliar o olhar estratégico sobre como uma cidade pode contar sua história através desses elementos.

A grandeza do escopo nacional e internacional fez com que várias formas fossem encontradas. Percebeu-se que é comum encontrar elementos e marcos de porte faraônico, extremamente grandes e pomposos, como é o caso do Duque de Caxias em São Paulo (capital) (Figura 03), que já até fora uma das maiores estátuas equestres do mundo, com quarenta e oito (48) metros de altura (NASCIMENTO, 2015). Além desse formato, um exemplo aparentemente tem se tornado comum pelo mundo afora é o dos elementos interativos. Geralmente marcos os quais a população possa se aproximar, criar cenários com eles, muitas vezes divertidos. Tal formato se apresenta mais “calorosamente” causando um estranhamento e despertando a curiosidade com maior facilidade, além de eternizar um momento ou pessoa de maneira mais viva. Talvez por estas hipóteses se justifique o fato de alguns deles não apresentarem informações explicativas neles. Exemplos destes formatos são as estátuas nas ruas da cidade de Budapeste (Hungria) (da esquerda, Figura 04), um

monumento em homenagem às vítimas da chacina em Realengo (do meio, Figura 04), Rio de Janeiro (RJ) e estátuas de célebres cariocas (da direita, Figura 04), Rio de Janeiro (RJ).



Figura 03: Monumento em memória Duque de Caxias – São Paulo (BR)

Fonte: São Paulo Antiga (<https://bit.ly/2KV8Hsa>)



Figura 04: Exemplos de marcos pelo mundo, respectivamente, em Budapeste (1) e Rio de Janeiro (2 e 3).

Fonte: Editado pela autora. Da esquerda à direita, Huffpost Brasil (<https://bit.ly/2KTpGuJ>), EBC – Empresa Brasil de Comunicação (<https://bit.ly/2KUfbHB>) e blog ‘Por onde andei’ (<https://bit.ly/2IcJasK>)

Outra estratégia percebida para mediar a relação indivíduo-marco pelas demais cidades e países do mundo é a utilização de plataformas “visits”, como, por exemplo, o visit.rio (Figura 05). Elas servem para colecionar grupos de elementos, lugares e experiências possíveis de serem vividas na cidade. Não se voltando somente ao caráter turístico externo, mas ao que chamam de turismo interno, feito pelos próprios habitantes. Tais plataformas que agregam estas informações facilitam o reconhecimento e transmissão de conteúdo sobre a cidade, contribuindo para entendê-la de maneira geral.

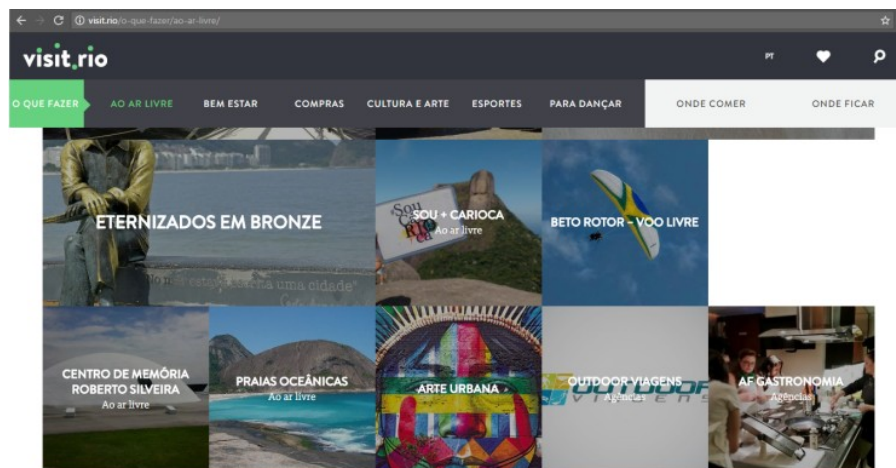


Figura 05: Visit.rio, página de divulgação de atrativos carioca.

Fonte: Captura de tela da página ‘<http://visit.rio>’

Complementando as pesquisas exploratórias, após a execução do Campo I, novas buscas foram feitas, desta vez presencialmente. Procurando documentos que reunisse informações sobre os elementos identificados na cidade. Partindo da sede da Prefeitura de São Luís, fui direcionada à SETUR (Secretaria Municipal de Turismo), que me redirecionou ao IPHAN, que me redirecionou à FUMPH (Fundação Municipal de Patrimônio Histórico). De lá, fui redirecionada à SECULT (Secretaria Municipal da Cultura). Os anteriores à SECULT alegaram não serem responsáveis pelas informações da maioria dos elementos que buscava, sendo o IPHAN a entidade que demonstrou ter mais informações, porém só aos elementos pertencentes ao perímetro de tombamento federal de São Luís, e, para completar, a biblioteca se encontrava em reforma, não permitindo meu acesso ao acervo.

Na SECULT, um servidor compadecido pelos sucessivos redirecionamentos que enfrentei, entrou em contato com sua esposa que é turismóloga atuante pelo Estado do Maranhão perguntando onde poderia encontrar informações sobre os elementos (do item 4.2) apresentados a ele. Foi-me informado, primeiramente, que não há secretarias ou setores específicos para tratar essas informações, há somente recortes em muitos departamentos, secretarias, fundações e em produções acadêmicas universitárias na internet, mas que, secundamente, poderia encontrar tais recortes 1) nos quiosques de informações turísticas da SECTUR (Secretaria de Cultura e Turismo do Estado), indicando-me um próximo à Praça Benedito Leite; 2) no Arquivo Público, e talvez; 3) no IMPUR (Instituto Municipal da Paisagem Urbana).

Duas frases ditas por servidores da SECULT tiveram bastante impacto durante essa busca: “Incrível, né? Tanta secretaria e órgãos e nenhum tem essas informações” e “Na verdade, na verdade, nós não temos história”. O que me fez perceber que estes momentos de busca/pesquisa já são provocações, uma vez que os estava fazendo buscar por aqueles dados junto comigo e levando-os a perceber tal deficiência informacional, que atinge diretamente o relacionamento do ludovicense com a cidade. Sobre não termos história, a afirmação do servidor soa impactante por compreendermos que existe uma história promovida sobre São Luís, portanto como pode tal afirmação surgir? No entanto, tal fala parece nos atentar ao fato

de qual história está sendo contada e qual está sendo preservada/conservada. O que me levou a questionar quais as possíveis razões de não haver tais informações concentradas pelos órgãos públicos: se desinteresse público-político, se falha estratégica, se menosprezo a essa linguagem urbana, entre outros imaginados e não imaginados.

Felizmente, no Arquivo Público foram encontrados quatro obras que falavam ou citavam brevemente alguns dos elementos buscados. Tais informações estão contempladas no próximo item (4.2).

4.2 Identificando os marcos em São Luís – MA

A busca dos marcos urbanos (CAMPO I), iniciada em 12 de outubro, se fez essencialmente nas principais avenidas da cidade. Partindo do pressuposto que estes marcos têm pouca observância, ampliar a possibilidade de “visão” deles potencializa a inclusão geral das pessoas da ilha no trabalho, além de aumentar a possibilidade de estes já terem visto algum destes, comparados aos marcos presente em interiores de bairros.

O roteiro de avenidas foi dividido em dois momentos, ilustrado na Figura 06, representando também a dimensão dos trajetos percorridos. No primeiro momento, dia 12 de outubro de 2017, acompanhada por Vânia Rocha (46, mãe), percorreu-se inicialmente as avenidas: Getúlio Vargas, Avenida dos Franceses, Daniel de La Touche, Jerônimo de Albuquerque, Guajajaras, Matos Carvalho, Avenida dos Franceses, São Marçal/João Pessoa, Guaxenduba (Kennedy), Vitorino Freire, Beira Mar e Camboa. Trajeto correspondendo, respectivamente, às localidades/bairros (senso comum ludovicence): Monte Castelo, Alemanha, Ipase de baixo, Angelim, Cohab, Forquilha, São Cristóvão, Retorno do Aeroporto, Vila Lobão, Outeiro da Cruz, João Paulo, Avenida Kennedy, Madre Deus, Portinho, Beira Mar e Camboa.

Durante o primeiro momento, Vânia, curiosa sobre o tema do trabalho que estava sendo desenvolvido, principalmente observando a grande rota que precisava ser feita ao Campo I, questionou uma problemática que fora percebida durante o momento da pesquisas pré-campo. O questionamento dela atenta à consciência da importância destas informações estarem e serem compartilhadas:

Vânia: Não tem essas coisas na internet?

Daniele: Boa parte não.

Vânia: Não?! Mas não é importante ter essas coisas?

Daniele: Supõe-se que sim, mas quase não tem.

No segundo momento, dia 18 de outubro de 2017, acompanhada Clailton Lindoso (37, amigo-professor), percorreu-se as avenidas: Getúlio Vargas, Alexandre Moura, Gomes de Castro, Beira Mar, Vitorino Freire, Avenida dos Portugueses, Avenida dos Africanos, Avenida dos Franceses, Edson Brandão, Casemiro Junior, São Sebastião, São Luís Rei de França, Avenida dos Holandeses, Daniel de La Touche, Jerônimo de Albuquerque, Colares Moreira, Castelo Branco e Professor Carlos Cunha. Correspondendo às localidades (senso comum ludovicence) do: Centro, Beira Mar, Bacanga, Anjo da Guarda, Avenida dos Africanos, Anil, Turu,

Avenida dos Holandeses, Retorno do Caolho, Cohama, Vinhais, Cohafuma, Renascença, São Francisco e Jaracaty.



Figura 06 – Mapa-roteiros percorridos
Fonte: Da autora

Durante o segundo momento, Clailton também levantou questionamentos, sugerindo os bustos e personalidades que se encontravam em ambientes não viáveis como sendo possíveis objetos de estudo. Contudo, apresentou um objeto que passa despercebido, mas que também é considerado marco e estava num ambiente viável, ou seja, dentro do recorte proposto aqui:

Clailton: Tá vendo esse tótem aí?

Daniele: Sim.

Clailton: Ele é o Tótem do Bandeira Tribuzzi. Fizeram ele assim que construíram a ponte. Tinha até uma placa nele, mas quase não dá pra ver.

Em oposição a afirmação de Adriana* de “Não tem marco nenhum nessa cidade!”, ao término das rotas, foram identificados, ao todo, trinta e cinco (35) elementos marcos, (mapeados na Figura 07), onde vinte e três (23) deles são representações abstratas ou de objetos cotidianos e doze (12) deles representam personagens e/ou personalidades. Dos marcos abstratos, existe dois tipos que se repete na cidade, somando nove (9) identificados.



Figura 07: Mapa-roteiro com localização dos marcos identificados

Fonte: Da autora

Abaixo, eles são apresentados (nomeados, localizados, descritos e percorridos) utilizando principalmente as informações conseguidas durante as pesquisas exploratórias (pesquisa desk e Campo I). Também usa das referências apontadas nas etapas seguintes deste projeto, centralizando estas a fim de manter tais informações conectadas, facilitando a compreensão sobre os marcos.

*- Alguns nomes foram alterados.

1 - DUQUE DE CAXIAS

Localizado no bairro do João Paulo, na Praça Duque de Caxias, de frente ao 24º Batalhão de Infantaria de Selva, do Batalhão Barão de Caxias (BRASIL, 2017), na Av. São Marçal/João Pessoa. A praça se encontra em terreno alto, com entorno bem arborizado, com o acesso feito através de uma escadaria principal, ao centro, ou por calçada em ladeira, pelas laterais. O elemento se encontra na área central desta praça, o que oferece maior visibilidade ao elemento, tanto pela própria imponência e destaque cromático, quanto pela grandiosidade dada pela praça, apesar de em determinados ângulos as árvores o escondem.

Construída no Rio de Janeiro, o monumento à Duque de Caxias (Figura 08), patrono do exército brasileiro, fora encomendada por Paulo Martins de Sousa Ramos, interventor federal no governo do Maranhão (1936-1945). Foi modelada e fundida pelo escultor José Octavio Correia Lima e inaugurada em 19 de janeiro de 1945. Trata-se de uma das maiores estátuas equestres do Brasil, pesando quatro (4) toneladas. (MARTINS, 2013)



Figura 08: Monumento à Duque de Caxias (MA).

Fonte: Da autora.

O elemento apresenta Duque de Caxias em seu cavalo, ambos em cor preta, sobre um pedestal de cor clara onde estão colocadas três grandes placas em sua frente; nas duas laterais exibe painéis com arcos semicircunferenciais, cada, que figuram o homenageado em momentos históricos: 1) retrata a “pacificação” do Maranhão, após a Balaiada (mais longa “revolta” popular); 2) retrata sua chegada na província do Maranhão montado no ginete. Nas costas do elemento, não possui nada a mais.

Próximo à Junta de Serviço Militar 110ª Região e ao conjunto residencial do Exército Brasileiro em São Luís, o elemento representa Luiz Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias) que foi um importante oficial imperial que atuou nas infantarias, cavalaria e articulações terrestres, “personagem ímpar para a política imperial repressiva dos concertos oligárquicos que ajudaram na estruturação do império do Brasil” (LIMA *apud* BACCENGA, 2017). Posto estrategicamente próximo à significância militar do exército com intuito de fortalecer o ideal de heroísmo dos soldados.

2 – ALMIRANTE/MARQUÊS DE TAMANDARÉ

Localizado em um dos mirantes circulares do Forte da Beira Mar, na Avenida Beira Mar, próximo às praças Maria Aragão e Gonçalves Dias, o elemento fica ao centro do espaço. Patrono da Marinha do Brasil (MARINHA DO BRASIL, [20--?]), o monumento ao Almirante de Tamandaré (Figura 09) fica na mesma avenida onde estão Condomínio da Marinha e a área das Capitânicas dos Portos. O ponto observa o trânsito vindo da região da Camboa e da Ponte Bandeira Tribuzzi, de fluxo menos intenso que o trecho da Av. Beira Mar que parte da antiga estação de trem até a rampa de acesso ao Centro Histórico (pelo Palácio dos Leões).

O elemento apresenta a figura de Joaquim Marques Lisboa em corpo todo, em cinza claro, erigido em pedestal com placas de pedra que se assemelha a granito e cerco baixo, de metal pintado de preto, com pequena abertura para passagem. Exibe uma placa metálica no alto da frente do pedestal, com sinais de desgaste pelo clima e tempo, que impossibilita leitura.



Figura 09: Monumento ao Marquês de Tamandaré

Fonte: Da autora

Assim como Duque de Caxias, foi oficial que agiu em nome da política imperial. Participou das guerras do Paraguai, Cabanagem e Balaiada, atuando nas operações fluviais e marinhas. (LIMA *apud* BACCENGA, 2017). Porém, o Marquês, diferente do primeiro, é visto com uma personalidade mais simples/modesta, mesmo com a honra e admiração demonstrada por seus serviços militares e a D. Pedro II, como entendido em seu testamento:

Exijo que não se façam anúncios e nem convites para o enterro de meus restos mortais, que desejo sejam conduzidos de casa ao carro e deste à cova por meus irmãos em

Jesus o Cristo que hajam obtido o fórum de cidadãos pela Lei de 13 de Maio. Isto prescrevo como prova de consideração a essa classe de cidadãos em reparação a falta de atenção que com eles se teve pelo que sofreram durante o estado de escravidão; e reverente homenagem à grande Isabel Redentora, benemérita da pátria e da humanidade, que se imortalizou libertando-os.

Exijo mais, que meu corpo seja conduzido em carrocinha de última classe, enterrado em sepultura rasa até poder ser exumado, e meus ossos colocados com os de meus pais, irmãos e parentes, no jazigo da família Marques Lisboa.

Como homenagem à Marinha, minha diletta carreira, em que tive a fortuna de servir a minha pátria e prestar alguns serviços à humanidade, peço que sobre a pedra que cobrir minha sepultura se escreva:

"Aqui jaz o velho marinheiro". (NASSIF, 2013)[grifo da autora].

3 - SANTO REI

Localizado próximo ao sinal do retorno de quem vem do Aeroporto Internacional de São Luís e se direciona ao Terminal Rodoviário de São Luís, na transição da Av. dos Franceses à Av. Matos Carvalho, na entrada da zona urbana da cidade, no Tirirical.

Com o olhar voltado à entrada da cidade, o elemento (Figura 10) é erigido num pedestal em monte de pedras, pintado com tom de verde acinzentado. Encimado pela estátua totalmente em branco, portando uma **almofada com uma coroa de espinhos** na mão esquerda, um **cetno** na direita e coroa na cabeça ornamentada com *fleur-de-lis*, muito usada, particularmente, na heráldica, costumeiramente associada à coroa francesa (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, [199-?]), referências ao santo rei Luís IX (Figura 11), mais conhecido como São Luís, Rei de França. O elemento, no entanto, não possui nenhuma sinalização de quem se trata, apesar de haver na parte frontal do pedestal um espaço plano onde possivelmente existira uma placa.



Figura 10: Marco urbano do Santo Rei
Fonte: Da autora



Figura 11: Referências de São Luís IX.

Fonte: Blog Borboletas ao Luar (<https://goo.gl/Je4KkN>); Blog Heróis medievais (<https://goo.gl/uqTWQE>); Blog do Padre João Dias Rezende Filho (<https://goo.gl/sVDJNL>); site Koha Islame (<https://goo.gl/64R9TW>)

Simbolicamente colocado na entrada da cidade possivelmente comunicando as bênçãos de boas vindas a quem chega ou as bênçãos de boa viagem a quem sai, São Luís fora um querido rei da França medieval, conhecido por querer viver sob o olhar do Deus cristão. Tornou-se rei aos 12 anos, e fora regido por sua mãe, Branca de Castela, até ter idade para assumir, aos 20 em 1234. (DE OLIVEIRA, [20--?]).

Na cidade de São Luís, tem duas igrejas dedicadas a ele, além de ser associado ao “gentil” (encantado de origem européia ou cabocla) Dom Luís Rei de França, pelo Tambor de Mina. (CMF, 2011; S LUÍS REI DE FRANÇA ANGELIM, [20--]; PORTAL GUARÁ, 2016). No dia do aniversário da cidade, 8 de setembro, é realizada a Procissão dos Orixás, onde há andor dedicado ao santo rei, considerado “dono de São Luís”. Ao término da procissão, a lavagem das escadarias da Igreja do Desterro simbolizando a purificação da cidade e do Estado. (O ESTADO DO MARANHÃO, 2008).

Apesar da confusão com seu nome, tanto enquanto monarca francês (houve outros Luís, inclusive o pai dele, Luís VIII) como enquanto santo canonizado (outros santos de nome Luís), São Luís IX é o único santo que fora rei. O nome da cidade e o nome do forte são dedicados a ele: Luís IX. (ABREU, 2017)

4 - ARRASTÃO

Localizado na “entrada” da Praia de São Marcos, na Avenida Litorânea, entre os bairros São Marcos e Ponta do Farol. É afastada de residências, sendo os mais próximos dois condomínios do tipo apartamento, o Edifício Dionel Sousa e o Litorânea Beach Residence, porém com alta circulação de pessoas e relativo tráfego de carros, por se estar numa praia. Atrás dela há um estacionamento e dois quiosques de praia.

De nome “Arrastão” (Figura 12), também conhecida como “Os Três Pescadores”, obra do artista plástico Cordeiro do Maranhão (Francisco das Chagas Cordeiro de Almeida), foi inaugurada em 31 de dezembro de 2003 medindo 15m de comprimento, 5m de altura e 4 toneladas de tubos e chapas de aço, recentemente revestida em fibra de vidro. (O ESTADO

DO MARANHÃO, 2017; FROTA, 2003). A obra figura três pescadores puxando a rede de pesca conhecida por arrastão, dando seu nome. Os três vestindo chapéus de abas longas, dando a eles um ar misterioso. Nenhum deles, no entanto, tem feição feita/detalhada, devido ao estilo contemporâneo simples empregado.



Figura 12: Marco urbano “Arrastão”.

Fonte: Da autora.

A escultura representa os personagens-símbolo da cultura ludovicense, que é potencialmente marinha pelo fato de ser uma ilha. Pela importância dada, é considerada o “monumento aos pescadores” (O ESTADO DO MARANHÃO, 2017), sendo também até hoje um dos principais cartões postais de São Luís. A escultura, por isso, recebe mais atenção se comparada com as demais obras e esculturas pela cidade, tendo iluminação focal. Já tivera placas identificando-a, porém fora retirada, não se sabe por quem.

5 - MIGUEL VIEIRA FERREIRA

Localizado na rotatória da região denominada Anel Viário, Av. Vitorino Freire, conectando-a à Rua das Cajazeiras e à avenida de acesso ao Mercado Central, área de grande fluxo na cidade. Posicionado ao centro da rotatória, o elemento tem quatro caminhos de acesso que cortam a rotatória em quadrantes e fazem canteiros de vegetação em torno deste como visto na Figura 13.

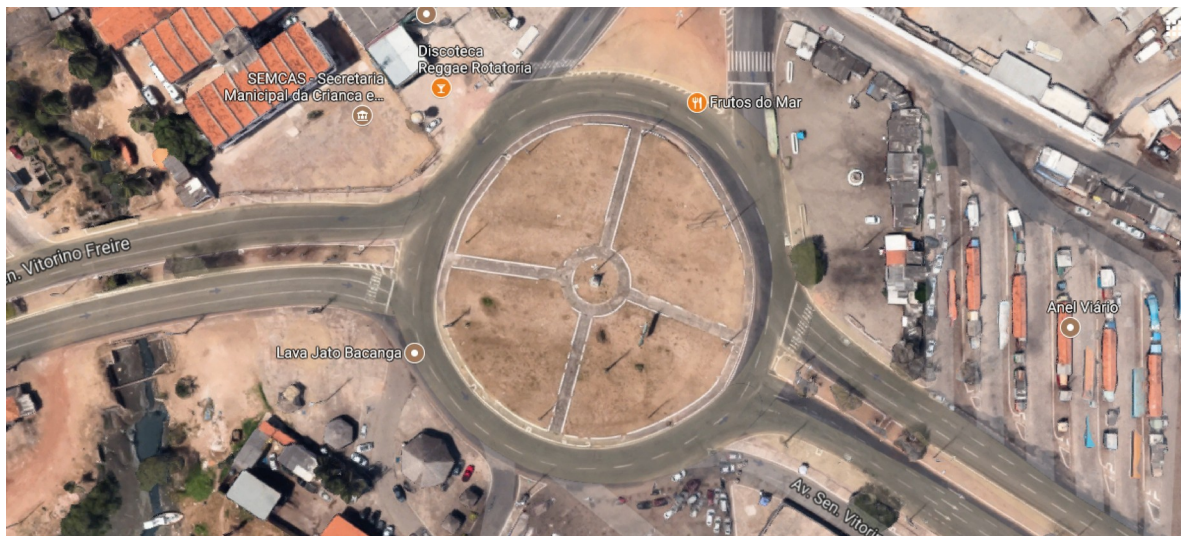


Figura 13: Vista superior de satélite da rotatória onde se encontra o marco.

Fonte: Google Maps (captura de tela 22 dez. 2017).

O elemento é erigido em pedestal de granito claro, com dois níveis, tendo o primeiro uma placa de metal identificando e apresentando o homenageado; e o segundo é encimado pela escultura de corpo todo do Dr. Miguel Vieira Ferreira, em material de cor escura. (Figura 14). Há pixação em uma das faces do pedestal e sinais de cola de cartazes. Na placa (Figura 14) presente está escrito:

Nascido à Fonte das Pedras nesta cidade de São Luiz [*sic passim*] do Maranhão, aos 10 de dezembro de 1837, doutor em Ciências Físicas e Matemáticas, engenheiro, abolicionista, idealizador e fundador do primeiro Clube Republicano do Brasil na cidade do Rio de Janeiro, signatário do célebre Manifesto republicano de 1870. Fundador e primeiro pastor da IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA, primeira igreja evangélica fundada no Brasil em 11 de setembro de 1879. Seus discípulos residentes no Brasil, de norte a sul, congratulam-se com São Luiz, pela ereção deste monumento a tão alta personalidade de nossa pátria.



Figura 14: Monumento à Doutor Miguel e a placa presente no pedestal.

Fonte: Da autora

Miguel Vieira Ferreira foi um importante pregador do evangelho no Brasil. Iniciado e convertido pela Igreja Presbiteriana Brasileira, em 1874, quando a doutrina ainda tinha prática recente no país. Antes de sua conversão, no entanto, num acesso extático, Miguel afirmou ter vivido uma experiência sobrenatural onde havia recebido mensagens proféticas de Deus. Por isso, o reverendo Blackford o dissuadiu sobre o que ele considerou ser um “misticismo” para que ele pudesse ser convertido. Mesmo após convertido, continuou crendo no contato o que gerou discrepâncias dentro da comunidade religiosa, levando-o a ser proibido de ensinar tais princípios e posteriormente expulso por heresia do seguimento presbiteriano. Em 1879, criou a primeira Igreja Evangélica Brasileira. (IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA, [20--?]; GUEDES, 2014).

6 – MILAGRE DE GUAXENDUBA

Localizado no meio-fio da Avenida Jerônimo de Albuquerque, na entrada ao bairro do Vinhais, com acesso facilitado por meio de semáforo e faixas de pedestre, para atravessar a avenida. O elemento (Figura 15) é erigido em pedestal circular de pedras brutas, no qual há acesso ao topo do elemento (às esculturas) através de escadas em espiral; em cima do pedestal há a esculturas de Jerônimo de Albuquerque segurando uma vareta e apontando, com ela, para cima, junto à um canhão; e de Nossa Senhora da Vitória, num nível inferior ao do outro, com a frente e os braços erguidos em direção a ele.



Figura 15: Monumento à Vitória de Guaxenduba.

Fonte: Da autora.

O marco mostra sinais evidentes de depredação e abandono: as mãos da escultura de Nossa Senhora foram quebradas, as escadas estão com rachaduras e quebradas. (Figura 16)



Figura 16: Estado do monumento à Vitória de Guaxenduba.

Fonte: Da autora.

A escultura-monumento marca a vitória dos portugueses contra os franceses que estava na ilha, na Guerra de Guaxenduba. Nela está representado Jerônimo de Albuquerque, líder do exército português, e Nossa Senhora da Vitória, que cooperou em milagres para que alcançassem a vitória. (LIMA, 2017; O IMPARCIAL, 2015b). Foi com este fato que os portugueses se firmaram na ilha Upaon-Açu, dando origem à lenda intitulada “O Milagre de Guaxenduba”, como Carlos Sodré escreve:

Narra a história que, no fragor da batalha de Guaxenduba, uma Senhora de aparência diáfana e radiosa apareceu como por encanto entre as fileiras portuguesas, percorrendo suas linhas de combate, incentivando-os à luta, apanhando areia do chão e servindo-a já transformada em pólvora aos soldados para que municiassem suas armas, e curando as cicatrizes dos feridos.

Era a Virgem Mãe de Deus que dessa forma revigorava os lusos com sua real presença e no posto de verdadeira comandante da batalha.

A essas alturas, foi um salve-se quem puder do lado francês. Eles e os dois mil selvagens que os apoiavam iniciaram uma debandada na mais completa desordem. Disso se aproveitaram os portugueses para lançarem um derradeiro ataque.

[...]

Os portugueses festejaram ostensivamente a reconquista e proclamaram Nossa Senhora das Vitórias como padroeira de São Luís.

Com a derrota de Guaxenduba, terminou o domínio francês no Maranhão.

A presença e atuação da Virgem Maria nesse histórico episódio nos faz lembrar a passagem do “Cântico dos Cânticos”, a Ela aplicada: “Quem é esta que vai caminhando como a aurora quando se levanta, formosa como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha?” (LANNA, 2017)

7 - GUARNICÊ DE SÃO MARÇAL**

Localizada na pequena rotatória do João Paulo conectando as avenidas Getúlio Vargas, Guaxenduba (Kennedy) e São Marçal/João Pessoa, próximo a Praça Duque de Caxias, o marco se encontra num ponto estratégico da cidade, visto a importância referencial do bairro do João Paulo aos moradores de São Luís.

Obra do artista plástico João Ewerton, inaugurada em 2007 em homenagem aos 80 anos do Encontro dos Bois, festejo realizado anualmente na capital maranhense, a pedido da Fundação São Marçal e em parceria/apoio da Fundação Municipal de Cultura. O elemento (Figura 17) tem 8,76m de altura, em alumínio, figura São Marçal (santo padroeiro do Bumba-Meu-Boi) entre dois bois separados por uma estrela vazada, que simboliza o festejo, segundo Ewerton. O estilo cubista dá à obra expressão moderna, com vértices presentes em toda a escultura, como mostrado na Figura 18.

** - Alguns nomes foram atribuídos aos marcos que estavam sem referência.



Figura 17: Marco urbano em homenagem aos 80 anos do Encontro de Bois.

Fonte: Da autora.



Figura 18: Vista aproximada – detalhe dos vértices presentes da obra.

Fonte: Registro fotográfico por Paulo Victor Araújo Souza. (<https://goo.gl/Sj5Z8c>)

No entanto, segundo Camilo (2009), o elemento não fora bem aceito pelos moradores e brincantes, sendo feita uma pesquisa local onde 80% dos entrevistados desaprovaram a obra.

Idealizada a quarenta dias (40) antes da inauguração e com vinte e seis dias (26) de execução, a ideia inicial era que houvesse um concurso para eleger a proposta mais adequada, mas, segundo Mábio dos Santos – presidente da Fundação São Marçal -, o ex-secretário municipal achou que não daria tempo para o processo de eleição e encomendou a peça diretamente com o artista, que já o conhecia. Carlos Nascimento, um vendedor ambulante, na época, opinou sobre o marco, dizendo:

Não sou fã de imagens modernas e coisas exageradas, prefiro o tradicionalismo. Todos os anos eu participo do encontro de bois neste bairro e acho que o povo merece respeito, assim como a imagem de São Marçal também. Sou a favor da troca do monumento em respeito aos 82 anos da brincadeira. (JORNAL PEQUENO, 2009)

Em resposta a desaprovação popular, em 2011 fora entregue uma nova estátua à comunidade, com estilo realista, como apresentaremos abaixo no marco de número oito (8). No entanto, a obra de Ewerton não fora retirada da rotatória.

A estátua marca um dos limites de ida das brincadeiras do Bumba-meu-Boi, até meados do século XX, quando a elite ludovicense nutria práticas e sentimentos de ‘Atenas Brasileira’ em detrimento às manifestações populares. (BARROS, 2008, p.12-13; BARROS, 2007, p.2-4). Este processo de doutrinação cultural fez com que houvesse repressão por parte do governo e pela polícia aos populares, entendido como “zoada” e “barafunda” (BARROS, 2005, p. 98), sendo coibidas por meio de leis e fiscalização policial. Além disso, tais manifestações eram impedidas de agir na região do centro ludovicense. (BARROS, 2005; BARROS, 2008; MARTINS, 2017; RIBEIRO; SANTOS; SANTOS, 2014). Apesar das tentativas de repressão, a brincadeira resiste às perseguições e limitações de forma criativa, além de serem apoiados por alguns acadêmicos que já começavam a ver o movimento com bons olhos, durante o período do Estado Novo.

Curiosamente, a transferência do 24^a Batalhão Barão de Caxias, assim como o monumento à Duque de Caxias (símbolos de repressão popular), ocorreram durante esse momento contraditório e conflituoso, mais precisamente na década de 40, onde se buscava a identidade nacional - entre ele o enaltecimento do negro -, mas também persistiam as perseguições às manifestações populares. (BARROS, 2007, p.4-6; BRASIL, 2017).

8 - SÃO MARÇAL LIMOGES

Também localizado no bairro do João Paulo, na Av. São Marçal/João Pessoa, posicionado na área central, tangenciando a calçada de tráfego de pedestre, da Praça Ivar Saldanha (praça onde fica uma parada de ônibus).

Inaugurada no dia 30 de junho de 2011, do artista plástico Eduardo Sereno, o marco (Figura 19) figura com estilo realista São Marçal, padroeiro de uma das principais manifestações folclóricas e populares da cidade, como dito no marco anterior. Erigido sobre um pedestal de estrutura de alvenaria, o elemento tem 5m de altura e foi confeccionado com pó de mármore aglutinado com poliéster e fibra de vidro. Pintura feita em nitro/PU e estrutura em cano

galvanizado de 150mm com parede de 18mm; tais materiais escolhidos, segundo Sereno, por serem mais resistentes às intempéries climáticas. O local da estátua fora escolhido pela relevância das atividades de encontro dos bois, com 91 anos de existência. (IMIRANTE, 2011).



Figura 19: Estátua de São Marçal.

Fonte: Da autora.

A praça é anualmente palco do encontro dos bois do sotaque de Matraca, também conhecido como sotaque da Ilha (apesar de já haver presença de outros sotaques). Todo dia 30 de junho, data atribuída ao santo e também Dia do Brincante do Bumba-Meu-Boi (desde 2006), as atividades regulares da Festa Junina ludovicense se encerra. Mesmo sem possuí ligações diretas com a manifestação, sem nem ao menos ter igreja dedicada a ele na cidade, o santo é cultuado pela festa e especialmente na ilha (não há registros de atividade junina no Brasil envolvendo ele, a não ser no Maranhão). (VIANA, 2015)

9 - O PESCADOR

Localizado na Praça do Pescador, na Avenida Vitorino Freire, na área do Portinho/Desterro, próximo ao monumento do Miguel Vieira Ferreira, se encontra numa área estratégica para sua visualização. Recentemente restaurada e reestruturada (Figura 20) para melhor convívio dos locais, a praça tinha histórico de marginalidade e marcas de abandono público-governamental (possível de visualizar em <https://goo.gl/UQxLDP>). (ARAÚJO, 2015). A escultura está posicionada na área central do lado direito da praça (para quem a olha de frente).



Figura 20: Praça do Pescador reformada.

Fonte: Agência de Notícias da Prefeitura (<https://goo.gl/7tF11s>).

O elemento (Figura 21) é erigido em pedestal de pedras brutas e os cantos com alisares de material similar ao feito a escultura do pescador, que encima o pedestal, com uma placa metálica (já com sinais de tempo), com os seguintes dizeres:

Governo do Estado do Maranhão
'Vamos governar juntos'
Administração LUIZ ROCHA
PREFEITURA DE SÃO LUÍS
Prefeito MAURO FECURY
PRAÇA DO PESCADOR
Inaugurado em 30 de julho 1983

Figurando o trabalhador dos mares e rios, carrega um cofo pendurado numa vareta (com a mão esquerda) e uma rede de arrastão (na mão direita), todos apoiados em seus ombros. Vestindo uma bermuda e chapéu de aba longa na cabeça, sem camisa e descalço.



Figura 21: Escultura do Pescador.

Fonte: Registro fotográfico por Paulo Victor Araújo Souza. (<https://goo.gl/Sj5Z8c>)

Representando a categoria dos pescadores, o local do marco não poderia ser mais simbólico: à sua frente, quase na mesma direção (seguindo o olhar da escultura), atravessando a avenida está a ADPEMASL (Associação dos Distribuidores de Pescados e Mariscos de São Luís). A área da praça, boa parte dos comércios dizem respeito à pesca e mariscos, com a presença do Mercado do Peixe também à frente da praça. Antiga área de porto, ainda serve para descarregamento das pescas por parte dos barcos artesanais à vela no Mercado do Peixe.

10 - ANJO GABRIEL

Localizado na Avenida dos Portugueses, na entrada ao bairro do Anjo da Guarda, espaço conhecido como a ‘Praça do Anjo’. O bairro é conhecido por ser palco da peça teatral anual a céu aberto, Via Sacra. Primeiramente, o bairro recebeu a estátua do anjo, com 2m de altura, pelo padre italiano Cherubino Luigi Dovera, porém a mesma foi retirada em 1998 por ação de vândalos. Reinvidicado pelos moradores do bairro à Prefeitura, em 2012, ano do IV Centenário de São Luís, uma nova estátua fora produzida pelo artista plástico Eduardo Sereno, que recorreu aos referenciais cristãos para esculpir a obra, e, então, “devolvida” à porta do bairro. (O IMPARCIAL, 2015a).

A estátua (Figura 22) é erigida em pedestal de alvenaria, onde há constante colação de cartazes publicitários. Feita em pó de mármore, calcita, poliuretano e fibra de carbono e de vidro aglutinado com resina de poliéster. Em seu interior foi colocada uma estrutura de aço galvanizado (tubos e chapas), recebendo uma leve pintura na cor branca”. (O IMPARCIAL, 2015a).



Figura 22: Estátua do Anjo Gabriel, Anjo da Guarda.

Fonte: Da autora.

Chamada pelos locais de Anjo Gabriel, a estátua marca a resistência e solidariedade que fez nascer o bairro. Os primeiros moradores vindos do Goiabal, após um incêndio que desabrigou mais de setenta e oito (78) famílias, o que comoveu instituições e pessoas da cidade. Foram remanejados à área antes conhecida como Itapicuraíba (do tupi-guarani, ‘pedra miúda de pequeno igarapé’), hoje o bairro Anjo da Guarda. (O IMPARCIAL, 2015a).

11 - SÃO CRISTÓVÃO

Localizado no meio-fio do complexo viário da antiga rotatória do São Cristóvão que conecta as Avenidas Guajajaras, Santos Dumont e as ruas Dr. Israel, do Piquizeiro, São Cristóvão e Zélia Campos, na região do Jardim São Cristóvão, com tráfego motorizado intenso e região com ocorrência de engarrafamentos. Posicionado ao centro da calçada meio-fio, a escultura está à frente da Paróquia São Cristóvão, próximo ao Extrafarma.



Figura 23: Escultura São Cristóvão.

Fonte: Google Maps (captura de tela, 20 out. 2017).

Na Figura 23, o santo veste azul e o pedestal está com falha na pintura feita em branco, porém no dia da visita ao marco, durante a identificação, a escultura tinha manto na cor marrom e o pedestal em pedra pintada em amarelo (Figura 24). Na parte de trás do pedestal, há uma placa informando com os dizeres em manuscrito “São Cristóvão Rogai Por nós!”.



Figura 24: Escultura São Cristóvão de costas.

Fonte: Da autora.

São Cristóvão é um dos santos com devoções mais populares do Brasil. Condutor de Jesus Cristo, ele foi consagrado padroeiro dos motoristas. Contam nas Igrejas Católicas que São Cristóvão era um gigante guerreiro, de nome Réprobo, e servia ao rei de Canaã, mas logo considerou que tinha que servir o maior rei de todos. Passando por outro rei, depois pelo demônio que temia o símbolo associado a Jesus, a cruz. Buscou por Jesus, mas não o encontrou, encontrando, então, um eremita que o disse que encontraria o filho de Deus se ajudasse as pessoas a atravessar um rio de difícil travessia. Um dia uma criança pediu que ele o ajudasse a atravessar, São Cristóvão assim o fez, mas percebeu que a criança era extremamente pesada. Ao chegarem do outro lado, ele comentou com a criança o seu peso. Assim a criança se revelou ser o próprio Jesus e ofereceu um milagre ao fiel. (NOSSA SAGRADA FAMÍLIA, [201-]).

12 – DUENDE EXCALIBUR**

Localizado no complexo viário de retorno da Areinha que conecta as avenidas Vitorino Freire e Av. dos Africanos, especificamente isolada no meio-fio do retorno de quem vem da área Itaquí-Bacanga/Praia Grande e vai para a Areinha. Próximo à região do Goiabal (bairro adjacente à Madre Deus), com fluxo intenso na área.

Trata-se de uma escultura em formato semi-ogival lanceolada (Figura 25), similar a uma prancha, posicionada sobre conjunto de pedras brutas unidas com topo planificado, daí “excalibur” fazendo referência à espada de rei Arthur, difícil de ser retirada de uma pedra.



Figura 25: Marco “Duende Excalibur”.

Fonte: Da autora.

Em sua frente, há um *grafitti* de um personagem desconhecido, com olhos estreitos, dentes incisivos superiores salientados, cor de pele tipicamente caucasiana, chapéu de ponta preto com figura similar ao formato vaginal, na ponta; vestindo camisa similar à modelo pólo com botões na gola, desenho sombreado de uma folha na região da bochecha direita e outra figura desconhecida na bochecha esquerda. Mistura de cores quentes e neutras e uma assinatura em branco. Atrás, completamente pintado de preto com mais duas assinaturas e duas figuras feitas em branco.

Não se conseguiu nenhuma informação a mais sobre o marco grafitado durante os primeiros campos, porém na etapa de aplicação da ferramenta fotoelicitatória, um entrevistado informou que o autor deste *grafitti* é Naldo Saori. Em contato com ele, só pode dizer que se tratava de um duende e que de “tempos em tempos” renova a pintura.

Sobre o artista de rua, Naldo Saori é maranhense (30 anos) e tem muitos trabalhos espalhados por São Luís, além de ser reconhecido no exterior, participando de muitos eventos de arte urbana pela América Latina. No Imirante, seu trabalho é qualificado como “subvertor” das “[...] noções dos espaços reconhecidos como áreas estéreis, transformando-os em possibilidades poéticas em uma relação entre seu trabalho, o espaço escolhido e quem observa”. (MELO, 2016); e define o estilo de suas telas urbanas como sendo:

Construções criativas, que têm como característica marcante um repertório de personagens femininos com traços orientais, que em harmonia contrastam com formas abstratas, grafias desordenadas, simbolismos, e cenários lúdicos elaborados a partir de um processo de ritual de criação e produção, com apelo ao lúdico e a traços simples que remetem ao surrealismo. Gosto de retratar o amor, utilizando de simbolismo. (MELO, 2016)

13 - TÓTEM AOS TRABALHADORES**

Localizado na Avenida dos Franceses, na região do bairro da Alemanha, o Tótem dos Trabalhadores fica atrás do posto de gasolina da Petrobras, próximo à Av. Quarto Centenário. (Figura 26 e 27)



Figura 26: Localização Tótem dos Trabalhadores próximo ao posto.
Fonte: Google Maps (captura de tela 19 out. 2017).



Figura 27: Detalhe das inscrições do marco.

Fonte: Registro fotográfico por Paulo Victor Araújo Souza. (<https://goo.gl/Sj5Z8c>).

Trabalhados em contorno de baixo relevo, o tótem inscreve trabalhadores da cidade do tipo ambulantes, alguns ainda usando de animais ruminantes retratando os ambulantes cargueiros, cromaticamente composto por: marrom, amarelo e branco. Sob responsabilidade do município e a guarda do dono do posto que, segundo um dos frentistas que lá trabalha, se compromete em manter limpo e intocável, por ser patrimônio da cidade. No entanto, não há nenhuma placa que date ou sinalize sua importância à cidade e população.

Estilo similar ao apresentado no tótem fora encontrado em outros lugares da cidade: 1) No muro da Rádio São Luís, na Areinha (próximo ao marco 'Duende Excalibur'), onde têm gravadas diversas cenas da cultura e religiosidade da cidade, em cores vibrantes (Figura 28); 2) Na parede da fachada do Cantinho do Bolo (Figura 29), no João Paulo, em frente ao Mix Mateus, na Av. São Marçal/João Pessoa; pintada em amarela, grava a cena da Santa Ceia, das históricas bíblicas.



Figura 28 Muro da Rádio São Luís, Areinha.
Fonte: Google Maps (captura de tela, 03 dez. 2017).



Figura 29: Muro do Cantinho do Bolo, João Paulo.
Fonte: Google Maps (captura de tela, 03 dez. 2017).

Supõe-se que os trabalhadores representados na Figura 26 são os pregoeiros, importantes trabalhadores da “velha” São Luís; vendedores ambulantes que entoam suas cantorias, chamadas de pregões, cada uma mais criativa que a outra a fim de vender seus produtos.

14 - TÓTEM DO JARACATY

Localizado na Avenida Prof. Carlos Cunha, quase em frente à agência do Jaracaty do Banco do Brasil, local de fluxo alto nos horários de pico da cidade. Posicionado no meio-fio da avenida, o tótem (Figura 30) tem gravado no topo de sua estrutura de alvenaria um elemento gráfico abstrato, em baixo relevo, pintado em preto. Alguns cartazes e propagandas foram colados/desenhados na parte inferior dele, sem maiores danos de sua informação principal.



Figura 30: Elemento Tótem do Jaracaty.
Fonte: Google Maps (captura de tela, 19 out. 2017).

Recentemente, o seu entorno fora reformado, facilitando o acesso a ele por meio de semáforo e faixas de pedestres. Não se sabe ao que se refere ou o que representa, mas ele fora mantido.

15 - TÓTEM À BANDEIRA TRIBUZI

Localizado no retorno de uma das alças da Ponte Bandeira Tribuzi (da via no sentido Beira Mar-Ponte e da via no sentido Ponte-Camboá), o totem (Figura 31) contém nenhuma característica única que facilite sua identificação. Posicionado no centro direito da calçada do retorno, área que foi recentemente reestruturada pela prefeitura, ganhando cercados de metal e traves de futebol, a área tem constante atividade de jovens e adultos que jogam e brincam no espaço. Recentemente, também, ganhou uma discreta placa indicativa, escrita “Tótem Bandeira Tribuzi” e foi pintada de cinza, minimizando o aspecto de abandono.



Figura 31: Elemento Tótem da Ponte Bandeira Tribuzi.

Fonte: Google Maps (captura de tela, 19 out. 2017).

O nome da ponte salienta a homenagem feita ao poeta, jornalista, professor, filósofo, economista e músico José Tribuzi Pinheiro Gomes, autor da música-hino de Louvação à São Luís e precursor do modernismo no estado, com o livro de poesias “Alguma Existência”. (IMIRANTE, 2017).

Benedito Buzar (2017) conta, em seu blog, que a Ponte Bandeira Tribuzi nunca fora inaugurada. Concluída no ano de 1982, com o ainda vigente regime militar no Brasil, tendo João Castelo como governador no dado período, convidaram o então presidente João Figueiredo, que se negou a participar da solenidade em homenagem à Tribuzi por ele ser considerado um “homem que o regime militar considerava marxista assumido, de vida profissional dedicada ao Partido Comunista e punido pelo regime militar”. Após sérias negociações sobre a presença do presidente com o SNI (Serviço Nacional de Informação), concordou-se em suprimir a solenidade de inauguração da Ponte.

16 – MARCO MAÇÔNICO

Localizado na “entrada” de São Luís, no meio-fio do retorno ao Aeroporto Internacional Marechal Cunha Machado, na transição entre a Av. Matos Carvalho e a BR-135, no bairro do Tirirical.

O elemento (Figura 32) é composto pela figura de um **compasso** dourado, aberto e posicionado com a abertura voltada para baixo; um **esquadro**, também dourado, e não poligonal (como os comuns esquadros triangulares), com a abertura voltada para cima; e a

letra G de cor branca sobre um fundo circular em azul real. O conjunto é sobreposto a uma base trapezoidal, caiada de branco e com uma placa metálica de informação (Figura 33), que teve os cantos e respingos de cal por ela. Todo o conjunto estava dentro de uma área delimitada em formato triangular, marcada em tinta branca. Na placa, era possível ler os seguintes dizeres:

[brasão do GOB-MA] GOB – MA
GRANDE ORIENTE DO BRASIL NO MARANHÃO
MARCO MAÇÔNICO
São Luís, 20 de agosto de 2016
Grão Mestre Estadua – João Soares Gomes Filho
Grão Mestre Estadual Adjunto – Lourival Pereira Nascimento
Grande Secretário do Interior e Relações Públicas – Maurício Mendes Alves
Cordialmente
[MAXXUM] Antonio Ma[...] Aguiar Rodrigues



Figura 32: Marco Maçônico.

Fonte: Da autora.



O marco é símbolo da Maçonaria e está presente em muitas cidades do país (O. JUNIOR, 2017). Durante viagem de ônibus ao interior do Maranhão, em meio ao CAMPO I deste trabalho, notou-se a presença de marcos semelhantes a este e ostentando o mesmo símbolo (compasso, esquadro e a letra G) em municípios como Estreito do Maranhão, Imperatriz e São Luís Gonzaga. Segundo site da Assembléia Maçônica Internacional, o símbolo é a mais comum representação das instituições maçônicas simbolizando como um todo a “Justa Medida”. Cada um, no entanto, significa:

O COMPASSO - O Compasso é considerado um Símbolo da espiritualidade e do conhecimento humano. Sendo visto como Símbolo da espiritualidade, sua posição sobre o Livro da Lei varia conforme o Grau. No Grau de Aprendiz, ele está embaixo do esquadro, indicando que existe, por enquanto, a predominância da matéria sobre o espírito. A abertura indica o nível do conhecimento humano, sendo esta limitada ao máximo de 90°, isto é ¼ do conhecimento. A sua Simbologia ainda é muito mais variada, podendo ser entendido como Símbolo da justiça, com a qual devam ser medidos os atos humanos. Simboliza a exatidão da pesquisa e ainda pode ser visto como Símbolo da imparcialidade e infalibilidade do Todo-Poderoso.

O ESQUADRO - O primeiro instrumento passivo e companheiro por excelência do Compasso é o Esquadro. Seu desenho nos permite traçar o ângulo reto e, por tanto, esquadrear todas as formas. Deste modo, é visto como Símbolo, por excelência, da retidão. É também a primeira das chamadas Jóias Móveis de uma Loja, constituindo-se na Jóia do Venerável, pois, dentre todos, este deve ser o mais justo e equitativo dos Maçons. O Esquadro, ao contrário do Compasso, representa a matéria; por isso é que, em Loja de Aprendiz, ele se apresenta sobre o Compasso. Predominância da Matéria sobre o espírito.

A LETRA "G": É o símbolo de Deus, o Divino Geômetra. Uma das razões de ser tomada como símbolo sagrado da Divindade, é que, com ela, a palavra Deus, se inicia em vários idiomas. GAS, em Síriaco; GADA, em persa; GUD, em sueco; GOTT, em alemão; GOD, em inglês, etc. (ASSEMBLÉIA MAÇÔNICA INTERNACIONAL, [20--?]).

17 - OUTEIRO DA CRUZ

Localizado na Av. São Marçal/João Pessoa, próximo ao Viaduto do Café, na região do bairro Outeiro da Cruz, o marco se posiciona no centro da calçada meio-fio do viaduto (que separa as duas vias de sentidos diferentes). O Outeiro da Cruz (Figura 34) observa o trânsito que leva ao João Paulo e ao Anil, além dos vindos da Vila Palmeira e Rodoviária.



Figura 34: Outeiro da Cruz.

Fonte: Da autora.

Com 5m de altura, o Outeiro da Cruz, que segundo o dicionário Priberam significa ‘elevação de terreno’ (PRIBERAM, Outeiro), tem base em pedra caiada de branco, com acesso por escada que se encontra atualmente danificado. Encimado por uma meseta de três (3) degraus onde se encontra uma coluna anelada em pedra lioz com cruz em madeira, pintada de azul real, fincada nela. (BUENO, 2015). Do outro lado da via, mais discreta, há outra meseta (também de três degraus, mas sem a elevada base que a primeira possui) também com uma cruz pintada em azul real (Figura 35). Heloísa Curvelo-Matos (2014) também descreve, romanticamente, como encontrara o Outeiro em suas pesquisas:

Esse local onde alçaram a cruz ainda existe, resistiu às intempéries do tempo. Quem passa pelo Outeiro da Cruz, além de ver duas placas [Figura 36] que sinalizam o monumento histórico, pode observar também uma cruz elevada numa simbólica meseta de pedras onde consta a seguinte afirmação gravada em pedra de mármore: “a tradição popular consagrou este monumento à memória dos bravos que, ao mando de Moniz Barreiros e Texeira de Mello expulsaram os holandeses da Capitania, 30 IX-1642”. (CURVELO-MATOS, 2014, p. 89, grifo deste trabalho).



Figura 35: Segunda meseta com cruz, semelhante ao Outeiro da Cruz.
Fonte: Registro fotográfico por Paulo Victor Araújo Souza. (<https://goo.gl/Sj5Z8c>).



Figura 36: As placas sinalizando o Outeiro da Cruz, da esquerda à direita, a antiga e a nova.
Fonte: Da autora.

O Outeiro da Cruz marca o lugar onde os portugueses derrotaram os holandeses, em 1642, que ocuparam a ilha de São Luís durante quatro anos (1641 a 1644), a mando de Mauriciu de Nassau. Após a batalha, os portugueses fincaram uma cruz “bem tosca” na localidade em memória das vidas perdidas neste lugar. (CURVELO-MATOS, 2014, p.89). Bárbara Bueno (2015) pontua que alguns estudiosos acreditam que o local exato do marco é onde está hoje a meseta menor, do outro lado da pista. Em concordância com ela, o Outeiro tem importância histórica negligenciada pelos poderes políticos e despercebida pelos habitantes da ilha, somado ao fato de estar fora do roteiro turístico da cidade.

18 - OS DEZ MANDAMENTOS

Localizado próximo à Coreia e 1º BBM – Batalhão de Bombeiros Militar, na Av. Alexandre Moura, trecho que conecta a Rua das Cajazeiras à Av. Getúlio Vargas (Canto da Fabril – Vila Passos - Monte Castelo). Entre árvores, se posiciona sobre um canteiro de vegetação baixa, próxima à via de tráfego motorizado, que tem alto fluxo. Relativamente bem cuidado, o marco é próximo dos bancos da praça que se encontra, a Praça da Bíblia.

O marco urbano (Figura 37) se trata de duas placas, provavelmente feitas em alvenaria, com o topo de corte oblíquo, pintadas de cinza. Nelas está escrito em tinta branca, na frente, “Os Dez Mandamentos” e, atrás, a lista dos dez mandamentos do deus cristão, Jeová/Javé, presentes e ensinado pela Bíblia.



Figura 37: As placas do elemento Os Dez Mandamentos.

Fonte: Da autora.

19 – AZULEJARIA**

Escultura de metal com vazados formando arabescos (Figura 38), que se assemelham aos azulejos ludovicenses de herança portuguesa, encimando uma base baixa e trapezoidal com os cantos chanfrados, caiada em branco. Sem nenhuma placa indicativo-informativa, supõe-se que representem a azulejaria ludovicense com teor mais moderno, possivelmente afirmando a atualidade do valor dessa herança à cidade até hoje, até por estar em ambiente distante desse contexto histórico que geralmente carrega.



Figura 38: Marco “Azulejaria”.

Fonte: Da autora.

Possivelmente tendo sido inaugurada no ano de 2008 (IMIRANTE, 2008), pela IMPUR, o marco está localizado na rotatória do Olho d’Água, conectando as avenidas dos Holandeses à Av. Conselheiro Hilton Rodrigues, Av. Ivar Saldanha e Av. São Luís Rei de França. Encontra-se na região do Planalto Turu, estrategicamente no centro da rotatória, garantido boa visibilidade dos quatros cantos, porém um espaço ilhado aos pedestres, que não tem acesso por faixas.

20 – PALMEIRA

Localizado na rotatória do São Francisco, na região do Jardim São Francisco, ligando as avenidas Colares Moreira, Castelo Branco e Ana Jansen, o marco se posiciona no centro da rotatória. Próximo de vias com fluxo intenso e constante, por estar presente num pólo empresarial referencial de São Luís (São Francisco e Renascença), tem a visibilidade garantida entre motoristas e pedestres, estes últimos acessam com certa facilidade a rotatória por meio das faixas de pedestres e semáforos luminosos.

Com caminhos de bloco que levam ao elemento, a “Palmeira” (Figura 39) tem caráter abstrato, com estrutura em aço, de base circular de 1m de altura, se erguendo em um emaranhado (análogo ao tronco da palmeira) e “folhando” em quatro “ramos” (análogo à copa) que apontam em cardeais (porém não propriamente os cardeais geográficos), com o total de 6m de altura.



Figura 39: Monumento “Palmeira”.

Fonte: Da autora.

O marco, considerado monumento, faz parte de um projeto do IMPUR e semelhante a ele, outros marcos monumentalizados foram postos em outros pontos na cidade, por exemplo, no Tirirical. (IMIRANTE, 2008a). Em possível alusão à grande incidência de árvores palmeirais na ilha, como aclamado pelo poeta maranhense Gonçalves Dias.

21 – MARIA-FUMAÇA

Localizado na Avenida Beira Mar, entre o prédio da antiga estação ferroviária e a Ponte do São Francisco (ou Ponte José Sarney), local de alto fluxo, a antiga locomotiva a vapor, popularmente conhecida como Maria-Fumaça (Figura 40), ficava exposta no complexo da antiga RFFSA (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima) e foi atualmente retirada para restauração (TV MIRANTE, 2016). Por trás do prédio, há bares, lanchonetes e outros estabelecimentos como, por exemplo, o Ponto de Cultura do Laborarte, que são responsáveis por movimentar o espaço, principalmente à noite.



Figura 40: Locomotiva da Maria-Fumaça São Luís-Teresina.

Fonte: Wikipédia (<https://goo.gl/Zw1AZv>).

A locomotiva protegida é construída em metal, fabricada pela Hannoversche Maschinenbau AG Hanomag, da Alemanha. (MIRANTE, 2018). Antes da restauração, possuía a cor preta e detalhes em branco, como visto na figura 40. Após a última restauração feita, ainda foi vista em preto, porém com mais pontos de detalhes do que a anterior, pintados em dourado, possível de perceber na Figura 41.



Figura 41: Locomotiva da Maria-Fumaça protegida após restauração.
Fonte: Imirante.com (<https://goo.gl/7LFHHb>).

Nomeada de ‘Locomotiva Benedito Leite’, datada de 1920, é umas das poucas locomotivas que restaram desta época. Representa, em testemunho e memória física, o tempo em que São Luís era percorrida por bondes e marias-fumaças que, segundo Gilson Oliver (historiador e pesquisador), havia as do tipo de transporte de cargas, as de transporte misto, de recreação e as de transporte de passageiros, estas últimas também chamadas de ‘horários’. (CORDEIRO, 2014; TV MIRANTE, 2016; VALPORTO, 2018). Está deslocada do local habitual, devido reformas na área que será transformada em ponto turístico e paisagístico em benefício da cidade. (GOVERNO DO MARANHÃO, 2018).

22 – PIRÂMIDE DOS 350 ANOS**

Localizado nas margens da Praça Gomes de Sousa, que faz bifurcação da Av. Beira Mar e Rua Jansen Muller (onde fica o Laborarte), em frente ao prédio histórico da Estação Ferroviária e RFFSA de São Luís. Em área de baixo fluxo da Avenida Beira Mar, em comparação a seus demais pontos, o elemento (Figura 42) posiciona-se próxima a via de tráfego motorizado, sentido Beira Mar-Camboá. No momento do CAMPO I, a área estava fechada com tapumes para reforma, impedindo a captura fotográfica do marco.



Figura 42: Monumento aos 350 anos de São Luís.
Fonte: Google Maps (captura de tela, 19 out. 2017).

Com acesso fácil e por meio de dois degraus, o marco se trata de um memorial, elaborada pelo arquiteto Braga Diniz, composta por dois grandes blocos, cobertas com lajotas que simulam a textura de pedra de mármore clara, ligadas por outro bloco em pedra de granito escuro suspenso, que sustenta outra pedra em formato piramidal, bastante alongada e da mesma cor dos dois primeiros blocos mencionados.

Dedicada ao 350º aniversário da cidade, informada por uma placa metálica posicionada em baixo da pedra suspensa do elemento [assim como informa o autor do marco], inaugurado no dia 07 de setembro de 1962, pelo então governador Newton Bello, o monumento inicialmente ficava exposto na Praça Dom Pedro II (praça que compreende o Palácio dos Leões até a Igreja da Sé/N.Srª da Vitória). (IMIRANTE, 2008b; BUZAR, 2011)

23 - VELAS DA LAGOA

Localizado na Av. dos Holandeses, na altura da Ponta d'Areia, vindo do São Francisco, posicionado na área central do Viva da Lagoa da Jansen, no trecho que corresponde o retorno viário da Ilhinha até a vista da área litorânea (Praia Ponta d'Areia).

Um dos cartões postais da ilha, o elemento (Figura 43) compreende em três formas abstratas que juntas revelam velas dos barcos bastante característicos de São Luís e Maranhão. A área do Parque da Lagoa da Jansen, neste trecho é relativamente pouco ocupado comparado ao quando a área foi inaugurada e ao trecho do bairro da Ponta do Farol.



Figura 43: Velas da Lagoa da Jansen.
Fonte: Google Maps (captura de tela, 19 out. 2017).



24 - BARCO À VELA**

Localizado na rotatória do Caolho, conectando as avenidas Daniel de La Touche e dos Holandeses, além da Rua Mendes Frota (caminho alternativo à Praia do Caolho). Com alto fluxo de motorizados, de longe talvez se confunda com os vários postes das avenidas, mas próximo, ao centro da rotatória, se torna mais visível. Próximo a área do Grand Park.

O elemento (Figura 44) é estruturado por material metálico sem pintura aparente, assim com o marco “Azulejaria”. Possui uma haste cilíndrica (cano de metal) de onde toda a obra circula: filete de metal circulando o cano simulando ondas do mar/rio; acima deste uma estrutura que equivale a barca da embarcação e mais acima, no topo, a vela metálica é colocada.

Figura 44: Elemento ‘Barco à vela’.
Fonte: Da autora.

Supõe-se que a obra represente as embarcações características da ilha, assim como as Velas da Lagoa da Jansen, parecendo estar no mesmo recorte simbólico do elemento “Azulejaria”, de estilização moderna, reafirmando a atualidade de importância do que representa.

25 - PEDRA DA MEMÓRIA

Inicialmente localizada no Campo d’Ourique, onde hoje é a Escola Liceu Maranhense (no Centro), a Pedra da Memória (Figura 45) hoje se encontra em um dos mirantes do Forte da Beira Mar, na curva do Cais da Sagração, na Praia Grande, próximo à rampa de acesso ao Palácio dos Leões, desde 1940 devido às reformas urbanas que o centro sofreu. (O IMPARCIAL, 2015b).



Figura 45: Pedra da Memória.

Fonte: Da autora

Projetada em agosto de 1841 pelo tenente-coronel José Joaquim Rodrigues Lopes (membro do Imperial Corpo de Engenheiros), foi concluída em 1844 e inaugurada durante a governança do presidente da Província do Maranhão João José de Moura Magalhães. Originalmente conhecida como “Pirâmide da Memória”, é feita em pedra de cantaria (em algumas versões, em mármore branco) e acessada por dois degraus de pedestal. (BUENO, 2015; LACERDA, 2016; O IMPARCIAL, 2015b). O corpo do elemento é uma coluna de faces retangulares, com capitel e base ornamentados em anéis e sub-níveis retilíneos;

enquanto o topo do mesmo, em formato piramidal com base quadrangular, é ligado por quatro esferas posicionadas nos vértices.

Na face voltada às vias de tráfego, há uma placa de bronze escrito “RESTAURADO A 10-04-1950. GOVERNADOR SEBASTIÃO ARCHER DA SILVA; PREFEITO ANTÔNIO E. DA COSTA RODRIGUES” (BUENO, 2015, p.118). Esculpida em uma das faces do topo piramidal, voltada ao mar, o brasão (Figura 46, à esquerda) que representa as armas da monarquia, em alto relevo; e em baixo relevo (Figura 46, à direita), na mesma face, porém do corpo retangular a seguinte inscrição:

A MEMORIA DA
COROACÃO DE S.M.I.
O S.D.P. 2º I.C. E D.P. DO B.
ERICEM ESTE MONEMENTO
OS MEMBROS DO EXERCITO
QUE NA PROVÍNCIA ESTÃO.
SENDO PRESIDENTE
O ILL.^{MO} E EX. S^R DOUTOR
JOÃO ANTONIO DE MIRANDA
E
1841
COM.^{ME} DAS ARMAS O ILL.^{MO} S^R CORONEL
FRANCISCO JOZE MARTINS
1841. (Figura 46, à direita)



Figura 46: Brasão das armas da monarquia (à esquerda) e inscrição de homenagem (à direita).

Fonte: Paulo Victor A.S. e da autora.

Facilmente percebida e com histórico de depredação (como pixações e colagens), a Pedra demonstra ser um dos elementos melhor observado pelos poderes públicos (comparado aos demais apresentados aqui), por ser um dos marcos iniciais da cidade e um dos mais antigos monumentos. Além disso, fotos antigas revelam que a Pedra era acompanhada de dois canhões históricos, hoje retirados. (O IMPARCIAL, 2015b).

A Pedra da Memória é um monumento datado do ano de 1841, presente do Estado em comemoração a coroação (maioridade) de D. Pedro II, o que gerou um festejo em celebração na capital maranhense na época. (LACERDA, 2016)

26 - PIRÂMIDE DE BECKMAN

Localizado na Praça 15 de Novembro (ou Praça Manoel Beckham), na Avenida Beira Mar, ao próximo a Polícia Civil. O marco (Figura 47) se posiciona no centro da praça, isolado numa área alta em piso de lioz cercada por um muro baixo, que tem acesso por meio de degraus, sendo possível ficar próximo a ele. (BUENO, 2015). A praça tem presença marcante de vegetação, que embeleza e valoriza o entorno. Em área de alto fluxo de pedestres e motoristas, tem acesso a pé facilitado também por meio de faixas de pedestres.



Figura 47: Monumento 'Pirâmide de Beckman'.

Fonte: Da autora.

Segundo Borralho (2011), foi “construída” em 1912, durante o governo de Luiz Rodrigues, a ‘Pirâmide de Beckman’ é um obelisco com base quadrangular e corpo abaulado e com ornamentos simples em baixo relevo. Acima do corpo, uma forma piramidal bem conservada que, visualmente, destoa com o desgaste que seu corpo aparenta. Não possui sinalização que identifique o elemento.

Representando inicialmente o acontecimento da Revolta de Beckham (1684), revolta liderada pelos irmãos Beckman contra a tentativa da Coroa de monopolizar o comércio local através da Companhia de Comércio do Maranhão e descumprimento da mesma em levar escravizados negros pelo impedimento de escravização indígena, levando à morte por enforcamento do líder, Manoel Beckman (Bequimão), em praça pública. Acontecimento considerado importante por "ser interpretada como primeiro ato nativista" (BORRALHO apud NOVINSK, 2011, p.30). (O IMPARCIAL, 2015b; SOUSA, [20--]).

Porém, recentes pesquisas apontaram que a parte inferior da Pirâmide fora base do pelourinho mais conhecido da cidade, e data de 1815, sendo assim o monumento mais antigo de São Luís. (TV MIRANTE, 2014; O IMPARCIAL, 2015b).

27 – LUDOBELISCOS/PIRÂMIDES

Localizado em vários pontos da cidade, os ludobeliscos (aglutinação das palavras ludovicense + obelisco), popularmente chamados e conhecidos por ‘Pirâmides’, se encontram tanto em lugares próximos de comunidade como em lugares isolados. Os identificados pela busca dos marcos nas principais avenidas revelaram quatro (4): um na Avenida Beira Mar, ao lado da antiga RFFSA; dois na Avenida Vitorino Freire, um no retorno para a Feira da Liberdade e outro ao lado do complexo do CEPRAMA (Centro de Comercialização de Produtos Artesanais do Maranhão); um na Avenida dos Franceses, na região do Alemanha, ao lado do viaduto Alcione Nazaré (Figura 48).



Figura 48: Marco urbano ‘Pirâmide’.
Fonte: Da autora.

Sem indicações ou sinalizações, o elemento geralmente se encontra completamente caiado de branco, amarelo ou sem tingimento algum. Feito em concreto, possui corpo paralelepípedo e com ponta piramidal de base quadrangular, com variadas dimensões. Há ação ‘vandalistas’ neles e pouco descaso. Não se sabe as datas de suas construções nem o que representam.

28 - AMORILHOS**

Também localizado em vários pontos da cidade, os Amorilhos (aglutinação da expressão ‘amores-da-ilha’, sofrendo flexão de gênero) encontram-se comumente mais isolados do que os ludobeliscos. Foram cinco (5) os identificados e estão: na Avenida Vitorino Freire, em frente à Capela de São Pedro (Figura 49); na Av. São Marçal/João Pessoa, um próximo ao Outeiro da Cruz e outro em calçada de bifurcação de via, próximo à vista do Complexo Esportivo Canhoteiro (conhecido como Complexo do Castelão e/ou Castelinho); na conexão das avenidas dos Franceses e dos Africanos, no Sacavém; e na Av. dos Portugueses, ao lado da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – Campus Bacanga, numa calçada de bifurcação que leva ao Sá Viana e adjacências.



Figura 49: Marco urbano ‘Amorilho’.

Fonte: Da autora.

Sem sinalização e identificação, o marco é geralmente apresentado em estado cru (cimento), com base caiada de branco ou amarelo. Composto por três placas de cimento, recortadas com formas arredondadas, firmadas na vertical e dispostas juntas, formando três (3) ângulos de aproximadamente 120°, resultando visualmente a figura de coração.

Portanto, diferente das Pirâmides (ludobeliscos), sugerem um sentido, que é um dos títulos da ilha: “São Luís, ilha do amor”. Segundo, Marcelo Espírito Santo em entrevista à Overmundo (JUNIOR, 2006), os Amorilhos se tratam de uma assinatura escultural da gestão estadual de Epitácio Cafeteira.

4.3 Campo II - Ludoprovação

Trazendo a pergunta que ficou em aberto nos primeiros momentos (quais destes marcos são reconhecidamente marcadores de identidade de São Luís?), o segundo campo, previsto nas etapas metodológicas, devolve à população a existência dos marcos listados, na intenção de receber de volta qual deles mais interessa. Enquanto pesquisa qualitativa, friso que este momento quantitativo não se refere a uma amostra estatística (calculada) da população, mas uma amostra aleatória (espontânea) para guiar a escolha dos marcos, tendo como base a resposta dos próprios ludovicenses.

De título “Ludoprovação”, foi lançado no dia 20 de outubro/2017 virtualmente e usou-se recurso visual para convidar pessoas a respondê-lo (Figura 50). O painel virtual/questionário fora formulado através do Google Forms, composto com uma lista numerada dos marcos reconhecidos, somente informando suas localidades a fim de que as escolhas dos participantes fossem baseadas no conteúdo visual de cada marco. Estimulados com as perguntas:

- 1) Qual das imagens mais desperta sua curiosidade?
- 2) Qual das imagens anteriores você acredita que [mais] revela histórias de São Luís?



Figura 50: Convites virtuais ao questionário online.

Fonte: Da autora

A divulgação aconteceu principalmente por meio da rede social Facebook, mas também através de mensagens privadas e em grupo no aplicativo Whatsapp, divulgando para amigos, grupos de São Luís e amigos de amigos, incentivando-os a compartilhar.

A fim de dinamizar a chamada para participar deste momento, uma vez que provavelmente um mesmo indivíduo veria o convite mais de uma vez, os convites foram categorizados por espaço de compartilhamento, potencializando a provocação dos marcos, onde 1) a com fundo vermelho e contorno de São Marçal foi enviada a grupos e comunidades do Facebook; 2) a com fundo roxo e contorno do Pescador foi enviada por mensagens privadas no *inbox* do

Facebook ou Messenger; 3) a com fundo azul e contorno de Nossa Senhora da Vitória foi enviada a grupos e privados pelo Whatsapp; e, 4) a com fundo amarelo e contorno da Pedra da Memória, fora exposta em privacidade ‘Público’ na própria linha do tempo do Facebook. Cada um deles contendo texto específico relacionado ao elemento exposto no convite visual.

Sobre os primeiros resultados alcançados pelo momento virtual do painel, percebeu-se que os percentuais estavam bastante fragmentados o que dificultaria na escolha dos marcos a serem estudados. Portanto, o segundo momento da Ludoprovação aconteceu mediante painel impresso usando somente os marcos que mais receberam votos no primeiro momento (virtual). Foram eles: “Os Três Pescadores”, o “Tótem dos Trabalhadores”, a Maria-Fumaça e a estátua de Jerônimo de Albuquerque e N.Sr^a da Vitória. (Figura 51).

SEM MATUTICE # VEM CÁ PIQUEM@ # VEM MAROCAR AQUI # LUDOPROVOCAFOTO # LUDOPROVOCAFATO # MARCOS DE SÃO LUÍS # VAMOS CONTAR HISTÓRIAS # SÃO LUÍS QUE FAIÁ # MISTÉRIOS DE SÃO LUÍS # NARRATIVAS # MEMÓRIAS E IMAGENS # IDENTIDADE SÃO LUÍS # SEM MATUTICE # VEM C

Vem olhar mais perto!

Qual destes mais mexe com sua curiosidade?



SEM MATUTICE # VEM CÁ PIQUEM@ # VEM MAROCAR AQUI # LUDOPROVOCAFOTO # LUDOPROVOCAFATO # MARCOS DE SÃO LUÍS # VAMOS CONTAR HISTÓRIAS # SÃO LUÍS QUE FAIÁ # MISTÉRIOS DE SÃO LUÍS # NARRATIVAS # MEMÓRIAS E IMAGENS # IDENTIDADE SÃO LUÍS # SEM MATUTICE # VEM C



Figura 51: Cartaz físico.

Fonte: Da autora

Lançado no dia 28 de outubro, o painel II foi exposto durante sete (7) dias no Salão Muxima, salão de beleza empreendido pela familiar Vânia com público majoritariamente feminino, devido à diversidade etária que o estabelecimento possui (apesar da predominância de gênero/sexo) e a segurança de o painel não ser extraviado. Concomitantemente, elaborou-se novo painel virtual semelhante ao impresso, através do Google Forms, e no mesmo dia foi lançado virtualmente, dessa vez enviando aos homens ludovicenses, compensando os votos que seriam conseguidos no salão. Os três painéis foram fechados no dia 03 de novembro, com total de noventa e quatro (94) votos, uma média de aproximadamente 6,7 votos/dia. Os Três Pescadores fora o mais votado. Abaixo a tabela de resultados obtidos:

Tabela 02 – Resultado final do Ludoprovação.

	OS TRÊS PESCADORES	LOCOMOTIVA DA RFFSA	JERÔNIMO E N. SRª VITÓRIA	TÓTEM DOS TRABALHADORES
PAINEL I (virtual)	14	12	7	6
PAINEL II (virtual)	3	1	4	2
PAINEL II (físico)	3	1	1	1
Voto múltiplo ¹	2	1	2	1
TOTAL	22	15	14	10

Fonte: Da autora

No painel I da Ludoprovação, com duas perguntas, verificou-se que 53,9% dos participantes relataram que os marcos que chamam sua atenção são **diferentes** dos que falam sobre São Luís; e 25,3%, relatam que são **iguais** (APÊNDICE B). Para assinalarem os elementos que acreditam ser marcos históricos, supõe-se que possuem alguma informação sobre ou conseguiram associar o elemento com o cotidiano ou algum momento histórico. Por isso compreende-se que os sujeitos da pesquisa se sentem mais provocados pelos elementos os quais eles desconhecem a história, podendo sugerir que os elementos com historicidade evidenciada não se mostrem tão atraentes ou curiosos (mesmo que entendam o seu valor); ou mesmo que, por terem alguma informação sobre tais elementos, acabam por se voltarem aos que desconhecem as razões.

No espaço da segunda pergunta do primeiro painel, além dos participantes ampliarem seus votos, escolhendo outros marcos que também lhe chamam atenção e juntamente falam sobre São Luís, eles também compartilharam o pouco do que sabem e reconhecem na cidade, o que era um dos principais propósitos da segunda questão – a expressão aberta.

Ainda no momento dos convites, Ana* expressou que sentiu falta de um marco, que não fora observado no levantamento: A “Capelinha da Avenida ao Espigão”, anexo ao comentário a imagem da capelinha (Figura 52) que se encontra na Av. Doutor Jackson Kepler Lago, uma das vias que dão acesso ao Espigão Costeiro da praia Ponta d’Areia, em frente ao “Iate Club”.

* - Nome modificado

1. São os votos contados da segunda pergunta do PAINEL I (virtual), onde os participantes usaram como espaço para dizer quais outros marcos que também se interessavam em saber.



Figura 52: Capelinha relatada.

Imagem: Da relatora.

Saber este relato, assim como os outros que podem ocorrer durante a realização deste projeto, é importante por se tratar da voz da cidade. Em outras palavras, estes marcos relatados são apontadores do como e o que o ludovicense nota na cidade, o que amplia o entendimento da relação do indivíduo-cidade, contribuindo às reflexões que este trabalho se propõe. Acredita-se ser importante deixar espaço a devolutivas espontâneas, como forma de permitir que as narrativas e memórias sejam compartilhadas pelos participantes, enriquecendo.

Salienta-se seis (6) das respostas de participantes que discorreram sobre os marcos, a fim de ilustrar quais respostas esse trabalho busca. Foram nomeadas, com fins didáticos, de “opiniões”, sendo categorizadas em três (3) tipos: informativa, subjetiva e afetiva (narrativa).

Opinião informativa: Diz-se da opinião que expressa uma informação com dados objetivos, observáveis e/ou prováveis (capítulo 2, p.19-20 deste). Tal opinião pressupõe um envolvimento distanciado, de precisão, positivista². Abaixo, dois (2) exemplos de respostas de opinião informativa dos participantes do Campo II:

- Acho que a Praça da Pirâmide de Beckman, na Avenida Beira Mar, é que mais fala de São Luís, pois lá na verdade era um Pelourinho;
- A Lagoa da Jansen, pois faz referência a um tipo de embarcação que é Patrimônio Cultural Brasileiro;

Opinião subjetiva: Diz-se da opinião que se expressa baseado num complexo de valores e informações, mas sem a exposição clara de provas/dados. Tal opinião pressupõe um envolvimento reflexivo, que parece assumir a posse de poucos dados sobre o elemento, porém sem que tal fato impeça de refleti-los, em exercício imaginativo. Abaixo, dois (2) exemplos:

2. Positivista, relativo ao positivismo, que se trata de qualquer “[...] doutrina filosófica inspirada no comtismo, em que o conhecimento humanos tem como base o cientificismo, valoriza o método quantitativo e nega o idealismo” (MICHAELIS, Positivismo).

- De certa forma, todas representam muito a história de São Luís, cada uma em seu contexto, mas acredito que, escolhendo só uma, a Pedra da Memória é a que representa a cidade;
- A prancha, porque há uma intervenção sobre a obra assim permitindo camadas de releitura, tanto temporal como semântica.

Durante o segundo momento, no lançamento do painel físico, em conversa explicativa do painel à participante Dora*, ela levantou uma inquietação própria com relação aos Três Pescadores. Disse que é curiosa com esta obra, porque sempre se pergunta para onde eles estão indo. Além disso, expôs que conversara com o autor e compartilhou a lembrança:

Dora: Tu acredita que o rapaz que fez esses pescadores nunca foi pago?

Daniele: Ah, ele foi contratado pra fazer essa escultura?

Dora: Foi. Ele é um artista plástico. Foi pelo Governo. No período de Roseana. Depois que a escultura se deteriorou, tu acredita que eles ainda foram chamar ele de novo, pra fazer a recuperação?! Muito cinismo. Não pagaram ele e ainda queria que ele recuperasse. Ele é altamente revoltado com São Luís. Se eu não me engano ele está morando em Fortaleza.

Daniele: Como a senhora sabe disso?

Dora: Ele foi paciente de doutor Válter*.

É perceptível que Dora tem informações/dados sobre a escultura, por ter conversado diretamente com o autor, mas ainda demonstra inquietação de caráter sentimental (subjetivo), o que ainda mantém atizado sua curiosidade e a faz continuar imaginando as razões da obra.

Opinião afetiva: Diz-se da opinião que expressa vivência, elucidando memórias, num misto informacional, subjetivo e afetivo, em narrativa (capítulo 2, p.19-20 deste). Tal opinião pressupõe a proximidade de envolvimento do indivíduo com o que é expresso. Abaixo, dois (2) exemplos desta opinião:

- Escolhi a da Estátua Jerônimo de Albuquerque justamente por ter aprendido desde criança sobre a invasão francesa no Maranhão e sempre ter no imaginário como seria a batalha em si. E boa parte do meu próprio subconsciente sempre projetava o acontecido baseado nessa estátua desde que a vi quando criança.
- A estátua de São Marçal, embora não seja esteticamente a mais bonita, é um monumento que quando vejo lembro dos encontros de bois de matraca que acontece todo ano no João Paulo. Acredito que o lugar e a representação do santo nos integram a esse acontecimento tão marcante da nossa cultura popular.

São as opiniões afetivas que este trabalho busca, pela construção imagética que esse tipo de transmissão permite, razão já exposta no embasamento teórico (capítulo 2, p. 20 deste). Maia (2017, p.7) explica que a “tendência narrativa do homem nos leva a desenvolver diferentes formas de contar histórias” e devido a isso, as narrativas nos levam a refletir soluções que sejam condizentes a essa tendência.

Pensando na relação de proximidade que os momentos iniciais da projeção em design e os princípios da narratividade tem (Jones *apud* Maia, 2017, p.7) – onde se mobiliza símbolos na construção de cenários fictícios e futuros possíveis –, e na posição do design[er] enquanto comunicador – logo portador de linguagem(ns) – constatou-se que a linguagem mais adequada para [re]conectar a cidade aos marcos é a própria narrativa, por isso também a importância de elucidá-las. Em outras palavras, falar a mesma língua da cidade.

As opiniões afetivas (narrativas) trazem consigo o potencial de modificar a imobilidade atual destes marcos, lembrando as experiências vividas para atualizar o(s) discurso(s) destes elementos a fim de dinamizar os pontos de vistas em volta deles.

4.3.1 ESCOLHA DOS MARCOS

Enquanto trabalho monográfico e com tempo bastante reduzido, seria inviável investigar todos os trinta e cinco (35) marcos de uma vez em abordagem qualitativa. Os fatores ‘ambiente-cidade’ e ‘pesquisa qualitativa’ por si só já geram expressiva quantidade de dados, mesmo trabalhando com poucos objetos-marco. Por tanto, optou-se em trabalhar somente com três marcos para este momento de provocação inicial, e são eles:

- **Os Três Pescadores** (Arrastão), devido à preferência demonstrada pelos questionários aplicados no Campo II;
- **O Pescador**, devido estar numa área onde o conteúdo do elemento se conecta ao contexto cotidiano, o que sugere o potencial simbólico do lugar. Além de reconhecível visibilidade e, esta, maximizada pela recente reforma feita no espaço onde o marco se instala; e
- **Ludobelisco** (Pirâmide), devido quantidade relevante de ocorrências por toda cidade.

Sobre último elemento-marco escolhido, as ‘Pirâmides’ foram preferidas em detrimento dos ‘Amorilhos’ (que também tem quantidade relevante de ocorrência por toda a cidade) por estarem mais próximas às comunidades que as circundam, que diferente do outro se encontram mais distanciados da população. Usando da dedução ‘quanto mais próximo, mais fácil ser visto e reconhecido’, tal decisão facilita, ao momento de investigação do Campo III, a busca por narrativas e memórias vindas da comunidade.

Portanto, através dos três marcos escolhidos – que se desdobram em cinco, pois serão investigados três dos quatro ludobeliscos/pirâmides identificados –, pretende-se aprofundar a busca junto às comunidades destes para identificar como eles são experimentados/percebidos e se com as narrativas vindas destas pessoas será possível contribuir à provocação e reflexões deste projeto e alcançar os habitantes da cidade.

4.4 Aproximação a comunidade dos marcos (CAMPO III)

Ao começo de novembro até 14 de novembro, focou-se na aproximação da informação possível da comunidade próxima aos marcos. Trazendo a ação de “ATIVAR” propostos por Lia (KRUCKEN, 2009, p.98), o Campo III visa ampliar o olhar sobre os marcos urbanos para conseguir uma visão compartilhada dos mesmos, entender como pode haver a troca de conhecimentos e informações com os habitantes do entorno.

A comunidade é o universo que possui informação privilegiada sobre os marcos, uma vez que está presente em seu cotidiano. Pode até ser que não dêem atenção ao elemento, mas ainda assim são eles os informantes imediatos, conhecendo as peculiaridades, as potencialidades, os anseios, as necessidades, as ações e modificações locais que afetam os símbolos e significados dos elementos estudados e os mobilizam/dinamizam.

Neste item será relatada cada vivência nas cinco comunidades que foram visitadas e revisitadas constantemente nesse intervalo: A vila próxima ao Elevado Alcione Nazaré, no Alemanha; A Praça do Pescador, no Portinho /Desterro; o meio-fio de retorno ao lado da antiga RFFSA, na Beira Mar; a ilha viária na entrada ao bairro da Liberdade; e a Praça dos Pescadores, na entrada/saída da Praia de São Marcos.

4.4.1 VIVÊNCIA EM CADA COMUNIDADE

Cada uma delas fora visitada em um turno específico do dia, onde me coloquei a observar como se dava a interação com os elementos. Os primeiros momentos foram de observação, portando caderno e celular para fazer registros (escritos, fotográficos ou audiovisuais), mapeando o ambiente, localizando os elementos presentes na paisagem e fazendo anotações sobre as interações para a construção das descrições densas.

Foram separados dois dias, no geral, para cada marco, onde no primeiro dia vivenciava o momento de observação e mapeamento, no exercício de compreensão do contexto local sobre o elemento em si; enquanto no segundo dia vivenciava o momento de interação e entrevistas abertas com os locais, como meta pelo menos dois indivíduos da comunidade, no exercício de compreensão da imagem e relação dos locais com o elemento-marco. Assim como Portela e Anastassakis (2015) em reflexões sobre projeto museológico sobre o Bumba-Meu-Boi na Casa do Maranhão, de todos os desafios do atual projeto, o maior deles é o exercício desse olhar limiar entre o etnográfico e o design, buscando a relação entre a materialidade e quem o decodifica.

LUDOBELISCO – ALEMANHA (Figura 53)



Figura 53: Vista da pirâmide da vila no Alemanha, Av. dos Franceses.

Fonte: Da autora.

Visitado no dia 4 de novembro de 2017, a pirâmide está presente na praça próximo ao elevado Alcione Nazaré, com fácil acesso e contato próximo aos civis. Posicionado num local estratégico, próximo a via de acesso ao bairro da Alemanha vindo do sentido Vila Palmeira, é provavelmente bem observado. O momento de observação aconteceu durante todo o turno da manhã.

Por se tratar de um sábado, o movimento de motoristas e pedestres estava reduzido, porém, dos pedestres que passaram próximo ao elemento foram em torno de cinquenta e quatro (54) pessoas, onde cinco (5) adultos (aparente idade de 20 a 50 anos), três (3) jovens (aparente idade de 12 a 19 anos), três (3) idosos (aparente idade de +60 anos) e uma (1) criança (aparente idade de -12 anos) demonstraram de forma mais expressiva terem notado o marco.

Observando o local, percebeu-se que a maior parte das casas próximas ao marco são bem cuidadas e possuem fachadas fechadas, com aberturas em pergolados ou grades que possibilitam a observação da área externa e a entrada para ventilação interna (Figura 54 e 55). Tais configurações oportunizam ao espaço externo o entendimento de “fortalezas de segurança e/ou privacidade”, onde cada casa ergue seus próprios muros, podendo sugerir o receio de violações, o que também pode ser fator agregador de insegurança ao marco (que está inserido no ambiente). Impressão esta que é responsável por afugentar possíveis interações no espaço, desestimulando o acesso de alguns curiosos/interessados. Apesar disso, existe uma prática pelos moradores, vista em posteriores visitas e através de um dos contatados, que é a de sentar-se na praça no final da tarde, porém em meio a noite, a área se desertifica.



Figura 54: Vista das casas da vila em frente à entrada da Uninassau e suas fachadas.
Fonte: Da autora.



Figura 55: Vista das casas da vila e suas fachadas.
Fonte: Da autora.

O entorno da vila é zelado pelos moradores, que, segundo Denis - morador do local -, em individualidades cuidam de suas frentes e mantêm a vila apresentável. No entanto, o entorno imediato do elemento é descuidado, com depósito de sujeiras, entulhos e lixos dos moradores (Figura 56), fazendo dele um ponto de coleta de lixo, desordenado, associando a imagem deste ao de sujeira, apesar de bem caiado/pintado no momento.



Figura 56: Lixos e sujeiras próximas ao marco.

Fonte: Da autora.

Da comunidade do marco, fez-se contato com Denis, morador da vila há mais de quarenta (40) anos. Mora com sua esposa, além de juntos administrarem há dois anos um dos quiosques da praça, com venda de lanches aos estudantes universitários da Uninassau, ao final da tarde e início da noite. Denis e sua esposa são, segundo o próprio, os principais zeladores da praça, responsáveis por plantar boa parte das árvores que lá se encontram. Diante a curiosa relação onde o elemento se tornou ponto de lixo, Denis faz uma sugestão inconscientemente do possível por que do atual uso do marco:

Daniele: O que o senhor acha desse objeto?

Denis: Uma coisa sem sentido. Na minha opinião, né.

[...]

Denis: Desde quando fizeram essa praça aí. Botaram ele ali e até hoje nunca entendi o porquê daquilo ali. Uma coisa sem sentido, não tem uma placa ali, assim, indicando pra quê, nem por que, né, só colocaram aquele... Aquele, na verdade, chama de Pirâmide mesmo.

[...]

Além de os locais provavelmente não saberem qual a razão do marco, assim como Denis, o elemento em si não ‘se mostra’ importante: de fato não existe nada em seu entorno que evidencie seu sentido. Não há elementos explícitos que demonstrem que há nele importância, como, por exemplo, placas de identificação, pedestal ou mesmo luzes. Sua existência é o único atribuidor de sentido, que é objetivamente ilegível. Apesar disso, por habitar o local por um bom tempo, Denis recordou durante a conversa um pouco do histórico do elemento:

Daniele: [...] E essa praça tem mais ou menos quanto tempo?

Denis: Olha, tem mais de vinte anos. Tem mais que isso. Na verdade, isso era um terreno baldio aí, porque aí funcionava uma fábrica, né, a MERCK.

Daniele: Aqui na Nassau?

Denis: Uhum

Denis: Aí, como ela poluía muito o bairro aqui, as marés... Passaram trinta anos brigando pra ela poder sair. Aí a Prefeitura foi e fez essa praça aí, botou aquele monumento ali. Na verdade só fez isso, porque essas plantas aí, eu e minha mulher que plantamos; aquelas de lá foi a senhora que plantou de lá, dona Gracinha, e eu cuido, até hoje disse aí. [...]

Na verdade, era tudo descampado, nós que botamos esse banco aqui, aqueles banco de ferro ali, o resto já roubaram. Aqui é impressionante, tinha um conjunto de banco ali, eles roubaram. E botei essas plantas aí, porque era um calor horrível, agora tá ventilado mais um pouco, né.

[...]

Denis: [...] ela [a praça] foi feita da solicitação de nós moradores, porque na verdade minha mãe, que [...] é falecida já, foi que solicitou por muito tempo que a MERCK fizesse. Ela [a MERCK] nunca se manifestou. Aí a Prefeitura foi e fez essa praça. Só fez e deixou aí. Aí, o que aconteceu, a MERCK...

Daniele: MERCK é o nome da fábrica? A MERCK é o quê?

Denis: A MERCK é uma antiga fábrica de remédios, [...] alemã. Aí ela se manifestou e começou a tomar conta. Mandava limpar, aí deu uma organizadinha, mas depois largou de mão.

O conto que Denis narrou transmite frustração, mas para além deste sentimento, o surgimento desta memória resgatando o protagonismo da sua mãe, revela a proximidade que ele tem com o elemento (apesar de sentir-se distante, devido a falta de outros dados sobre tal), pensando o elemento por intermédio da praça, do entorno e local de existência: a fábrica, a poluição, o reclame dos moradores antigos, a mãe, o estado inicial da praça, o elemento inicialmente. As possíveis imagens/cenários que o elemento evoca, provoca: uma possível memória (não-oficial) que o marco guarda advindo da experiência de Denis.

Curiosamente o morador qualificar o elemento como “monumento”, denotando que existe um reconhecimento à pretensão de guardar memórias/marcos. Porém é perceptível na prática coletiva que o zelo pela “memória guardada” não acontece, por não saberem que história (oficial) está guardada ali, o que deteriora a relação de uso esperado e o uso praticado por parte da comunidade. A resignificação do uso comum/esperado aos “monumentos” (cuidado, preservação) deu espaço ao uso útil aos habitantes (para ponto de lixo, facilitando o processo de coleta, sem que o caminhão de limpeza precise entrar nas mediações para coletar), fazendo refletir a conexão do elemento e a comunidade local, numa possível máxima do “saber/conhecer para zelar”.

Ainda conversando com Denis, ele nos comunica que apesar do uso feito, a comunidade reflete e cria cenários (imaginação) com o elemento, em projeções, futuros possíveis:

Denis: Na verdade, muita gente se pergunta. Aqui a gente mora num bairro tão perigoso que a gente até brinca. De noite, que tem umas amizades, fica aqui batendo papo. Aí diz assim, “Rapaz, isso aí só vai chamar atenção”, [...] “a hora que esses vagabundos matar alguém e espetar bem no coisa” [...]. Eles são tudo louco, esses pessoal aí. Aí quando matar alguém e colocar assim espetado, aí vai chamar atenção. [...].

Denis demonstrou ainda ter curiosidades sobre o marco, pedindo para que eu o retornasse quando e caso conseguisse mais informações sobre ele, alegando não ter buscado mais sobre por não saber a quem perguntar.

O PESCADOR – PORTINHO (Figura 57)



Figura 57: Vista inteira da Praça do Pescador após reforma, Av. Vitorino Freire.

Fonte: Da autora.

Visitado também no dia 04 de novembro de 2017, mesmo dia em que a vila no bairro da Alemanha fora visitado, porém observando-o durante o período da tarde do sábado, das 15h30 às 17h. O elemento, o pescador, fica na área central da parte direita da Praça do Pescador (para quem a ver de frente). A visão do marco antes da reforma era mais evidenciada e fácil, dando a ele uma força visual relevante (possível de visualizar aqui <https://goo.gl/UQxLDP> e na Figura 58). Após a reforma, porém, o elemento quando visto à distância perde a pregnância e se confunde com alguns objetos urbanos presente na redondeza, como os postes de luzes e as palmeiras. Apesar disso, a visão vivenciada (próxima) do elemento ainda é perceptível e bem discriminada.

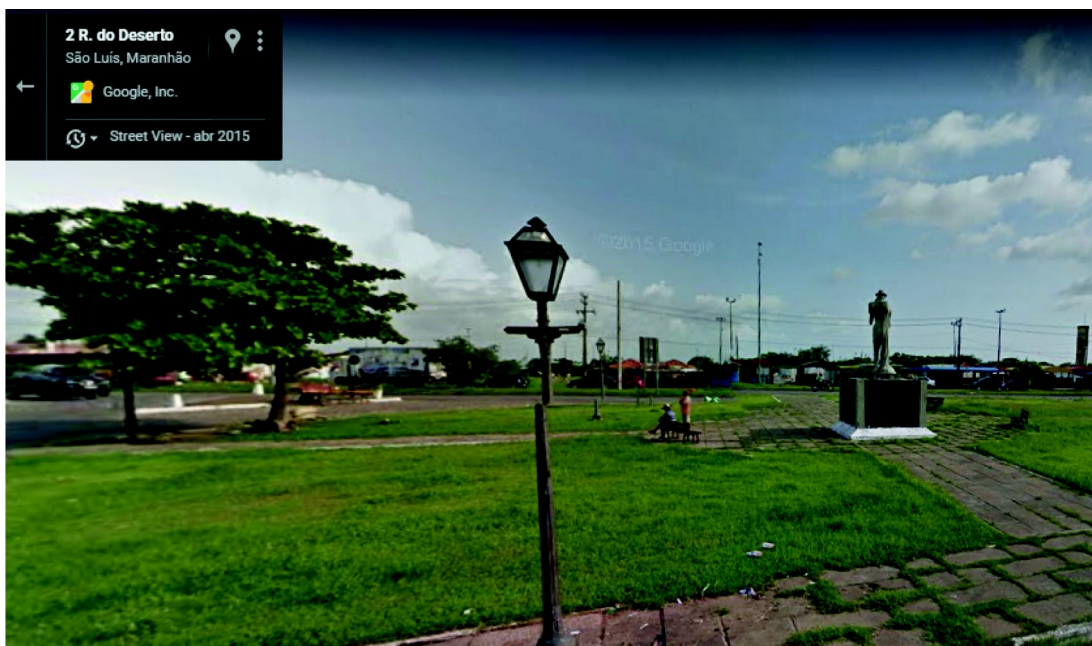


Figura 58: Vista traseira da Praça do Pescador antes da reforma.

Fonte: Google Maps (captura de tela, 12 jun. 2018).

Mesmo sendo sábado à tarde, o movimento próximo à praça era constante, provavelmente devido ao horário escolhido, horário em que sol começa a baixar em prenúncio do pôr, a “esfriar”. Alguns dos comércios próximos à praça estavam abertos e pessoas vindas do interior do Centro Histórico/Desterro circulavam por ali. Também se encontravam na praça táxi enfileirado no ponto de táxi da praça, onde um taxista conversava com os guardas municipais, quando chegara ao local.

Também antigo ponto de encontro de usuários dependentes químicos (ARAÚJO, 2015), no cotidiano atual ainda é possível perceber a presença de pessoas em condições abastadas por estarem nessa situação de vulnerabilidade pelas redondezas da praça, ocupando o espaço. Convivendo e coexistindo com alguns dos trabalhadores do lugar.

Dos passantes próximos ao marco do pescador, durante a permanência de 1h30, conferiu-se pouco mais de vinte e nove (29) pessoas, onde dois (2) adultos, um (1) jovem e um (1) idoso, perceberam o elemento com mais expressividade. Um dos adultos, inclusive, se tratava de um turista que, tentando encontrar dado lugar da cidade, se pusera a ler a placa que há no pedestal, possivelmente para se situar. Tal acontecimento levou-me a reflexão do “olhar de criança”: quando estamos em local inédito, novo, nosso olhar parece se apurar mais para reconhecer o local e entendê-lo. A vivência inédita mostra-se como sendo o momento chave para a busca e obtenção dos marcadores do lugar, antes do olhar se acostumar com o espaço.

Observando o entorno do marco e as relações com este, como mencionado em sua descrição no item 4.2 (p. 49), a estátua do pescador está inserida em um ambiente que reforça seus significados. Sentar-se à praça e ler nos comércios próximos “Pescados Ltda”, “Edipesca”, “Peixaria Baratão”, “Praia do Desterro”, “Mar e Terra - Peixaria”, além do quiosque de água

de coco e muro com os dizeres “Sindicato dos Trabalhadores na Pesca e Aquicultura do município de São Luís – MA”, nos ajuda a perceber a conexão existente entre o cotidiano do lugar e o elemento ali exposto, de tal forma que até o comércio “Mercadinho Amarelo” pode nos remeter a referências aquáticas (pescada amarela). Atravessando a avenida com o olhar, reforçando mais ainda as conexões estão: “Mercado do Peixe”, “Porto Seguro – Bar e Restaurante”, e, bem de frente ao Pescador, “ADPEMASL – Associação dos Distribuidores de Pescados e Mariscos de São Luís”, além do frescor do lugar trazendo a certeza da presença do rio-mar próximo.

Entrando em contato com Luís, antigo trabalhador do complexo de paradas do Anel Viário, ao lado do TRE-MA (Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão), enquanto relatava outro elemento próximo (APÊNDICE C), ele revive opiniões:

Luís: Isso foi obra da Prefeitura. Tem mais de 20 anos. Aqui eles fizeram a Praça do Trabalhador e ali [aponta em direção ao Desterro] é a Praça do Pescador. Conhece?

Daniele: Ah, essa eu conheço.

Luís: Pois é. Lá é a Praça do Pescador. Reformaram e levaram o peixe dele.

Daniele: Ah, ele tinha um peixe?!

Luís: Tinha! Uma pescada, grandona. Ele não tá com um cofo e uma vareta?

Daniele: Sim...

Luís: Pois é, no cofo tinha uma pescada. A questão é que a Prefeitura reforma as coisas e não procura saber.

João Matos, antigo morador do Desterro com mais de sessenta (60) anos [o taxista que fora visto conversando com os guardas municipais], em reportagem à TV Mirante (REPÓRTER..., 2018) consente a informação que Luís dissera; e ainda completa:

João: Isso aqui, toda essa área aqui era água. Tudo. Isso aqui tudo. Não existia nada disso aqui. Aqui o que existia era os barcos mesmo, encostando, pescadores entrando e saindo... Naquele movimento, diariamente. Todo dia.

A reportagem conta que na área do Portinho, um dos bairros mais antigos de São Luís assim como o Desterro, ficava o principal porto pesqueiro da cidade, um reduto aos pescadores (Figura 59). O elemento faz viver a luta de resistência não só dos pescadores enquanto categoria, mas também, tendo vista a descaracterização do ambiente, da memória do lugar, sendo hoje em dia somente o reflexo simbólico do que um dia fora.



Figura 59: Registro do cotidiano pesqueiro do Portinho.

Fonte: Pierre Verger, Museu Afrodigital do Maranhão (<https://goo.gl/Brpk7p>).

Ambos entrevistados mostram a proximidade que possuem do elemento e as memórias que ele traz. Luís, com 57 anos, assim como João viveram este ambiente antes mesmo do marco existir, se tornando pessoas-chaves às lembranças do que o elemento representa, potencializando sua importância como marcador de identidade.

OS TRÊS PESCADORES - PRAIA DE SÃO MARCOS (Figura 60)



Figura 60: Vista dos Três Pescadores na Praia de São Marcos, Av. Litorânea.

Fonte: Da autora

Visitado no dia 5 de novembro, domingo, às 17h, a escultura dos Três Pescadores fica em localidade hoje denominada Praça dos Pescadores devido à importância que o elemento adquiriu para cidade por sua grande visibilidade e busca por parte dos cidadãos e turistas. Fora o elemento que teve menor tempo de observância com relação ao como os locais interage com ela, devido o fato de tal interação ser bastante expressiva e constante. Com somente 1h de observação, tendo mais de oitenta (80) pessoas passando perto do marco durante o intervalo, foram notados que vinte e dois (22) adultos, quinze (15) jovens, sete (7)

crianças e quatro (4) idosos perceberam o elemento (no total de 48 pessoas); sendo que trinta e seis (36) deles interagiram com o elemento, ou seja, quase metade dos passantes.

O entorno do elemento é bastante movimentado, possivelmente por se tratar de uma área de lazer bem “cultuada” pelos ludovicenses (as praias). Apesar disso, em comparação as praias mais populares, como Calhau e Ponta d’Areia, o movimento na Praia de São Marcos é reduzido. Com presença de atletas e pessoas que estão em busca de lazer, saúde e bem-estar, por vezes eles passam distraídos em suas atividades e/ou conexão com músicas ou acompanhantes.

O elemento que fica em ponto estratégico da praia, recepcionando quem chega à praia por ele e se despedindo de quem deixa a praia por ele, fica distante da comunidade próxima, sendo os pontos mais próximos a ele dois quiosques no calçadão atrás do marco, um estabelecimento a 300m de distância, adentro do território litorâneo, e dois edifícios de condomínio a aproximadamente 250m de distância saindo do território litorâneo (sentido Av. dos Holandeses). Atualmente não possui placas em suas estruturas e fora recentemente restauradas, tendo um histórico com ferrugens (O ESTADO DO MARANHÃO, 2016; *idem*, 2017), estando agora revestido por fibra de vidro. (Figura 61)



Figura 61: Camada de fibra de vibro na estrutura do marco.

Fonte: Da autora

Não possuindo nenhum informante local, a escultura gerou reflexões sobre o caráter do ambiente como influenciador das interações com os elementos-marcos e os sentidos construídos em torno do elemento. Enquanto sendo prioritariamente um espaço de lazer e repouso, com indícios de turismo, o local onde o marco em questão se encontra constrói o clima de facilidade e incentivo para interação com os elementos componentes de sua paisagem. Por outro lado, se inseridos em ambientes de passagem (transportes, trajetos cotidianos, etc.), casualidades, por exemplo, esse incentivo diminui? O que constrói esse clima: os componentes da paisagem, o pólo praticado no entorno, ...?

LUDOBELISCO - BEIRA MAR (Figura 62)



Figura 62: Vista da pirâmide da Beira Mar, Av. Beira Mar.

Fonte: Da autora

Visitado no dia 06 de novembro de 2017, durante o turno da manhã de uma segunda-feira, a pirâmide da Beira-Mar que se localizava em meio-fio, separando dois retornos na Av. Beira Mar. Com ponto de fluxo pedestre, motorizado e alternativo intenso, é fácil ver carroças, bicicletas e outras formas de se locomover nessa região. Com aproximadamente duzentos e dez (210) passantes próximos ao elemento, percebeu-se que dez (10) adultos, cinco (5) jovens, dois (2) idosos e duas (2) crianças demonstraram mais expressivamente notar a pirâmide.

A pirâmide da Beira Mar ficava num local extremamente estratégico. Os retornos que separava eram geridos por sinais de trânsito (semáforos), forçando os motorizados a pararem ao lado do elemento, maximizando e garantindo que ele fosse visto. Além disso, é o local de passagem dos pedestres e alternativos, onde por meio de faixas de pedestres acessavam o elemento. Além disso, do lado do rio-mar Anil, no muro do Forte da Beira Mar, as pessoas que passam e sentam-se em seus bancos em frente ao elemento também tinham visão facilitada, apesar de alguns preferirem admirar as águas.

O marco era descuidado, aparência abandonada e nele haviam colados vários cartazes de propaganda. Assim como os moradores da vila no Alemanha ressignificaram a pirâmide da comunidade a um ponto de coleta e despejo de lixo, os locais e ocupantes da Beira Mar ressignificaram-na a um suporte *outdoor* para suas divulgações.

Recentemente o marco fora retirado/destruído, no seu lugar fora plantada uma muda de árvore, antes do carnaval deste ano (14 de fevereiro), medida tomada pelo projeto de

inauguração da Praça Joãozinho Trinta (onde ficava o antigo arquivo da RFFSA) e restauração do prédio da Estação. Antes desse acontecimento, no entanto, se conseguiu contatar alguns locais, entre eles Francisca, dona de um quiosque com venda de guaraná da Amazônia, com atividades na área em torno de vinte (20) anos; e Jackson, comerciante do bairro, com estabelecimento próximo à Pirâmide dos 350 anos (p.66-67). Conversando com Francisca, abordada quando o movimento de clientes suavizara, perguntei-lhe há quanto tempo a pirâmide existia:

Francisca: Não sei, não. Mas acho que deve ser mais ou menos essa data também, eu acho.

Daniele: De vinte anos?

Francisca: Com certeza.

Daniele: Quando a senhora chegou, ele já tava aí?

Francisca: Já.

Daniele: E na época ele estava desse mesmo jeito? Não tinha nenhuma placa ou nada assim?

Francisca: Não sei, não sei, porque a gente quase não andava por ali. Era só esse sentido assim [sinalizou o cajueiro presente no espaço].

Jackson, no entanto, foi mais categórico em sua resposta, dando outra direção à conversa por querer compartilhar outras informações das relações que ele detinha:

Jackson: Ah, ali é novo!

Daniele: Ah, é novo? Tem mais ou menos quanto tempo, o senhor sabe?

Jackson: É novo, não tem muito tempo não.

Daniele: E o senhor sabe o que significa aquilo? Que não tem nenhuma placa lá...

Jackson: É uma pirâmide. Não tem o formato de uma pirâmide?!

Daniele: É.

Jackson: Então é uma pirâmide.

Daniele: (risos)

Jackson: Aquilo ali é novo. Mais velho ali é a Maria-Fumaça. Tu já viu a Maria-Fumaça?

Jackson: A mais antiga é a Maria-Fumaça, que é a primeira locomotiva que teve aqui. Que era movida a lenha [...]. Aquela pirâmide é nova.

Ambos, tanto Jackson quanto Francisca não se estenderam em reflexões sobre a Pirâmide. Francisca trabalha há aproximadamente vinte anos neste trecho da Beira Mar, porém, seu antigo quiosque ficava de costa ao elemento e entre os dois havia o imóvel do arquivo do RFFSA, que bloqueava completamente sua visão ao elemento. Jackson, por outro lado, apesar da distância com o elemento, demonstrou fazer reflexões sobre o elemento, porém reflexões objetivas: “Não tem o formato de uma pirâmide?! Então é uma pirâmide.” Perguntado se ela tem algum significado, ele expressou:

Jackson: Não... Às vezes tem pra quem fez, né? E não quiseram expor para o público, não é isso? Não é? Senão teriam deixado alguma gravura nela. É, né?

Diferente da comunidade do Alemanha, os contados na Beira Mar parecem fazer da ausência de informação a certeza da ausência de significado do elemento, como acusado na fala de Jackson, que os levam a, como o mesmo descontraidamente faz, por vezes ler o objeto em sua obviedade. Jackson, no entanto, conseguiu acessar memórias quando curvou a conversa à Maria-Fumaça, indo aos nomes de bairros e prosseguindo pelas localidades do bairro do Monte Castelo, chamado Areial, como o próprio revelara.

Posterior a retirada da pirâmide da Beira Mar, contatou-se Leda, antiga moradora da área, com a casa de frente ao elemento. Atuando como médica, com formação, mora na Beira Mar desde sua infância com a sua mãe (com 90 anos), e tem 59 anos de idade. Perguntada sobre o significado e sentido da Pirâmide, respondeu bem determinada:

Leda: Essa Pirâmide não representa nada não. Isso deve ser bem coisa de algum político da época... Provavelmente alguma estratégia política para marcar o espaço. Não tem sentido nenhum essa pirâmide aí.

Leda recorda-se que a pirâmide chegara depois da adolescência dela, da década de 1980 para frente. Não lembrou-se quais eram os governantes da época, mas ao perguntar se o elemento alguma vez tivera placa, ela retorna ao como o elemento fora instalado nas mediações do lugar:

Leda: Colocaram aí sem dizer o que representa. Não tinha placa, não. Nunca teve placa. Não tinha nada dizendo o que representa. Por isso que eu acho que é jogada política. Tu deve saber como eles são, né? Eu não confio.

Ela guiou a conversa em conteúdo histórico-político. Apesar da vivacidade e certezas, ela falava com certa frustração quando se referia ao elemento, indicando que há reflexões e que o elemento a provocara. As provocações foram trazendo as memórias de sua adolescência próxima ao marco, já que morava em frente a ele os pontos de conexão eram mais comuns.

As memórias sobrepunham a imagem da São Luís que existia antes do elemento surgir. Lembrou-se que antes no local do elemento o que havia era o muro que separava a via comum da ferrovia dos trens da RFFSA, onde também era usado como estacionamento destes transportes; e que próximo ao trecho do elemento havia os trilhos para os bondes. Tais memórias a fizeram lembrar a revolta que sentia da diminuição dos transportes alternativos da capital, dizendo não entender por que cobriram os trilhos da cidade.

Leda, nesse exercício, estava tentando resgatar algo que pudesse justificar a presença do elemento naquela área. Pensando alto, estimulada pela conversa e perguntas que fazia, construiu algumas hipóteses:

Leda: Não me lembro de algum acontecimento histórico que tenha acontecido aqui. A não ser que ela esteja evidenciando a antiga RFFSA... Ah, teve uma marcha aqui. A primeira marcha pela meia passagem. Eu era adolescente. Mas não acho que essa pirâmide esteja marcando esse acontecimento... Do mesmo

porte que teve em 2013, foi. Ainda era regime militar, a gente se organizou junto a um padre, que nessa época essas organizações estudantis aconteciam dentro das igrejas, porque era mais fácil de se reunir por lá. Me lembro bem, a gente caminhou aqui da Beira Mar, saindo da Deodoro até ali a João Lisboa, indo em direção ao Palácio dos Leões. A gente tava só caminhando e protestando, mas a polícia veio com tudo pra cima da gente. Pra te ver como era antes, não tá muito diferente. Eles atiravam pra cima, bateram num monte de gente. Eu e mais um amigo meu só não apanhamos, porque uma senhora, vendo a arruaça, abriu a porta da casa dela e puxou a gente pra dentro.

SOARES (2013) em lista de grandes protestos brasileiros, coloca que os mais de 15 mil estudantes ludovicenses deste ato político do dia 17 de setembro de 1979 foram taxados de “marginais” e “subversivos”. A moradora ainda exemplificou a razão do elemento comparando-o com atual reforma da área da antiga da RFFSA, pelo Governo do Maranhão em homenagem à Joãosinho 30 – importante e famoso carnavalesco ao Rio de Janeiro, natural de São Luís, falecido em 2011 –, dizendo:

Leda: Não é desmerecendo o Joãosinho Trinta, que foi um grande carnavalesco, mas passou mais tempo fora do Maranhão do que dentro, entende? Tendo tantos outros artistas e nomes na cultura popular que contribuíram aqui, resistindo, que poderiam ser homenageados, e... Cadê? Eu não conheço nenhuma praça com o nome dessas pessoas.

Leda, diferente dos demais entrevistados, demonstrou ter consciência de que a cidade, o espaço urbano, é um ambiente de dizeres, diálogos e demarcações, ao considerar que o elemento fora posto somente para dizer que alguém fez, e parece reconhecer a importância da imagem ludovicense impressa nesse ambiente, por meio dos nomes, elementos, símbolos, está evidenciada nesses lugares.

LUDOBELISCO – LIBERDADE (Figura 63)



Figura 63: Vista da pirâmide da Liberdade, Av. Camboa.

Fonte: Da autora

Visitado no dia 8 de novembro de 2017, quarta-feira, das 16h às 18h30, no início do horário de pico na via que leva à Beira Mar e ao bairro do Jaracaty pela Ponte Bandeira Tribuzi; vista na Figura 63. No total de 2h30 de observação, foi constatado que das treze (13) pessoas que

passaram próximo ao elemento, três (3) adultos, um (1) idoso e uma (1) criança perceberam o marco com maior expressividade.

Localizado no que se convém chamar de ilha viária (meio-fio ou calçada inserida entre vias de trânsito que não tem acesso facilitado por meio de sinais de trânsito, como, por exemplo, semáforos, placas ou faixas de pedestre) entre as avenidas Camboa, Luís Rocha e a Rua Gregório de Matos, o elemento fica ao lado da rua que dava acesso ao antigo Matadouro Modelo (Figura 64), abatedouro de gado que abastecia a população de São Luís situado no interior do bairro da Liberdade, hoje a Escola Mário Andreazza. (CUNHA, 2018).



Figura 64: Matadouro Modelo da Liberdade.
Fonte: Portal O Imparcial (CUNHA, 2018).

A pirâmide fica próxima a um estabelecimento de venda de materiais de construção e residências, além de também ser porta à via que leva à Feira Municipal da Liberdade. Também de aparência descuidada, o elemento tem em seu corpo cartazes publicitários colados e a pintura/caiado amarelo gasto e sujo. Componente da sua estrutura, uma escada com poucos degraus. Durante observação no local e outras visitas feitas, percebeu-se que os habitantes e adjacentes se sentam nesta escada para conversar em grupos ou mesmo sozinhos para observar o movimento. Na calçada em que se encontra, também é fácil ver carroças ou jumentos/cavalos, sendo eles de posse dos carroceiros contratados que trabalham no transporte de carga dos materiais de construção ao estabelecimento próximo.

O local dele é estratégico pra visibilidade, porém seu acesso é difícil. A dona do salão comentou que o cruzamento do marco havia um alto índice de acidentes de carro. Era perceptível os desrespeitos aos sinais e manobras perigosas feitas. Apesar de ilhado e descuidado, ainda mostra sinais de zelo por parte dos próximos, por se tratar de um ponto de

encontro dos locais. Por exemplo, o ponto de depósito de lixo se faz próximo ao poste de alimentação que tem na mesma calçada, em vez de sê-lo junto ao marco (como na comunidade da vila no Alemanha). O uso como lugar para estar ajuda a preservar, mesmo que minimamente, o marco.

Conversei com um conhecido que mora bem de esquina ao elemento, Jefferson, com 25 anos de idade, diz que desde quando se “entende por gente” conhece o marco.

Daniele: Tu gostava dela [da Pirâmide]?

Jefferson: Até anos atrás sim, mas com o passar do tempo não, porque começou a ser usada como ponto de tráfico. Já vi várias vezes malucos armados indo até lá, atrás de uns que estavam sentados e colocavam a arma na cara, ameaçando de morte e tal.

Daniele: Meu Deus! Que coisa horrível!

Jefferson: Particularmente já queria também que acabasse com isso, medo de algum inocente morrer.

Daniele: Entendo. Caramba, que pesado. Sabia disso não. Via uns meninos de vez em quando de noite lá, mas achava que eles estavam só de marotagem. Uma vez até senti cheiro de maconha, mas não achei que fosse isso tudo.

Jefferson: Tinha sim essa galera, mas acabou sendo queimada por essas coisas.

Daniele: Entendo. Mas o que tu gostava nela? Na Pirâmide?

Jefferson: Gostava só por que é ventilada.

Recentemente, a pirâmide da Liberdade fora destruída também, assim como e no mesmo período que a da Beira Mar, porém até então nada foi feito na ilha viária, nem mesmo a muda de árvore. Jefferson comentou que o local será reformado; o caixa do Cantanhede (estabelecimento ‘RG Cantanhede – Materiais de construção’) disse que havia sido roubado. Notar que fora retirado em meados de Fevereiro. As versões e o acontecimento com o marco faz refletir sobre a mobilidade dos elementos presentes na paisagem urbana, mesmo quando entendidos como imóveis, não transportáveis.

Como Cardoso (2012) nos revela a forma não é eterna e inalterável, a nível material e imaterial, em si já é fruto de uma transformação e, por conseguinte, pode sofrer transformações. Acostumados com a presença de tais elementos, de repente nem consideramos que eles deixariam de existir no dia seguinte, como demonstrou o caixa do Cantanhede, em ato de fúria, chegando a atribuir no calor do dito a culpa a ladrões:

Caixa: Roubaram! Eles estão assim, tudo eles roubam agora! O negócio tava direitinho ontem aí, hoje quando cheguei já não tava mais.

Percebido também no olhar do Jefferson que enquanto a imagem do elemento era associada ao de encontro, lazer, ventilação, área de estar urbana, era bem quisto; mas quando o mesmo se transformara em ponto de tráfico, encontro de marginais, o olhar mudou. Cardoso explica lembrando-nos que “o olhar é também sujeito a transformações no tempo, e aquilo que depreendemos do objeto visto é necessariamente condicionando pelas premissas de quem enxerga e de como se dá a situação do ato de ver”. (CARDOSO, 2012, p.37).

4.4.2 VISITAS AOS MARCOS À NOITE

A nova visita aos marcos, à noite, aconteceu transitando nos transportes coletivos de São Luís, a fim de deduzir a visão possível que os ludovicenses têm da cidade quando em movimento e entender o que é possível ver da paisagem quando escurece. O transporte público foi escolhido por ter roteiro definido num geral por avenidas e por transitarem com velocidade legalmente reduzida e constante paradas, trajeto menos objetivo quando comparadas aos de veículos particulares, como carros e motos (que procuram caminhos mais curtos e rápidos aos seus trajetos).

Foram revisitados vinte e oito (28) dos trinta e cinco (35) marcos identificados, sendo que somente três (3) possuíam iluminação focal, doze (12) eram iluminados de forma secundária pelos postes de iluminação viária e onze (11) estavam sem nenhuma iluminação, onde seis (6) deles ficam praticamente invisíveis (Figura 68). Dois (2) deles com caso especial: o vagão da antiga REFFSA e a Pirâmide dos 350 anos estão sem iluminação por estarem em reforma.

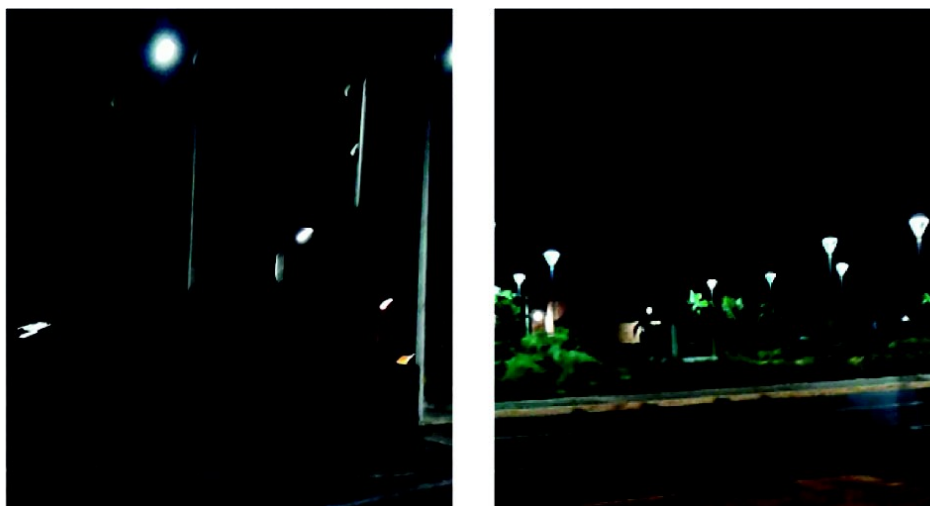


Figura 68: Jerônimo e N.Sra e a estátua do Pescador praticamente invisíveis à noite.

Fonte: Da autora.

Atualmente, a escultura dos Três Pescadores e o Pescador se encontra sem iluminação focal, contando com iluminação da avenida, portanto, os três marcos com iluminação focal são: Anjo Gabriel, Pedra da Memória e Pirâmide de Beckham, sendo este último iluminado por um poste de luz comum, porém próximo ao elemento. A vivência desta nova visita causou algumas reflexões:

- Será possível medir a importância dada aos marcos urbanos, de forma a hierarquizá-los mediante a iluminação que recebem durante a noite?
- Será que a iluminação ou a falta dela influencia na relação de construção de importância entre os ludovicenses e os marcos urbanos?

O projeto de iluminação na capital dar notória preferência às vias urbanas, o que chamarei de iluminação prático-funcional. Imaginando o cenário: E se acontecesse um apagão somente nas

redes de iluminação viárias, o que na cidade (com exceção das luzes internas das casas) permaneceria iluminado? O que a cidade realmente mostra aos habitantes?

Algumas cartas de recomendações sobre o sítio monumentalizado/com monumentos, quando seguidos, transformam e formatam os elementos em marcos urbanos, instruindo a remoção de presenças que prejudiquem seu destaque. (NASCIMENTO, 2005). Porém, o que o sol dá luz, a noite torna invisível, e é assim que a paisagem urbana de São Luís denuncia o que escolhe para ser notado, o que considera relevante à valorização: na paisagem noturna. Com o reforço luminoso durante os turnos noturnos, suspeita-se que é aumentada a pregnância dos elementos para a cidade.

4.4.3 REFLEXÕES GERADAS

Por meio da ativação dos agentes locais, ampliou-se a visão sobre os elementos. Ainda que em negações, conflitos e descrenças, as mensagens e narrativas compartilhadas por eles mostram a diversidade de significados atribuídos e sentidos percebidos resultados das interações ou não-interações que tais atores obtiveram com o elemento em si em sua [com]posição. Na busca pelos conectivos atuantes entre os locais e os marcos urbanos – sua relação com o lugar, o contexto de posição e seu percurso histórico –, enquanto artefato da cidade, foram salientadas as reflexões provocadas como forma de construção dos cenários antecedentes aos processos criativos e definição das diretrizes projetuais.

Observado nas leituras de Lynch (1997), Krucken (2009), Maciel e Lacerda (2018) e demais autores sobre território e cidade, e perceptível nas falas dos locais e próximos contatados, o elemento evoca o entorno. As memórias sobre os marcos fazem ressurgir as relações sobre e com o lugar. Como Krucken, Maciel e Lacerda postulam, existe uma troca mútua entre o artefato e o território, onde o território contribui à valorização do artefato e o artefato contribui à valorização do território, o que Krucken chamou de “capital territorial” (KRUCKEN *apud* OBSERVATÓRIO EUROPEU LEADER, 2009, p.34). Testemunhado, por exemplo, nas vivências da pirâmide do Alemanha, onde o clima de insegurança do local e dos locais transfere ao marco esta qualidade, e da obra dos Três Pescadores, onde o ambiente semi-turístico e de lazer facilitam a interação com o marco.

No entanto, alguns dos elementos, como as pirâmides, explicitaram a incerteza do significado atribuído a elas, o que exigiu ainda mais a evocação das memórias sobre o entorno, as vivências percebidas com os marcos; diferente do elemento ‘O pescador’, que em figura traz consigo a significância do próprio elemento agregado ao território. Deste modo, foram percebidas as fraturas de sentidos causadas pela falta de clareza das informações sobre os elementos, o que levou alguns dos atores locais a percebê-los como “sem sentido”. Reforçado com a fala de Denis que diz que “na verdade, eu também tenho [interesse em saber], mas a gente fica sem saber pra quem perguntar”. Além dos relatos de falta de comunicação de quem instalou, como explicitado na fala de Jackson “às vezes tem [significado] pra quem fez, né? E não quiseram expor para o público, [...] Senão teriam deixado alguma gravura nela”.

A fala de Denis não só trata da falta de informações sobre o elemento em si, como também aponta à falta de clareza do **percurso** desta informação (a quem perguntar). Retomo, por exemplo, o esforço que fora necessário fazer, nas etapas de pesquisas exploratórias, para conseguir a informação primária de ‘onde encontrar esses dados’. Tal realidade demonstra o descuido informativo à população em detrimento do entendimento dos elementos que se propõem ser representativos do próprio espaço habitado, maculando as demais formas de valorizar a capital em identidade, não só pelas ‘despercepção’ por proximidade, como sugeriram Maciel e Lacerda (2018, p.5)

Portanto, nota-se nessas falas que a informação quista é a do significado atribuído, a explicação do por que tal coisa está onde está e o que pretende representar, entendendo o significado como sendo um dos insumos à construção do sentido, e como a falta dele pode contribuir à insuficiência dessa construção (não sendo, no entanto, fator determinante de não construção de sentido). Na ausência do significado atribuído, a comunidade vai fazendo associações do elemento ao entorno, do elemento aos locais, como ele agrega à construção de valor territorial. Tais associações ressignificam o elemento e a partir disto se estabelece qual zelo/cuidado o marco receberá, atualizando o sentimento de pertença, no reconhecimento de si nos aspectos da comunidade em que vive e o como se apropria deste espaço. (FROSSARD e PESSÔA, 2018)

Não esquecendo que o olhar de quem atribui sentido, como nos coloca Cardoso (2012), também está sujeito a transformações, assim explicitado no relato de Jefferson, que antes gostava do elemento pirâmide por se tratar de um aglutinador comunitário, mas que deixou de gostar por se tornar um aglutinador de criminosos. Sem a segurança do que ele representa e se é de fato um artefato que agrega valor ao território, se torna passível de mobilidade, por mais imóvel ou – como propõe terminologicamente Lynch (1997, p.2) –, “estacionário” ele pareça ser. Exemplificando tal situação estão as duas pirâmides removidas: da Liberdade (com associações negativas, passou a ser entendida como perigosa) e da Beira Mar (desvalorizada por ser entendida como sem sentido).

Percebe-se, por fim, que os atores locais não estão completamente alheios à atribuição de sentidos aos marcos como se pensou a princípio, além de também indicarem momentos relevantes/significativos do território em investigação, aliado ao marco estudado, como sendo proprietários dos acontecimentos do espaço, porém a ausência dos significados atribuídos prejudica o reconhecimento desses como sendo importantes. Faz-se importante deixar evidente os símbolos e valores impressos neste, também fazê-los perceber que suas vivências marcos também são agregadores de sentidos ao elemento. Como notado nas narrativas de Leda e Denis, que salientaram processos comunitários relevantes de marcos (por exemplo, a marcha em prol da meia passagem e a iniciativa da mãe de Denis junto à comunidade para adequação do espaço habitado). Assim, respondendo a pergunta “quais são as necessidades de capacitação dos atores do território?” da ação de Ativar, proposto por Krucken (2009, p.100), a capacitação necessária é a de informação e divulgação destes símbolos, à priori, na busca rever a relevância destes e qual reconhecimento é possível para conseguir prosseguir nas ações que levam à valorização.

Todos estes relatos e narrativas contribuem na construção dos cenários para elaboração de soluções. Permitem-nos acessar a imaginação e memórias presentes e elucidadas pelos elementos, construindo (ou não) conexões e associações a eles, repensando a imagem de cada um deles na imagem e identidade de São Luís.

Com estas vivências e reflexões, percebeu-se a notória provocabilidade dos elementos aos indivíduos adultos durante as observações, e induziu-se esta constatação como base para definir os indivíduos jovem-adultos como sendo o público-alvo deste projeto. Para que seu interesse, curiosidade, entusiasmo ou mesmo disposição em saber/conhecer sobre os elementos marcos não seja em vão, este projeto dispões-se apresentar também propostas de soluções para restabelecer e conectar esse público aos elementos, dando insumo à construção de sentido deles à cidade.

Os Franciscos e Catirinas do projeto são constituídos pelos jovens-adultos ludovicenses, de faixa etária entre 20-39 anos (no total de 393.538 pessoas, segundo censo de 2010), sob taxa de escolarização de 96,8% (maioria com nível de instrução de médio completo ou superior incompleto), de predominantemente “pardos” (56,13%) e compreendendo tanto homens quanto mulheres, com a maioria sendo do sexo feminino, dos diversos gêneros, como ilustrado na Figura 69. (IBGE, 2010-2016)

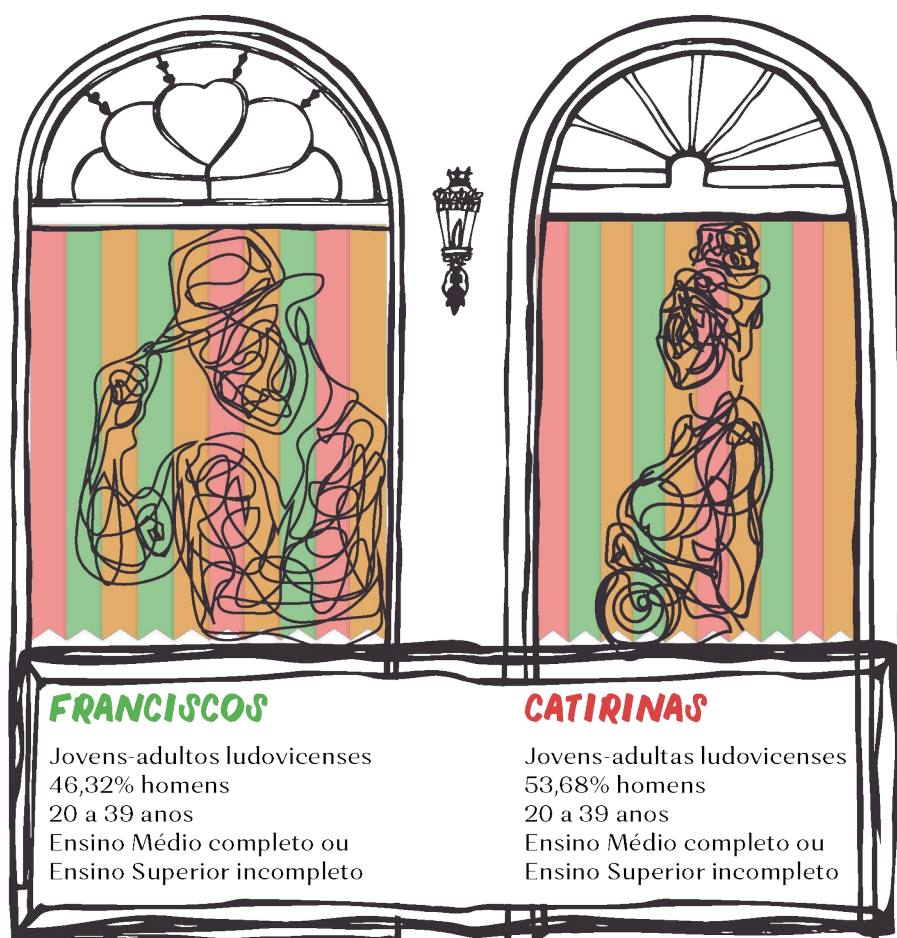


Figura 69: Franciscos e Catirinas – Público-alvo do projeto.
Fonte: Da autora e freepick com dados do IBGE.

Tendo em vista a enorme quantidade de dados gerados pelas pesquisas, os critérios norteadores (Figura 70) foram destacados a fim de manter o foco do projeto. O público-alvo será de crucial importância às demais etapas e na próxima etapa, aplicação da ferramenta fotoelicitatória, serão os próximos sujeitos da pesquisa, para entender como esse público vivencia a cidade, o que buscam e quais narrativas os elementos evocam destes para que ao final proponha-se como se dará a devolução a estes e à cidade.

Provocar & informar

- PROVOCAR o olhar do ludovicense
(des-invisibilizar os elementos marcos)
- DEVOLVER graficamente os resultados
(conectar os cidadãos às informações)
- APROXIMAR os indivíduos dos marcos
(reestimar a produção de sentidos)

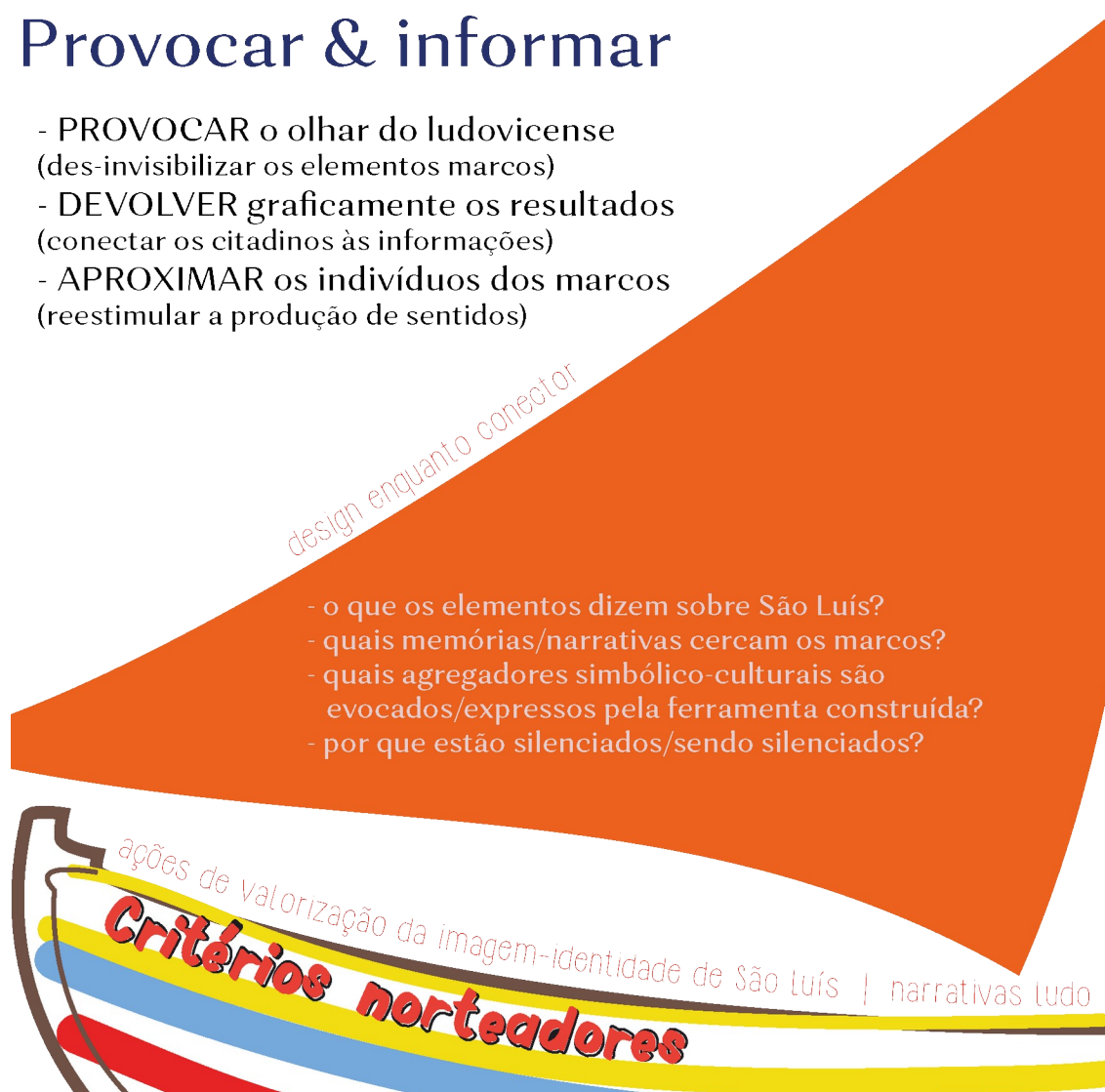


Figura 70: Critérios norteadores do projeto.

Fonte: Da autora.

Assim, o que não se pode perder de vista é que este projeto se trata de uma provocação, a ação inicial necessária ao processo de valorização, como fora explicado no capítulo 3 deste trabalho (Metodologia). Como segundo plano e base para a realização da provocação aqui proposta, as buscas principais: 1) a investigação do que os elementos dizem sobre São Luís; 2) quais memórias e/ou narrativas cercam estes marcos; 3) quais agregadores simbólico-culturais estas narrativas/memórias expressam/evocam sobre a cidade; e 4) por que estes elementos estão sendo silenciados.

5. FERRAMENTA FOTOELICITATÓRIA

Com as questões-chave feitas pela ação de COMUNICAR e PROTEGER (KRUCKEN, 2009) relacionadas ao como o coletivo percebe os artefatos, os vinculam ao território e valorizam a imagem à identidade, além de questionar quais parceiros necessários à construção de estratégias de informação e valorização (como por exemplo, se o artefato é percebido pelo consumidor, se é bem aceito, como comunicar a identidade do artefato e do território aos cidadãos que não os conhecem; se existem ações para sensibilizar e informar sobre o território e seus artefatos; e quais qualidades específicas dos artefatos devem ser comunicadas), que nesta etapa elabora-se a ferramenta protótipo chave para maior compreensão desta percepção coletiva, tangenciando o público-alvo escolhido.

A ferramenta protótipo fotoelicitatória trata-se da entrevista com inserção de imagens ‘fotográficas’ e tem sido amplamente utilizada para potencializar a expressão do indivíduo às questões estudadas, considerando que o uso da imagem facilita o acesso à memória, resgatando à consciência experiências, conceitos e visões de mundo, interpretações, entre outros valores, além de potencializar o disparo da imaginação, crucial à criação dos cenários projetuais (PORTELA *et al*, 2017; MENDONÇA;VIANA, 2007; BASSALO;WELLER, 2011). Áreas como antropologia, sociologia, geografia, pedagogia, psicologia e enfermagem são exemplos de adesão aos estudos baseados na imagem, apesar de a antropologia ter mais registros de utilização em seu histórico. Como Loeffler (MENDONÇA;VIANA, 2007, p.2) explica “a fotoelicitação é um processo colaborativo por meio do qual o pesquisador se torna um ouvinte enquanto o sujeito da pesquisa interpreta as fotografias para o entrevistador”.

A ferramenta tem quatro diferentes formatos de aplicação, onde o pesquisador pode agir enquanto um demonstrador, espectador ou observador e o sujeito da pesquisa pode atuar enquanto entrevistado, operador ou demonstrador, como Flick (*apud idem*, 2007) explica em seus funcionamentos:

- Tipo I – o pesquisador, como demonstrador, pode exibir fotografias a uma pessoa em estudo (espectador), fazendo-lhe perguntas a respeito das imagens;
- Tipo II – o operador, ou seja, quem tira a fotografia, pode empregar o indivíduo pesquisado como um modelo;
- Tipo III – o pesquisador, como espectador, pode pedir ao sujeito (como demonstrador) que lhe mostre fotografias sobre determinado tópico ou período; e
- Tipo IV – o pesquisador (espectador) pode observar o sujeito da pesquisa (como operador) enquanto ele tira fotografias e, posteriormente, o pesquisador conduz uma análise da opção temática fotografada. (MENDONÇA;VIANA, 2007, p.4, grifos meus)

Mediante dados obtidos no CAMPO I deste projeto, a ferramenta fotoelicitatória a ser construída aos sujeitos de pesquisa adota o funcionamento do Tipo I da entrevista, usando as imagens dos artefatos-marcos para estimular os participantes à expressão de narrativas e percepções. Com o objetivo de compreender a relação afetiva dos sujeitos com a cidade e os

objetos exposto nelas por meio das associações a serem feitas, além de identificar (se possível) os demais agentes responsáveis por estes elementos.

5.1 Escolha dos participantes à ferramenta

Além de considerar o público-alvo, que se faz importante manter em vista, a esta etapa precisou-se identificar os *stakeholders* do projeto para poder definir os participantes. *Stakeholders* são, segundo Euax (Consultoria em gestão empresarial com foco em Performance), “as pessoas e organizações que podem ser afetadas por um projeto, de forma direta ou indireta, positiva ou negativamente” (EUAX, 2017). Para um projeto que engloba uma cidade, os afetados podem ser muitos (para não dizer todos), ainda assim neste macro universo, é necessário categorizá-los conforme padrões observáveis.

De posse dos dados coletados até então, reviu-se as informações de contexto dos marcos identificados e conversas com os contatados durante o Campo III, listando os termos que serviriam de indicadores a possíveis *stakeholders* ou que apontassem diretamente. Também apoiada dos diversos sites visitados durante pesquisas, elencou-se nomes de entidades que se mostraram diretas ou indiretamente ligadas à manutenção dos marcos.

Como resultado, a síntese alcançada organiza os citados em seis círculos diferentes (Figura 71 e 72), nivelados e denominados pela aproximação aos marcos urbanos da cidade. São os círculos: afetivo, informativo, municipal, estadual, federal e indiferente, onde o afetivo, informativo e indiferente constitui os círculos elementares na relação (homem-cidade) e o municipal, estadual e federal constituem os círculos de governo. Cada um apontando a aproximação que possuem e indicados por cores distintas para entendimento deles dentro da esfera da cidade.

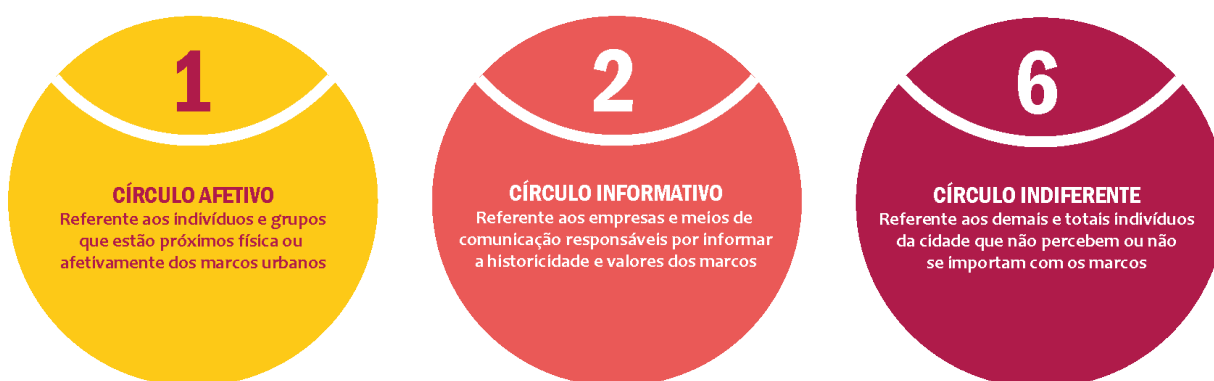


Figura 71: Círculos dos *stakeholders* elementares.

Fonte: Da autora.

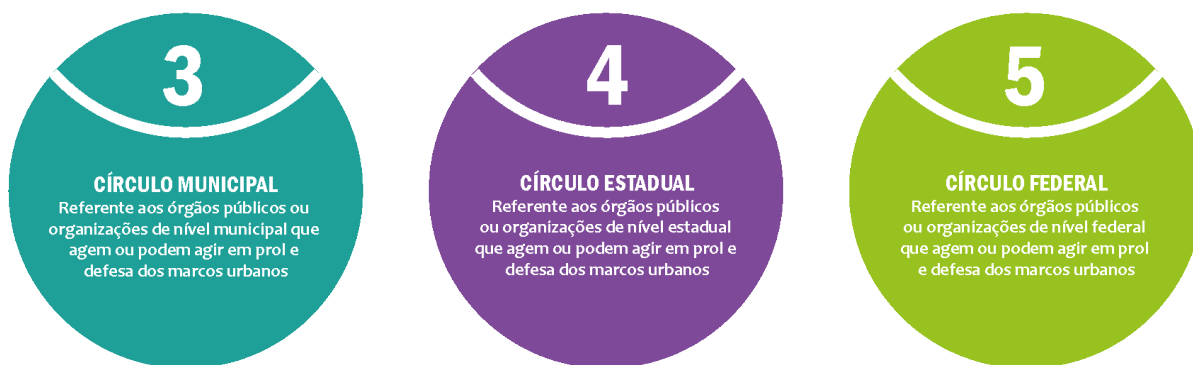


Figura 72: Círculos dos *stakeholders* de governo.

Fonte: Da autora.

Com a importância de serem influenciadores, modificadores ou mesmo definidores dos caminhos tomados pelo processo, a compreensão destes permite que o projeto englobe as diferentes perspectivas de trabalho e desdobramentos a serem considerados antes das etapas criativas e de produção. Identificados nas pesquisas, a Figura 73 ilustra como se dá a relação dos *stakeholders* dentro da esfera da cidade considerando suas aproximações afetivas dos marcos urbanos.

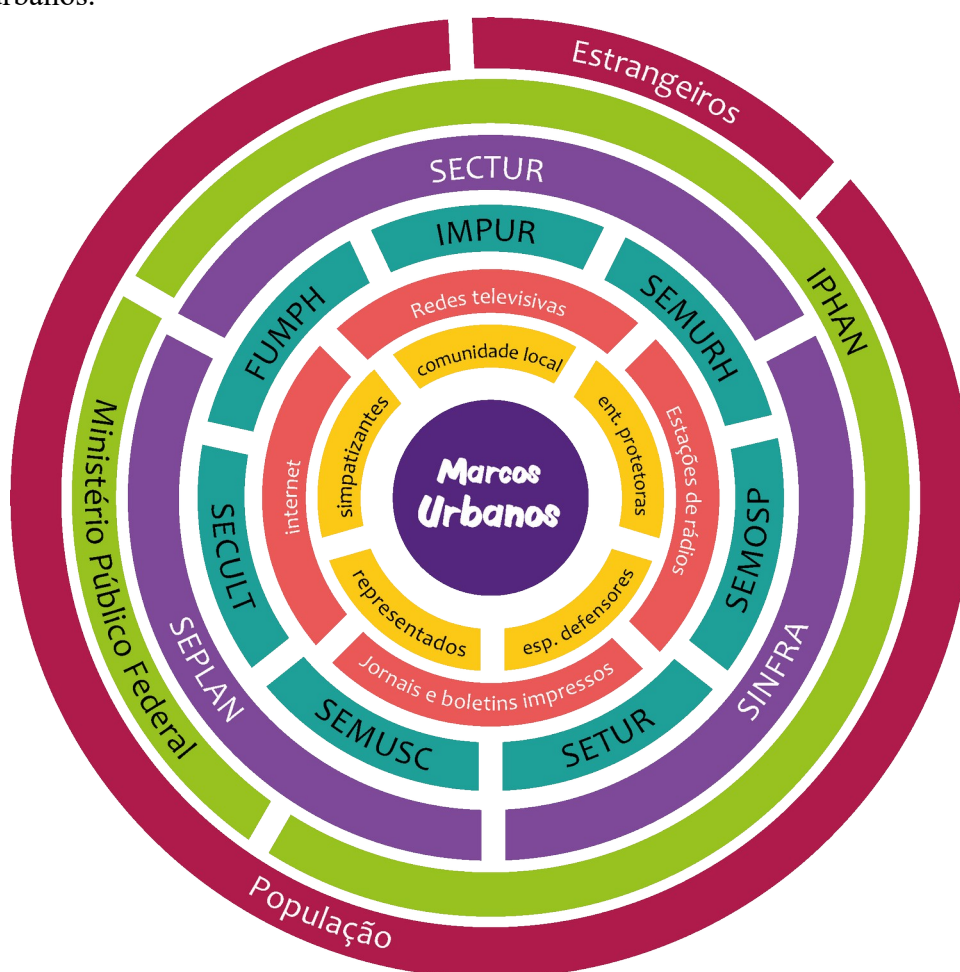


Figura 73: *Stakeholders* segundo aproximação afetiva.

Fonte: Da autora.

Como identificados em círculos e cores nas figuras 71 e 72, os atores percebidos em cada categoria foram: No círculo **Indiferente** (Júçara) – a “população” em geral, significando que está além do perceptível englobando diversos setores e indivíduos. Trata-se das pessoas e entidades que não percebem os marcos e os que não os apreciam, assim, sendo indiferentes a eles. Separados dos “estrangeiros” por estes normalmente terem outros processos de valorização destes elementos, uma vez que suas construções sociais são distintas às locais. No círculo **Federal** (Verde) – o IPHAN foi a principal entidade identificada a nível federal que se relaciona com estes elementos de forma direta, além dele o Ministério Público Federal no Maranhão que age em caráter judicial ou extrajudicial, como fiscal ou mediador, em defesa dos direitos sociais (entre outros, como de ordem jurídica, defesa do regime democrático, etc.) recebendo denúncias de descasos dos governos inferiores, quando havendo interesse federal, na exigência de posicionamento e providências destes. (BRASIL, [201-?])

No círculo **Estadual** (Roxo) – estão as secretarias apontadas como relacionadas indiretamente às manutenções dos elementos, sendo estas a SECTUR, Secretaria do Estado de Cultura e Turismo, responsável por zelar pela integridade de alguns destes elementos por interesse turístico e patrimônio cultural material do estado; SEPLAN, Secretaria de Estado do Planejamento e Orçamento, responsável por gerir as finanças estaduais, sendo esta que fornece e garante em orçamento estadual a liberação de recursos financeiros à execução de ações de manutenção; e, SINFRA, Secretaria de Estado de Infraestrutura, responsável por administrar os projetos e ações que tangem a infraestrutura do Estado, de cunho majoritariamente urbano, auxilia na preservação do trânsito e acessibilidade dos entornos dos elementos. (GOVERNO DO MARANHÃO, [2014])

De níveis mais próximos aos marcos urbanos estão: o círculo **Municipal** (Azul) – identificadas secretarias, fundações e institutos responsáveis pela guarda destes elementos, em especial o IMPUR que promove projetos e é responsável direta dos elementos que compõe a paisagem urbana de São Luís.

Além dele há a SEMURH, Secretaria Municipal de Urbanismo e Habitação que por meio da Blitz Urbana, é responsável por administrar e disciplinar as ações relativas ao território físico do município para cumprimento das regras urbanísticas (fluxo de trânsito, ocupações territoriais, liberações de uso do solo, permissão para instalações temporárias, entre outras) baseado também no Plano Diretor da cidade, monitorando os espaços livres "bem como os monumentos paisagísticos, que compõem o acervo do patrimônio histórico e ambiental" (PREFEITURA DE SÃO LUÍS, 2015); SEMOSP, Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos, responsável por gerir as operações de obras públicas entre elas a limpeza e conservação do espaço público urbano e a iluminação pública; SETUR, Secretaria Municipal de Turismo, responsável por promover as atividades turísticas da cidade, atua também como órgão protetor de alguns dos elementos da paisagem urbana que atendem aos interesses das rotas turísticas; SEMUSC, Secretaria Municipal de Segurança com Cidadania, através da Guarda Municipal, é responsável por administrar as políticas de proteção social, sendo o facilitador da segurança para exercício da cidadania no município, bem como "inibindo e restringindo comportamentos sociais desviantes que atentem contra os bens [...] protegendo o

patrimônio [...] cultural, arquitetônico [...] adotando medidas educativas e preventivas” (PREFEITURA DE SÃO LUÍS, 2015); FUMPH, responsável por dinamizar, informar, integrar e conservar os bens tangíveis e intangíveis do patrimônio histórico, especificamente do/no/ao Centro Histórico; e a SECULT, que fora consultada e importante para a obtenção dos primeiros dados deste projeto, porém não foi apontada nem indicada como possível *stakeholder*, porém é responsável por administrar, informar promover políticas de caráter cultural na preservação, revitalização e dinamização dos bens e serviços culturais

O Círculo **Informativo** (Rosa) – compreende os meios de distribuição da informação sobre os elementos, que facilitam seu conhecimento a público. Considerando rádios, canais de TV ou emissoras, jornais impressos, além das páginas específicas da cidade, sendo alguns deles a Grupo Mirante, o jornal O Estado do Maranhão, a página em rede social Minha Velha São Luís, a rádio Universidade dentre outros tantos. Por fim, e o mais próximo dos círculos, o **Afetivo** (Amarelo) – presentes as entidades que protegem estes elementos (exemplo, Instituto de História e Geografia do Maranhão), os profissionais especialistas que os defendem por meios de suas atuações regulares ou em pesquisas e estudos promovidos (exemplo, radio comunicadores, turismólogos, arquitetos, etc.), entre outras formas; a comunidade local, que se relaciona no cotidiano dos marcos; os grupos que são representados por alguns destes elementos (exemplo, os pescadores pelos O pescador e os Três Pescadores) e os simpatizantes dos marcos, pessoas que conhecem ou não o significado destes elementos, porém os reconhecem na cidade e se importam em preservá-los.

Assim vistos, buscou-se priorizar os indivíduos que correspondessem ao público-alvo (de 20 a 39 anos), mas que eles estivessem em níveis diversos dos *stakeholders* (demonstrados na Figura 73). Além disso, também foram considerados a participação da ferramenta protótipo profissionais atuantes ou que atuaram em algum dos círculos de governo, buscando a visão de dentro dos sistemas públicos de manutenção/preservação presentes, ou seja, o olhar que represente o profissional da/para a cidade. Procurou-se observar o percentual expresso no público-alvo.

5.2 Construção da Ferramenta

Como a atuação na entrevista se daria como pesquisadora demonstradora, requisitou-se à construção da ferramenta um formato que favorecesse o manuseio das imagens e fosse de fácil deslocamento, além de serem possíveis de ativar isoladamente, caso fosse necessário a interação específica com alguma imagem. Dos formatos existentes, o baralho fora o formato escolhido, por atender bem tais critérios, além de ser propício a uma diversidade de disposições e amplitude de dinâmicas possíveis, de simplicidade deste e fácil aplicabilidade.

O baralho expõe vinte e oito (28) marcos urbanos identificados na cidade e vinte e oito (28) elementos do patrimônio promovido como sendo identitários de São Luís. Foram escolhidos segundo os sites de Turismo do Estado do Maranhão, o portal da Sectur, Tripadvisor, Viagem e Turismo da Editora Abril e o Portal do O Imparcial contendo as “30 experiências imperdíveis para ter em São Luís”. Na busca por equivaler os indicados como patrimônio

identitários que são do âmbito imaterial à materialidade dos elementos-marcos, selecionou-se aqueles que possuem expressão material/tangível.

Nos versos das cartas está uma metáfora visual dos azulejos ludovicenses contornados por formas alienadas das eiras e beiras dos casarões. Tem ao centro dos azulejos portugueses os azulejos multicoloridos numa ‘ilha’ com elementos do mesmo padrão ‘azulejal’ (aludindo à semelhança de natureza e naturalidade destes), simbolizando que ao centro dessa malha padrão amplamente exposta (universo azul) existe uma ilha de multiplicidade pouco acessada. (Figura 74)



Figura 74: Verso das cartas da ferramenta.

Fonte: Da autora.

Cada cor expressando ideias. Vermelho: o calor, a força e o sangue do povo ludovicense na luta por manter viva a memória e a herança cultural da cidade; Roxo: o mistério, os encantos, a espiritualidade e religiosidade presentes na cosmologia e essência de muitas das representações da cidade; Amarelo: a energia, a dinâmica, a alegria dos sorrisos que moram na expressão e manifestação popular; Verde: a natureza, a esperança e a perseverança de um povo que quer fazer da sua terra sua fonte de poder.

Com o total de cinquenta e seis (56) cartas-imagem (APÊNDICE D), a ferramenta fotoelicitatória, enquadrada no tipo I de entrevista fotoelicitativa e modelo semi-estruturada de perguntas (com perguntas preestabelecidas, porém flexível a novas perguntas ou inibição de alguma(s) delas), precisou de materiais auxiliares (APÊNDICE E): roteiro de aplicação, nota de apresentação pessoal e ficha de preenchimento das respostas-cartas dos participantes.

5.2.1 ORGANIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO DAS IMAGENS

As imagens nas cartas, tanto as do patrimônio identitário quanto as dos marcos urbanos, foram enquadradas a plano fotográfico médio, que se trata da imagem capturada com a câmera a média distância do objeto “de modo que ele ocupa uma parte considerável do

ambiente, mas ainda tem espaço à sua volta” (GERBASE, [2012?]). Isso para que se obtivesse o foco da atenção ao elemento, destacando-o sem que se revelasse demais do seu entorno, para reconhecer quem identifica o marco em si.

Segundo Portela *et. al* (2017, p.4), se “as imagens escolhidas são elicitadoras de discursos, é fato que as escolhas dessas imagens não são neutras” e em conformidade a essa assertiva que, para distinguir e atentar aos discursos que serão elicitados, até mesmo identificar os padrões destes discursos que categorizou-se as imagens.

Não sendo categorizadas anteriormente a seleção das imagens e assim colocadas nas categorias preestabelecidas, as imagens referentes ao patrimônio identitário (que tiveram de ser pesquisadas) foram primeiramente selecionadas a fim de o grupo delas fosse o mais fiel possível ao retrato dos setores públicos e turísticos de São Luís. Assim, sendo possível de confrontar o padrão governamental de identidade ludovicense ao conjunto dos participantes da ferramenta.

Ambos grupos de cartas foram subdivididos em quatro (4) categorias observáveis. Das quatro categorias do grupo do patrimônio identitário promovido, nomeados como ‘Grupo ID’, são:

- 1- Patrimônio Arquitetônico: composta por oito (8) imagens de edifícios históricos como, por exemplo, a Igreja do Desterro e o Mercado das Tulhas;
- 2- Patrimônio Ecológico: composta por quatro (4) imagens que representam os ícones da natureza ecológica da ilha como, por exemplo, as praias e os guarás;
- 3- Patrimônio tangível dos patrimônios culturais: com nove (9) imagens, estão as representações tocáveis da parte imaterial da cultura ludovicense, por exemplo, máscara de cazumba e parelha de tambor de crioula; e
- 4- Patrimônios diversos: estão os demais elementos de São Luís que não se encaixaram devidamente nas três categorias já citadas (elementos modernos e antigos), composta por sete (7) imagens.

Das quatro categorias do grupo dos marcos urbanos, também nomeado como ‘Grupo MAR’, são as seguintes:

- 1- Marcos de figuras sacras: composta por seis (6) imagens de elementos que representam algum personagem religioso, santificados, entre eles o Anjo da Gabriel e São Marçal;
- 2- Marcos de figuras ícones: composta por sete (7) imagens dos elementos que figuram personagens importantes à história e cultura de São Luís, entre eles os pescadores e Duque de Caxias;
- 3- Marcos abstratos sugestivos: composta por oito (8) imagens de elementos presentes na paisagem que não são representados de forma realística ou objetiva, mas que em seus formatos conseguem sugerir o que são, entre eles as Velas da Lagoa e Barco à vela; e

- 4- Marcos abstratos inexpressivos: também não representados de forma realística ou objetiva, esta categoria tem sete (7) imagens de elementos que sequer fazem alusão ao que são ou o que representam.

Ainda no Grupo MAR, para além das quatro categorias expostas, observou-se também duas (2) macro categorias (que engloba as acima) e duas (2) subcategorias em duas das categorias acima apresentadas, totalizando quatro (4) subcategorias, esquematizada no quadro abaixo:

Quadro 01: Categorização total das imagens dos elementos do Grupo MAR.

PERSONAGENS	Genéricos	São Marçal Limoges São Cristóvão Anjo da Guarda
	Sacros	
	Históricos	São Luís, rei de França Guarnicê de São Marçal Jerônimo e N.Sra Vitória
	Plurais	Os Três Pescadores O pescador Tótem dos trabalhadores Duende Excalibur
ABSTRATOS	Ícones	
	Históricos	Duque de Caxias Miguel Vieira Ferreira Almirante de Tamandaré
	Sugestivos	Marco Maçônico Outeiro da Cruz Os dez mandamentos Azulejaria Velas da Lagoa Amorilho Locomotiva Barco à vela
	Inexpressíveis	Tótem do Jaracaty Tótem Bandeira Tribuzi Palmeira Pirâmide Pirâmide dos 350 Pirâmide de Beckham Pedra da Memória

Fonte: Da autora.

A categorização das imagens também se faz importante para o momento da análise dos dados, facilitando a identificação dos grupos que mais foram escolhidos como sensibilizadores e provocadores.

5.2.2 FUNCIONAMENTO DA FERRAMENTA

Feitas as ponderações de construção, a ferramenta elaborada é composta por cinco momentos temáticos, onde o ‘I Momento: Relação’ se pauta em compreender a relação do sujeito da pesquisa com a cidade, para acessar os valores discursivos sobre o que este entende como pertencimento. Neste momento, não ocorre interações com o baralho, se assemelhando a uma conversa inicial [é possível ler as perguntas preestabelecidas no Apêndice E].

É somente a partir do ‘II Momento: Aproxime-se’ que se inicia as interações com as cartas do baralho. O sujeito é submetido a interação com ‘bolos’ diferentes, inicialmente com o ‘bolo’ dos elementos patrimônios identitários (Grupo ID) e pedindo para que selecione três cartas com a razão solicitada (por curiosidade/atenção e por representatividade); posteriormente com o ‘bolo’ dos elementos-marcos urbanos (Grupo MAR) com mesmo procedimento do inicial. Este momento segundo foca em conhecer quais imagens provocam os sentidos do participante, uma vez que se escolhida significa que despertou gatilhos/acessos (sejam de incompreensão, curiosidade, experiências positivas e/ou negativas, cheiros, etc.). Cada carta escolhida era justificada pelo participante e ao final das duas interações, devia hierarquizá-las a fim de entender como os dois grupos se relacionavam entre si ao entrevistado, além de apontar a importância que cada um tem perante os demais.

O ‘III Momento: Reconheça’ especifica e intensifica a interação com o Grupo MAR, voltando-se agora aos objetos investigados, a fim de saber como e quais deles são vistos na cidade (pregnância) e se é possível localizá-los somente com a informação visual deles em si mesmos; incentivar a reflexão sobre a presença deles na paisagem urbana; e fazer os primeiros exercícios da memória de experiências com eles.

Ao ‘IV Momento: Imagine’, a demonstradora, considerando as respostas dadas nos momentos anteriores, escolhe entre três ou quatro imagens para serem remodeladas e remexidas em imaginação, sugerindo cenários onde o entrevistado tenha autoridade para refazê-lo, desfazê-lo, entre outros. Importante ressaltar que como este projeto está focando em três marcos ao aprofundamento (o pescador, os três pescadores e as pirâmides), este momento de seleção por minha parte tinha sempre um dos três marcos investigados, para acessar o imaginário e que tipo de simbolismo é dado a cada um deles a fim de ser insumo ao processo criativo.

Ao ‘V Momento: Provocadxs’ se encerra a interação com o baralho e estimula-se o feedback do participante, sobre o que achou do momento e o que modificou. Finalizando com os agradecimentos e autorização de identificação.

Apesar desta construção, é possível flexões da ferramenta dependendo do entrevistado, por exemplo, os sujeitos que estiverem representando o olhar de dentro dos setores públicos de proteção a estes elementos, pretende-se intensificar as perguntas sobre a atuação profissional e instrução acadêmica a fim de compreender como a vivência nesses círculos modificaram o olhar e relação com a cidade.

5.3 Aplicação da Ferramenta

A ferramenta protótipo foi aplicada com dezoito (18) pessoas, sendo nove (9) mulheres e nove (9) homens, e, observando-os nas categorias dos *stakeholders*: dois (2) sujeitos de pesquisa representando os círculos de governo, seis (6) sujeitos representando os simpatizantes dos elementos, seis (6) representando a população, um (1) representando a comunidade de um dos marcos listados, um (1) representando a população pouco assistida; e um (1) representando a comunidade representada. Das mulheres, três (3) fazem parte da faixa etária do público-alvo quisto (de 20 a 39 anos), enquanto que seis (6) tem mais de 40 anos; dos homens, oito (8) fazem parte da faixa etária do público-alvo quisto, enquanto que um (1) tem mais de 40 anos. A quantidade expressiva de jovens na participação da ferramenta é importante por a devolutiva desse trabalho pensar neles em primeiro momento.

A ferramenta apresentou dois tipos de resultados: os de carta e os discursivos. Os resultados de cartas são as observações constatadas pelas seleções dos participantes durante o momento da aplicação. Com eles, é possível balizar a compreensão das respostas discursivas; os resultados discursivos são a expressão dos valores ativados pelas cartas, explicando, justificando e refletindo tais escolhas. É destes resultados que provém as narrativas e são construídos os cenários.

Assim sendo, segue a relação dos resultados das cartas (APÊNDICE F):

- A imagem ‘Bordado e corpo do boi’, do grupo ID, fora a mais selecionada como sendo representativa de São Luís, isolado com nove escolhas; enquanto a imagem ‘Arrastão/Os Três Pescadores’ e ‘Velas da Lagoa’, do grupo MAR, empataram com seis escolhas cada, como representantes. Seguidas delas, ‘Casarões’ pelo grupo ID, com seis escolhas, e ‘O Pescador’ pelo grupo MAR, com quatro escolhas.
- Analisando pelas categorias dos grupos, a categoria mais selecionada do grupo ID fora ‘Patrimônio Cultural Tangível’, e do grupo MAR fora a ‘Personagens Ícones’, nesta última o destaque notório à estátua d’Os Três Pescadores, monumento aos pescadores.
- Como despertadores de curiosidade ou atenção, as imagens ‘Guaraná Jesus’ e ‘Igreja de São João Batista’, pelo grupo ID, empataram com quatro escolhas cada; e ‘Duende Excalibur’ e ‘Locomotiva/Maria Fumaça’, pelo grupo MAR, também empatadas, com cinco escolhas cada.
- Dos elementos destacados como conhecidos aos participantes, contabilizou-se que eles conhecem em média dezessete (17) marcos (frisando “dos participantes”), sendo que as mulheres participantes mostraram maior reconhecimento, apesar de os dois que mais reconheceram terem sido homens.

Tais escolhas advertindo a possível inclinação às referências das manifestações da cultura popular como sendo identitárias (bordado do boi, patrimônio cultura tangível). Apesar de admitirem conhecer pouco ou desconhecem as razões e as histórias que os elementos (grupo MAR) revelam, a maioria dos participantes (10 respostas) consideram que os elementos são

monumentos. Somente seis (6) deles consideram que somente alguns deles são, uma vez que acreditam que alguns deles são somente estéticos.

Do momento inicial da ferramenta, com relação à compreensão do pertencimento para com a cidade pelos participantes, notou-se um equilíbrio entre os adjetivos e expressões em torno da cidade de São Luís, despertando de bom termos como “ilha linda”, “encantada mesmo”, “meu lugar”, “é calma”, “apaixonado por minha cidade”; e despertando de ruim termos como “digna de pena”, “abandonada”, “pouco moderna”, “Brasil piorado”, “inchada”. Era comum, no entanto, que as expressões positivas fossem seguidas das expressões negativas (ou vice-versa): “ilha muito linda, mas abandonada” considerada a frase mais comum entre os participantes. Para além disso, a maioria dos participantes se disseram gostar de morar em São Luís (no total de dezesseis), somente dois relatando que não gostam: um por considerar “muito atrasada” às suas necessidades, gostando mais da ideia de passar férias nela; e o outro por considerar que a cidade ainda está muito para dentro de si, com poucos intercâmbios e visão global, mesmo este confessando que gosta de estar nela. Todos os participantes relataram a violência como fator obstáculo para vivenciar São Luís.

Com a pergunta “o que é ser ludovicense”, construiu-se uma malha de qualidades não só notadas como também desejadas e esperadas. Somente sete expressões negativaram o sentimento de ser ludovicense construído pelos participantes: “povo com complexo de viralata”, “pouco audaciosos”, “inibidos”, “mal educados”, “acomodados”, que põe a “responsabilidade no alheio, sem que se faça algo” (indolência social) e “não percebe as belezas” e bonanças da cidade, que acabam por ser mal aproveitadas. Os termos positivos em torno da ideia de ser ludovicense são bastante associados com a ideia de guerreiros: “leões guerreiros”, “perseguidores das próprias raízes”, “lutadores”, “defender a cidade de críticas destrutivas”, “tomar o que é seu”. Também foi notado a necessidade de fortalecimento cultural e intelectual para com São Luís: “ter orgulho daqui”, “orgulho do nosso patrimônio”, “saber nossa cultura, nossa história e origens”, “ter orgulho do percurso histórico da ilha”. Além destes, foram entendidos também como um povo “acolhedor” e que apesar de defender a cidade, “perceber os defeitos”.

Quando perguntados, após o momento da aplicação da ferramenta, se seus olhares se modificariam com relação aos objetos da cidade, onze (11) participantes disseram que sim, assumindo que o momento ajudou-os a perceber que é importante olhar à cidade e que se sentiram mais instigados a pesquisar sobre as histórias que eles guardam; outros também gostaram muito das lembranças que resgataram por causa do momento, se sentindo nostálgicos e reflexivos, até surpresos consigo mesmos. Quatro (4) dos participantes, disseram que não mudou o olhar deles, um por que já sabe sobre eles, dois deles por que consideram outros aspectos da cidade mais relevantes para tal mudança e o último que revelou que a relação dele com São Luís muda todos os dias, então não soube medir se o momento seria responsável por uma mudança mais significativa.

Dos resultados discursivos, serão apresentados a seguir, destacando as narrativas, as discussões levantadas, evidenciando os cenários dos elementos estudados e refletindo sobre as opiniões compartilhadas.

5.3.1 NARRATIVAS – APROXIMAÇÃO EM CENÁRIOS

A necessidade da narrativa surge quando se questiona ou admite-se nesse trabalho que a informação convencional e a exposição deles em si não têm funcionado. Assim sendo as narrativas, que possuem o complexo de transmissão, interligando afetivo com conversa, informação, cultura e memórias de experiência ou mesmo memórias de outras memórias, auxilia a reconhecer outras formas de transmitir a historicidade dos artefatos urbanos, pensando em novas maneiras de contatar o morador à cidade.

O projeto do designer se aproxima dos *stakeholders* afim de maximizar o entendimento e propostas/sugestões à elaboração de soluções possíveis. Na busca pela alma dos marcos investigados, elucidar e conhecer as memórias das pessoas que se relacionam com eles ou quais as aversões que se tem em torno deles é essencial para somar ao repertório discursivo destes elementos.

Durante o processo fotoelicitatório, foram identificadas quinze (15) narrativas (APÊNDICE G). Muitas memórias foram suscitadas, porém sem o tom da narrativa precisada, de um narrador que ambientaliza o ouvinte/leitor no passado memorado, segundo define Gonçalves (2003, p. 175) “[...] narrador é alguém que retoma o passado no presente na forma de memória; ou que aproxima uma experiência situada num ponto longínquo do espaço”. Apresenta-se aqui seis (6) das quinze narrativas elucidadas, para identificar os termos chaves que mobilizam símbolos que denunciam a relação marco-pessoas-São Luís, construindo a partir deles os primeiros cenários, ainda em proposta escrita, de possíveis transmissões/comunicação visual e imagética.

Antonio Carlos: Isso aqui é lá no retorno do Olho d’Água. Eu lembro disso aqui na bicicletada. Eu subi nessa bichinha bem aqui pra botar uma bandeira; a bandeira da bicicletada. Uma faixa, na verdade. [...] Pra mim simboliza os azulejos, acredito que seja isso, né. Mas está numa base que parece a base dos outros, e que me faz crer que talvez tenha tido outro monumento aqui no lugar dele. Mas ele tá aqui por trazer essa memória, saca, da bicicletada que a gente saia lá da Praça do Rodão (?) da Cohab e descia a Rei de França, cobrando políticas públicas e mobilidade urbana. Lembro muito bem da nossa foto, quando a gente chegou lá, que foi uma das únicas bicicletadas que teve muita gente. Muita, muita gente, e aí tavam tentando subir pra colocar, né, e eu como sou maior, “deixa eu subir” e tal. Aí consegui colocar a bandeira bem aqui encima. Aí ficou aqui: bicicletada e tal. Ficou muito da hora. Quase caí quando descí dela, né... Inclusive, esse ferro aqui ele dói na mão. E como ele é pontudinho, tem que tomar cuidado na hora de subir. Aí é muito por isso. Se a gente for parar pra pensar, esse foi um fato histórico também, a bicicletada. E aí você ter esse elemento trazendo memórias de acontecimentos mais recentes, só reforça a importância do monumento. E agregar o histórico ao monumento.

Antônio Carlos narra a sua experiência numa bicicletada em São Luís, mediante a imagem do marco urbano ‘Azulejaria’, com construção cheia de reflexões, característico das narrativas que o rapaz compartilhou, apresentando estas como notadoras e questionadoras dos espaços e objetos vistos. Essa alternância das reflexões aos fatos memoriais abre parêntesis constantes durante a fala, criando ritmos e quebras curiosas na narrativa. Considerada aqui como narrativa conversativa, por narrar as memórias e no ato da lembrança do momento refletir sobre algo que ponderara ou não, oferecendo esse rompimento de clima ao ouvinte/leitor, porém com a naturalidade de uma conversa.

O curioso desta memória narrada é o fato do marco elencado em estudo ter participado diretamente do evento, não somente como um resgatador de suas representações, mas em presença física no ato, o que pouco aconteceu.

Percebeu-se da ambientação da memória, os termos bicicletada - mobilidade urbana - foto - muitas pessoas - bandeira - fato histórico que, retomando as construções iniciais sobre o que é ser ludovicense e os adjetivos a São Luís, denuncia os aspectos de “leões guerreiros”, “perceber os defeitos da cidade” “se envolver nas esferas da cidade” do ser ludovicense e o aspecto de “inchada” de sobre São Luís. A ambientação sugere um cenário de “guerra”, com bandeiras, muitas pessoas ‘guerreiras’, o cobrar, reclamar.

Nando: Eu peguei o pescador, porque relembra o meu pai, que ele ficou dez anos desempregado, e nossa fonte de renda e alimentação era a pescaria, entendeu. Todo dia era peixe e eu gostava demais de peixe - e até hoje gosto. A fonte de alimentação da comunidade da Madre Deus é o Lago do Bacanga. E também eu tenho medo, porque é tanta poluição, tanto... Descaso e também a evolução das coisas industriais... Deixa o lago de mão, que deixa... Que eles vão procurar outros meios de vida, entendeu? E o lago tem uma história com a comunidade da Madre Deus, porque a comunidade da Madre Deus é comunidade de pescador, comunidade que vive de pesca. E meu medo é acabar... é de poluir aquele lago.

Nando Marley, em sua narrativa, não só ilumina suas lembranças da infância, como também apresenta a essência do lugar onde morava e mora. Aponta a importância de um corpo natural que alimenta e costumava alimentar a comunidade da Madre Deus, o Lago do Bacanga (o Rio Bacanga). Rememorando a “cultura do mar” que muito se atribui à São Luís, por ser uma ilha, regado à peixes e mariscos, redes e marés, mas vendo a migração desses trabalhadores a novas formas de sobrevivência, de sustento. Como se não bastasse a migração, o “deixar de mão” em abandono, o descaso, atraindo para este a poluição.

A imagem da estátua do ‘O Pescador’ da ferramenta traz à tona a imagem do pai de Nando, que era um pescador e, a partir deste, os termos: desemprego - pescaria - fonte - Lago do Bacanga - poluição - indústrias - deixa de mão. Retomando as associações iniciais feitas, denuncia a São Luís de “ar artesanal”, “mal cuidada”, “abandonada” e que está “gestando coisas ruins pro futuro”; e o ludovicense que “dar valor ao que tem aqui”, “se identifica”, que

quer “preservar os costumes”. Visualizando um cenário de êxodo, de carga afetiva e reflexiva sobre o que se tem feito da e na cidade, em medo, sugerindo uma construção tenebrosa.

Com a narrativa de Nando, enfatiza-se o como a elucidação dessas memórias através dos marcos urbanos também tem caráter político. Ao disseminar tal reflexão narrativa também se evidencia a voz do ludovicense, o apelo sobre cuidar. Trazendo não só as memórias de São Luís a São Luís, mas mostrando as importâncias ainda atuais.

Isoriana: Eu sei o que minha mãe me falava, que aconteceu uma grande... tem esse nome, porque teve muitas mortes entre os franceses e portugueses. Uma luta, né. Assim, não sei na íntegra o porquê da luta, sei que as pessoas falavam que... minha mãe falava que tinha essa cruz aí, era pra homenagear as pessoas que morreram. Morreu muitas, muitas, muitas mesmo, teve muito sangue, entendeu, e ficou marcado esse ponto lá.

Isoriana, diante a imagem do Outeiro da Cruz, esforça-se em rememorar as palavras de sua mãe sobre o elemento, talvez numa expressão de “metanarrativa”, deixando alguns vazios narrativos demonstrados em silêncios e interrupções para reorganizar o percurso deste. Ainda assim, parece ser preservado o que há de essencial na memória trazendo os termos-chave cruz - mortes - franceses e portugueses - luta - homenagem - marco, denunciando a São Luís “cheia de mistérios” e o ludovicense que “tenta entender o que tem aqui”, mas talvez ainda “inibido”.

A ambientação induzida também sugere guerra, mas diferente da guerra visualizada com a narrativa de Antonio Carlos (na defesa de novas soluções), uma guerra findada, homenageando os que se foram. Então, as honras do fim de uma guerra, estabelecendo um vínculo com o caráter religioso e reflexivo dos atos consumados no momento.

Gabriel*: Tiraram essa locomotiva daí, né, recentemente. Cara, essa locomotiva aqui sempre chamou minha atenção. Sei lá, uma locomotiva né, das antigas. Tipo aquelas de brinquedo e tinha de verdade ali parada. Uma vez eu parei, passei lá com meu avô e me mostrou assim... Fiquei olhando... [...] Eu sempre me remeti ao passado e eu tentava pensar quanto tempo faz que isso tá parado aí... Porque é uma locomotiva bem antiga. Sempre me lembrava do passado. E sempre pensava em qual era a função disso aqui, de trazer as coisas pra São Luís. Porque antes não tinha estradas, não tinha aeroporto, não tinha ponte, tinha a ponte do trem, que é mais antigo, né. E esse trem trazia pessoas do Maranhão todo pra cá; trazia acho que coisas, encomendas [...] Então é como se fosse um pedaço do passado que ficasse ali parado... O motor do passado que fica ali parado. Hoje em dia a gente não usa mais.

Gabriel*, que preferiu não ser identificado, provocado pela imagem da ‘Maria-Fumaça/ Locomotiva’ elucida as memórias de quando era mais novo, de quando fora apresentado ao elemento e comparado este a um brinquedo seu, talvez em fascínio visto no trecho “[...] me mostrou assim... Fiquei olhando... [...]”. A narrativa de Gabriel, assim como a de Antonio Carlos, também é rica em reflexões, porém diferente do mesmo, permeiam a narrativa numa

sequência rítmica mais harmoniosa; Gabriel constrói a narrativa com as reflexões, antigas e atuais, sem causar quebras, em unidade.

Dessa construção extraem-se os termos: locomotiva - antiga - brinquedo - passado - trazer/transporte - parado - motor do passado; conectando estes ao ludovicense que tem “orgulho do patrimônio”, “do percurso histórico da ilha”, que “se identifica” ao vincular em comparação o elemento à sua própria história, além de as reflexões propostas sugerir que também é “perseguidor de raízes”; e denuncia a São Luís que é “vínculo”, “legal”.

O cenário vislumbrado, conduzido por Gabriel, parece dar movimento ao que se mostra estático; ele mobiliza o elemento e o faz passar por um portal do tempo, justamente denominado “motor do passado”. Um cenário quente, povoado de pessoas diversas, com suas encomendas, dentro dos vagões que a locomotiva conduzia.

Gabriel*: Naquela praça ali do lado da Delegacia da Mulher. Esse monumento aqui, uma vez tava passando por lá com uma amiga minha que faz História, e ela falou assim pra mim ‘Aqui, nessa praça, exatamente onde tem esse obelisco aí, essa estrutura era um pelourinho.’ Bem nessa praça. Eles fizeram essa estrutura bem em cima e fizeram a praça, né, pra ocultar. Aí quando eu olhei assim, eu me lembrei na hora [...]. Então ela falou isso, né, eu tava passando por lá com ela, né, e fiz aquela reconstrução histórica do tempo: há cem anos atrás, aqui não existia nada, essa parte aqui, Ponta d’Areia e São Francisco. E o que acontecia nessa avenida aqui? Passava as carruagens, cavalos, pra lá e pra cá e tinha um pelourinho bem ali. Um pelourinho, quer dizer, se o centro era um local de atividades, comerciais e tal, ou seja, também havia venda de escravos ali. E ali, se algum desses escravos precisasse ser castigado, ele ia ser amarrado publicamente num poste e ser chicoteado até... Desmaiar, morrer, sei lá. [...] Mas é uma coisa que não revela o passado histórico desse local.

Ainda Gabriel e mostrando ser característico de suas narrativas a “viagem no tempo guiada”, diante a imagem da Pirâmide de Beckman, tenta reconstruir o passado que não fora testemunha, baseado em relatos e escritos históricos além do como apreende emocionalmente, provocado pela informação dada por sua amiga e elucidada pela carta-imagem no momento da aplicação fotoelicitatória. A narrativa traz a velha São Luís com os termos pelourinho - ocultar - 100 anos - carruagens - comércio - escravos – castigo, denunciando o ludovicense que está a “tentar entender a cidade”.

O cenário vislumbrado parece recolocar o pelourinho no local do elemento, como se numa proposta de trazer o velho ao novo com a reflexão ao final da narrativa de que o marco não revela tal passado.

Sobre a reflexão posta, uma observação feita por Antonio Carlos sobre a Estátua de Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória durante a aplicação se conecta com o que é dito. Ele expõe:

Antonio Carlos: E, novamente, o fato de muita gente passar por ela e não fazer ideia do que ela é [...] eu fico encucado de você passar por lugares que foram

palcos de coisas históricas e você não se dá conta daquilo, sabe. É capaz de alguém chegar, parar pra conversar, encostar no monumento e não perceber ele, saca, o que ele é.

Reflexões que nos levam novamente a invocação do entorno dos elementos como denunciadores do que eles são ou pode ser e de como fazer do ambiente, contextual historicamente ou não, comunique tal importância. Talissa, também participante da ferramenta, diz não enxergar muito a busca da cidade pelo indivíduo, salientando a questão do pertencimento, o sentir-se próximo dela, de forma que se “anda pela cidade e não sabe, não sabe um ponto de referência”.

Vinícius: Aqui já simboliza a questão da urbanização, em especial, periférica. Ali era uma região especialmente natural, era só mato, ali era só plantações. E as pessoas que vinham da baixada, dos interiores, na esperança de uma vida melhor aqui em São Luís, eles conseguiram fazer a vida deles lá, mesmo em condições precárias. Também não sei te dizer por que o nome do bairro é Anjo da Guarda, não sei se é por algum cunho religioso também, mas eu sei que a especificação foi tanta que na década de oitenta ou de noventa a prefeitura colocou um anjo, bem maior do que esse, na entrada do bairro. Eu não lembro muito desse anjo, mas eu lembro que mamãe sempre fala que ela tinha medo quando ela passava, porque ele era muito grande e tinha as asas muito abertas. Porque dava a impressão, sei lá, de que ele ia cair. Acho que ele era mais ou menos da altura daquela imagem de São José de Ribamar que fica lá perto da igreja. Era muito grande. Também não sei por que tiraram de lá aquela estátua. Aí na gestão de João Castelo ou Edivaldo, agora, na primeira gestão, que eles colocaram um anjo menor, mas também simbolizando a entrada do bairro. E é um bairro que apesar de periférico, ele tem tudo, então já se desenvolveu. Uma área do Itaqui-Bacanga que conseguiu se desenvolver, apesar do grande preconceito que ainda tem pela questão urbanística.

Vinícius, pela carta do Anjo Gabriel, compartilhou uma narrativa cheia de informações, agregando dados de pesquisas sobre a cidade que ele dissera fazer com as narrativas e relatos que escutara de suas matriarcas, mãe e avó. Talvez por isso o tom da narrativa se expresse levemente mais distanciado em afetividade em comparação aos demais apresentados aqui, vivendo de forma empática o medo relatado por sua mãe, acionando memórias. Curioso colocar que no momento da descrição do tamanho do Anjo, Vinícius expressou corporalmente o incômodo sentido pela sensação da mãe, segundo o próprio pescoço em aflição.

O conjunto complexo e ambientado se faz presente e ele traz os termos urbanização - plantações - baixada - anjo - enorme - medo - Itaqui-Bacanga - desenvolver - preconceito, denunciando a São Luís de “vínculo”, que “não se imaginou crescer” e o ludovicense que é “perseguidor das raízes”, “saber nossa cultura, história e origens”, que tem “orgulho do percurso histórico da ilha”, que “conhece lugar que mora” e “dar valor ao que tem aqui”.

O cenário vislumbrado com os termos ambientadores constrói o crescimento de um lugar, em base da migração de uma comunidade, que é vigiado/guardado por um grande anjo, que, antes, tal qual uma carranca, protegia causando medos.

Diante as potencialidades e associações conseguidas por meio destas narrativas, o afeto que ainda os permeia, e extraindo cenários delas, a elaboração destas imagens se dispõe capaz de reconectar, como rascunhos históricos-afetivos, os elementos às memórias da cidade, as memórias dos ludovicenses, recobrando-os destes valores. Com estas, se propõe criar o clima de “paquera” entre a cidade e os indivíduos que nela estão. Paquerar no sentido de se fazer enxergar/notar. A cidade também precisa paquerar os cidadãos. Para isso os cidadãos precisam ser convidados a viver essa cidade.

5.3.2 DISCUSSÕES E REFLEXÕES PROVOCADAS

A ferramenta pensou os participantes como designers difusos que, segundo Noronha *et al.* (2017 *apud* Manzini, 2015), expressam a criatividade de forma espontânea, vista e entendida como qualidade inerente ao ser humano. Assim, concordando com esta percepção, foi proposto durante a aplicação que os participantes se imaginassem em posse da modificação dos elementos determinados, estimulando que estes repensassem os marcos e sugerissem a eles mudanças, na pretensão de ativar seus pensamentos criativos e construir um ambiente de cocriação (mostrados no Capítulo 6, Resultados).

Potencializando o *insight* diante das perspectivas distintas dos participantes, eles não só repensaram o elemento em si como repensaram também seus entornos e provocaram discussões sobre o estado atual destes. Nessa seção, são apresentadas algumas destas questões, especificamente as que se fazem importantes à percepção das problemáticas que circundam os marcos à relação com os indivíduos ludovicenses, juntamente às reflexões geradas. Pela densidade das discussões, elas serão expostas em quatro blocos temáticos: relação afetiva, relação informacional, representatividade e história visual.

RELAÇÃO AFETIVA

Com a aplicação da ferramenta protótipo, percebeu-se que o exercício de imaginação sobre os marcos urbanos, a imaginabilidade, parece acontecer em momento de confronto imposto com a imagem do elemento, ou seja, na possibilidade de evitar pensar sobre os sentidos e significados destes, assim serão evitados. Frases como “nunca parei para pensar sobre”, “não sei o que significa”, “não tenho a menor ideia” eram seguidas por uma desistência reflexiva, onde só era quebrada com o exercício imaginativo devido a proposta da ferramenta e silêncio (aguardando continuação); em alguns casos, precisavam de novas perguntas-guias para se manter refletindo sobre eles.

Andrea, uma das representantes do olhar dos círculos de governo, justificou tal evento refletindo que o reconhecimento deles são afetivos e assim aponta que:

Andrea: Eu já devo ter visto, mas não prestei atenção, porque isso não significa nada pra mim. E são lugares, por exemplo, o retorno do São Francisco, que talvez pessoas que moram, que trabalham pro lado dali ou que pegam ônibus saibam, mas as pessoas que andam de carro que não moram ali, ela não vai nunca saber o que é isso aqui a menos que alguém diga, porque pra saber alguém

tem que te falar ou tu tem que ir até lá, vai ter uma plaquinha que vai dizer minimamente o que é isso.

A justificativa pode induzir à lógica do “marco”, “tocar”: mesmo que exista, se não me toca, não me interessa. Borralho (2011) citando Françoise Choay (2006) revela o sentido original do termo “monumento”, termo que a maioria dos participantes utilizaram para se referir aos elementos estudados, tocando a questão sobre afetividade posta por Andrea. É explicado que:

O sentido original do termo é do latim monumentum, que por sua vez deriva de monere (advertir, lembrar), aquilo que traz à lembrança de alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á de monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de certa forma, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica, religiosa, nacional, tribal ou familiar. (BORRALHO *apud* CHOAY, 2011, p.32, grifo meu)

Edificados em ambientes pouco viáveis, refletiu-se mediante as questões e colocações dos sujeitos de pesquisa que a viabilidade do ambiente não se constrói somente em campo físico/estrutural, mas também em campo contextual. Kleber e Vânia reclamam que eles [os elementos] precisam ser identificados à distância, para que se saiba da existência deles e possam ser apreciados. Sugeriram sinalizações em painéis e grandes placas antes de chegar ao elemento ou pelas ruas da cidade, com a mesma importância que existe em propagandas de empresas e empreendimento de serviços diversos.

Além disso, quatro dos participantes indicaram o estresse do dia a dia, a correria e imersão em ciclos operacionais cotidianos, onde nos preocupamos em cumprir com os compromissos diários, como sendo uma das causas pelas quais não se busca por esses elementos. Esta falta de busca foi considerada por outros participantes até mesmo como “hábito”. Por isso, Gabriel destacou que “na maior parte do tempo você não está vendo sua cidade, percebendo o que há de bom, você só está ali nessa ansia e busca”.

O conflito existente entre o “ambiente inviável” e a “cegueira cotidiana” conturba as soluções urbanas, porque uma perturba a outra: com o ambiente viável, a cegueira cotidiana faria os cidadãos não enxergá-los; com a cegueira cotidiana atenuada, o ambiente inviável faria com que ainda não os enxergassem. Tal cenário move a solução para fora deste ciclo. Também reforça a importância dos elementos, ao desconsiderá-los das problemáticas centrais. Como Antonio Carlos coloca em observação, “Se ele sair de lá [...], o lugar não vai deixar de ser lugar, mas vai deixar de ser o que ele era”. Talissa também contribui a essa ideia de importância, com sensibilidade, como sendo a celebração do que se passou aos que não vivenciaram tais eventos, trabalhando como exemplo a estátua do O Pescador do Portinho:

Daniele: O que tu acha que ele representa?

Talissa: Dos pescadores mesmo... De forma, assim, bem óbvia. Dos rios, das viagens que os pescadores fazem pro meio do mar, que é arriscado. Da luta. Porque é uma luta. Não tem como dizer que não é, porque é uma luta. Ser pescador não é fácil, viver em alto-mar. Não é só pescar um peixinho. Não, são dias... No meio do mar... Correndo o risco de pegar tempestade... É sofrido, é uma luta. E vender. E alimentar sua família. É de lutas. Representa.

Daniele: Tu acha importante a presença dele na cidade?

Talissa: Sim. Eu sou muito à favor dos monumentos. Eu acho que toda forma que celebre mesmo, que marca, é importante ser lembrado. Mesmo pra mostrar pras pessoas que não fazem a menor noção, que não tem vivência nenhuma, que nunca nem chegou perto de um pescador, que não para pra pensar nisso, porque não é da realidade dela. É até uma forma de mostrar que existem outras realidades e que elas não podem ser ignoradas, de forma nenhuma. [...] que de certa forma se ligam, porque eu como peixe, eu vou no restaurante... Não apareceu ali sozinho. Alguém teve que ir pro meio do mar pescar. Então não é isolado. Não tem como ser. E é bom pra lembrar e pra gente olhar um pouquinho mais pro outro.

Estes não são indiferentes ao lugar onde eles estão, como constatado no Campo I, a maioria dos elementos guarda referências históricas e símbolos associados à cidade. No entanto, eles precisam cumprir a missão de tocar a cidade. Construiu-se assim, com essa problemática, a necessidade da informação, de fazer o cidadão chegar ao marco, chegar não só no sentido físico, mas mental.

RELAÇÃO INFORMACIONAL

Não sendo os elementos urbanos em si a maior problemática, refletiu-se o que os falta de forma que justifique o silenciamento que tem cercado a existência deles na cidade e à cidade. Retomando os argumentos, reclamações e discussões dos participantes (que saliento novamente dez deles consideraram que todos eles são monumentos e cinco considerando somente alguns deles), mais da metade alegaram que falta informação sobre os marcos; informação imediata, possível de acessar no ato da contemplação e/ou curiosidade, e informação acessível, possível de encontrar em outros meios com determinada facilidade. Diante disso, o cenário informativo é traçado fazendo a relação com o Centro Histórico.

São Luís é uma cidade-museu, famosa por seu sítio arquitetônico colonial, patrimônio histórico da cidade. Tal título levou os governos a estabelecerem ferramentas e instrumentos que fossem capazes de preservar essa história e título. Entre eles normas, regras, entre outros, que foram qualificados por Andrea como sendo muitas das vezes “rígidas” e endossado por Girlene que alega que não se pode abrir mão destas para agradar clientes/usuários.

Direcionando estes instrumentos a este sítio, os círculos de governos institucionalizaram a apresentação da cidade ao Centro Histórico (para além dele, tem também as praias e as manifestações culturais, algumas reconhecidas como patrimônios [Bumba-meu-boi, Tambor de Crioula]). Além das colocações já feitas na introdução deste projeto, baseado em artigos e pesquisas feitas e publicadas em revistas científicas, também é possível confirmar a afirmação

na estrutura governamental de manutenção dos patrimônios tangíveis, identificada durante o mapeamento dos *stakeholders*, onde quatro (4) órgãos agem diretamente ao benefício da imagem-identidade do Centro Histórico ludovicense (IPHAN, FUMPH, SETUR e SECTUR), enquanto somente uma entidade (IMPUR) foi reconhecida como agente direto aos elementos-marcos que se espalham pela cidade; os demais elencados agindo em segundo plano.

A estrutura parece denunciar não só a grande importância do Centro Histórico, como a pouca relevância destes elementos na visão governamental. Assim, estagnou-se nesse formato. Antonio Carlos, observando o modelo governamental de valor patrimonial, opina sobre o como essa visão institucionalizada se mostra dentro da área do Turismo:

Antonio Carlos: Um discurso que já existe no Turismo, né, que é pouco explorado a meu ver, principalmente que São Luís virou um trampolim pra Barreirinhas, um trampolim pra outras cidades, quando você tem muitas relações aqui, muitas vivências pra serem aproveitadas, aí você acaba caindo num discurso muito comercial. Muito quadrada. A visitação turística também ela é muito assim... Como posso dizer... um pouco engessada. Você tem outros recortes da cidade que... outras formas de apresentar a cidade que são mais sensíveis pra própria cidade, saca. [...] Beleza, é patrimônio [...], mas tentar trazer um pouco mais das raízes de cada coisa.

A valorização do Centro Histórico como sendo a imagem e identidade de São Luís, faz diminuir ou mesmo desaparecer outros modos de reconhecer o local, de visitar outros lugares identitários. Assim é possível sugerir que o silenciamento dos marcos advém da falta de investimento nos demais lugares marcos da cidade, em benefício do Centro Histórico. Essa falta de investimento se transforma em falta de manutenção local, falta de agregadores informacionais, falta de disseminação do que são estes elementos, falta de incentivo a exploração de outros lugares, falta de dinamizadores destes espaços, onde todas essas faltas transmitem aos cidadãos a impressão de “abandono”. Quem visita lugares abandonados que não são importantes?

As mídias sociais e alguns livros se tornam as maiores responsáveis por informar alguns cidadãos, que tem acesso a estes, da relevância/importância de alguns destes marcos à São Luís. Antonio Carlos, novamente, tem muito a dizer sobre essas experiências de redescobrir os espaços e objetos da cidade por tê-lo vivido e assim compartilha:

Antonio Carlos: E isso aqui me chegou sem querer (Outeiro da Cruz), no Facebook se não me engano. Alguém postou uma foto disso, mostrando que tava todo pinchado e tal, aí falou da importância do Outeiro da Cruz. Acho que foi La Ravardiere, se não me engano, acamparam, né, e tal e aí foi que eu parei pra pensar: “Éguas, doido, não preciso sair daqui pro Centro Histórico pra acessar a história”. Porque a cidade toda se constrói nessa dinâmica, entendeu. E aí essa descentralização da importância histórica foi que eu gostei muito de me dar conta. Por mais que o Centro Histórico resume geograficamente muita coisa, ali próxima, né, mas descortinar pela cidade toda e perceber esses elementos são importantes, novamente, pro processo de reconhecimento.

A percepção de que é possível saber de São Luís em toda São Luís também se expressa em frustração na fala de Paulo Eduardo, “A cidade não é só o Centro Histórico; a cidade não é só

o Calhau”, espaços que ele apontou como recebendo demasiado investimento, enquanto outros ambientes vão se tornando invisíveis.

Destarte este cenário, questionou-se então, a noção de identidade por parte dos ludovicenses pensando o Centro Histórico: essa noção se constrói pela sua ampla divulgação ou é de fato reconhecida como identitária? Os marcos escolhidos como representativos assim são por fazerem parte de roteiros promovidos ou são de fato entendidos como identitários? O ludovicense só acessa a cidade que é promovida em turismo ou o turismo fomenta a cidade que é acessada pelos ludovicenses?

Com o investimento que possui é possível dinamizar o entorno e o interior do centro de forma a fazer dele um espaço convidativo e construtor de novas interações e relações, criando pontos de interesses e incentivando o consumo e usufruto do local. Tão centralizado se torna mais fácil o reconhecimento do cidadão com o centro, por assim se conseguir fazer associações positivas e fortalecer os vínculos afetivos.

Desse modo, entende que os processos de valorização permeiam as dinâmicas espaciais, afetivas, entre outras, construindo vivências e experiências. Porém tão importante quanto estes são os processos de informação, que apontam a importância do objeto/ lugar e depois de observado sua importância, move-se para conseguir restabelecer os contatos com “importanciado”, à valorização. Do dito, só se valoriza o que se conhece.

Com isso, os participantes descortinam a falta que faz a informação para estes marcos. Paulo Eduardo comenta com tom de ironia que “Sentido, só quem fez sabe e a cidade que se lasque, porque não tem nenhuma explicação. Até porque não tem ninguém perguntando e não tem pra quem perguntar”, evidenciando em duas frases toda a estrutura vigente: Retomando o desabafo de Jackson, sujeito da comunidade do marco Pirâmide da Beira Mar, que não se perguntou sobre; Denis, sujeito da comunidade do marco Pirâmide do Alemanha, que se perguntou sobre, mas não soube a quem perguntar; o servidor da SECULT, sujeito do círculo governamental do município, que denunciou que nem o que devia ter tais informações sobre, não as possui de fato.

REPRESENTATIVIDADE

Discussão provocada, em especial por quatro dos participantes, faz refletir uma das possíveis razões dos marcos urbanos não tocar os ludovicenses. Olhando-os como monumentos, estes participantes movidos pela importância cultural da cidade com suas manifestações que dia a dia tem oscilado em força de expressão, sentiram falta de elementos que referenciassem eles na cidade.

Reconhecendo a importância histórica de alguns dos elementos apresentados pela ferramenta, eles conseguiram se identificar com estes, identificar no sentido de saber que tais histórias são importantes para sua própria história, por ser importante à construção sócio-política de São Luís. No entanto, não se sentiram representados nestes, representados no sentido de se enxergar nessa história, por entender ser importante que os outros (que não sabem onde eles

são importantes à história) também enxerguem sua importância para os reconhecerem enquanto agentes/atores.

O que eles perceberam, observando os marcos em grande grupo, é que a demarcação por marcos (monumentalizados ou não) na cidade torna real a importância européia, o que não discordaram, mas a pouca ou invisível presença dos demais atores da história ludovicense, como os indígenas, negros, e por aí vai, invisibiliza a importância destes à cidade, pois se torna fácil lembrar onde e como o europeu foi importante, mas se esquece aos poucos onde e como os demais grupos foram importantes, levando-nos a dúvidas sobre tal importância, até mesmo nos próprios grupos invisibilizados. Antonio Carlos reflete a falta destes dizendo:

Antonio Carlos: Eu sinto falta, cara, [...] acho que talvez falta mais representações, elementos de representações da cultura negra e indígena na cidade. A gente vai vendo as comunidades tradicionais cada vez mais sendo devastadas, né, afastadas literalmente do avanço da cidade industrializada e aí a gente não tem essas demarcações, sabe. Acho que mais monumentos que coloquem os verdadeiros heróis.

Gabriel também reflete essa ausência entendendo o porquê da falta quando diz que “os meus heróis, no ponto de vista dos opressores, foram vilões; por isso não terá uma estátua de Negro Cosme como tem Caxias”. Apontou a falta de Maria Firmina, primeira mulher negra na academia de letras maranhense, mas pontua que esta possui um busto que ficava exposto na Praça Pantheon, Centro, junto aos demais grandes nomes de importância intelectual à capital e estado. Porém, todos retirados do espaço.

Kleber reclama a representatividade invisível lembrando-se dos elementos que faziam referência pouco mais diretas quando diz “É ter uma coreira, é ter um caboclo-de-pena. Por que não tem a estátua de Catarina Mina? Essa praça aí era para ter, nessa da Casa do Maranhão, a Praça dos Catraeiros [...] Até a imagem de Iemanjá que tinha no Olho d’Água, tiraram. Na Ponta d’Areia, não tiraram a sereia? Sempre tiram o que se identifica negro”. Por essas queixa, Kleber reflete que “a gente não conhece a história de São Luís, só a visão do ‘escritor’ [...]”, ressaltando a importância de se vivenciar a cidade, as manifestações da cidade para entender como a cidade se ergue e quais grupos e personalidades são também importantes. A colocação dele direciona novamente ao servidor da SECULT que, com bastante segurança, afirmou que “Na verdade, na verdade, nós não temos história”. Ambos apontando ao silenciamento dos múltiplos.

Assim sendo, eles sentem que precisam estar palpáveis na história da cidade, para que estes grupos, pessoas, manifestações tenham importância reconhecida e exibida aos que desconhecem, por exemplo, os turistas.

HISTÓRIA VISUAL

Criando o cenário onde os elementos contam as múltiplas histórias ou apresentam o cotidiano, os símbolos da cidade, traz-se o ciclo do aprendizado e apreensão, fazendo deles a importância visual à história. Como Talissa construiu:

Daniele: Tu acha que a presença de monumentos e elementos como esse contribui para a imagem e identidade...? Como?

Talissa: Com certeza... É a história... Além dos livros. Além... de ouvir as pessoas contando. É história visual. É você vê que aquilo que algum dia você ouviu alguém falar, tá ali o monumento. Compõe, são coisas que vão se conectando de tá aqui, de ouvir, de ver, de lembrar, de procurar de se interessar, ou de ignorar tudo. Também acontece (risos).

Os marcos acabam por reforçar o que é dito e escrito, o que é transmitido, num ciclo: aprende-se nos livros ou nas escolas, ouve-se em conversas com amigos e/ou familiares, vê-se em elementos paisagísticos e registros imagéticos e experimenta-se na vivência. A exemplo do perímetro de elementos registrados no bairro do João Paulo, onde se constrói a importância de Duque de Caxias à cidade nas escolas, conversa-se as ações dele na história com amigos/familiares/conhecidos, reconhece-se ele em elemento paisagístico urbano associado e referenciado pelo Batalhão, e vivencia-o, por exemplo, no caldo de feijão oferecido pelo Batalhão em festa à São Marçal ou no descansar nos bancos ou escada da Praça Duque de Caxias quando se vai fazer compras no João Paulo. O mesmo ciclo ocorre com as estátuas de São Marçal.

É interessante notar que os marcos Duque de Caxias e São Marçal, no João Paulo, conversam suas histórias por meio dos elementos: Caxias, representando a força militar, insinua os conflitos de outrora com o folguedo do Bumba-meu-boi, representado por São Marçal, para se manter atuante por serem impedidos de brincar no centro da cidade. O elemento ‘Guarnicê de São Marçal’ marca um dos limites espaciais impostos.

Estes elementos resgatando a memória de duas figuras que foram uma contra a outra, talvez seja a máxima da reflexão de que a história tem mais que a versão oficial ou admitindo a não unilateralidade da história de um fato, forçando talvez à reflexão do todo, portanto conectadas. Por vezes tal construção está expressa na relação elemento-lugar, como salientada por Antonio Carlos e Talissa que se disseram curiosos pelo elemento ‘Arrastão’ se encontrar numa praia que não se pesca mais. A partir deste ponto trazendo a memória e relato do Nando e reflexão do Antonio Carlos sobre o espaço de conflito entre as comunidades tradicionais e o avanço das indústrias e/ou urbanização.

Andrea conta que, enquanto atuante na profissão, “o que achava legal era de poder manter essa cidade linda viva, mas se decepcionou muito. Muita coisa não funciona”. Ela também acredita que é preciso ter o olhar de “quem tem poder para poder mudar” e é baseado na crença desta que reconheceu-se a fatalidade da informação à questão da relação do indivíduo com a cidade para valorização desta.

Assim, estas colocações nos fazem notar que existe a importância contextual, histórica e mesmo visual, todas na relação de construção do sentido em volta dos elementos. Fraseando Paulo Eduardo é “importante perceber tudo, porque tudo está relacionado. Nada pode ser dissociado”, e estas associações precisam ser externadas, revendo a base da relação indivíduo-marco-cidade.

Este projeto se descobre, então, um projeto informacional em design, por perceber que os vácuos informacionais desconectam os indivíduos dos valores da cidade (sejam eles positivos ou negativos). Como ressaltado por Noronha *et al.* (2017) transmitir informação é uma das atividades prioritárias do design, pretende-se nessa proposta de provocação (como especificado no capítulo 3, Metodologia) lembrar os cidadãos da existência dessas figuras, para que voltem a questioná-las (estranhamento) e aos poucos retomando o olhar à cidade. Fazendo dessas informações reconectores e instrumentos aos ludovicenses, talvez possa ser considerado um processo de empoderamento popular.

6. RESULTADOS

Identificado o caráter da peça gráfica a ser criada, a par das investigações dos campos e feitas as considerações dos participantes junto as reflexões destes sobre seus olhares, iniciou-se a elaboração do material de devolução à cidade. Neste capítulo apresenta como resultados o processo criativo do material devolutivo e a tradução visual de alguns dos cenários descritos pelos participantes da ferramenta protótipo fotoelicitatória.

Como já mencionado nas reflexões pós Campo III (subitem 4.4.3), a devolução à cidade foca prioritariamente em jovens adultos, mas estando em ambiente total da cidade (se tratando do material físico), é pertinente que se pense em linguagens que sejam acessíveis a todos, pois ao estar na cidade, perde-se o total controle dos contatos, públicos e reações, o que é positivo a esse projeto provocativo.

6.1 Processo criativo aos materiais de devolução

Ao processo criativo foi pertinente ponderar que o material a ser devolvido deveria ser dinâmico para conseguir chamar atenção do público-alvo definido. Devido a isso, escolheu-se, à devolução virtual, os formatos das redes sociais mais acessadas e usadas na atualidade: Facebook, Instagram e Pinterest. Além destes, também se reconheceu o blog como uma ferramenta necessária para publicar os resultados da investigação do projeto sobre e entorno dos marcos urbanos, esta plataforma sendo mais aceita para conteúdo mais aprofundado e longos, necessidade básica ao inventário conseguido.

À devolução física, considerou-se materiais que saíssem do círculo problemático do “ambiente inviável” e “cegueira cotidiana”, apontado nas reflexões do campo IV. Por isso, pensou-se em materiais que pudessem chegar às mãos e nas casas dos ludovicenses, sendo eles: *flyers*/panfletos, folders, cartões e marcadores suspensos. Apesar disso, também arriscou-se utilizar cartazes para serem colados em locais com muita movimentação. Assim, refletiu-se possíveis estratégias visuais que não tornassem os materiais componentes da poluição visual presente nos ambientes urbanos, mas que chamasse atenção suficiente para serem vistos.

Pensando na acessibilidade comunicacional das peças gráficas, também decidiu-se fazer pouco uso de imagens e grafismos demasiadamente abstratos, recorrendo mais ao uso de imagens fotográficas e, no máximo, silhuetas; até por ainda pressupor que boa parte dos cidadãos não reconheceriam com facilidade os marcos referenciados, então a imagem fotográfica facilita a compreensão da provocação.

Devido ao pressuposto de pouco reconhecimento, apesar de o caráter das peças gráficas serem provocativas, para esse primeiro momento de devolução focou-se em afirmar a presença destes marcos; dizer que eles existem e estão na cidade, sem se alongar nos seus sentidos dos mesmos, para que os cidadãos sejam incentivados a buscar e enxergar esses elementos na paisagem urbana, olhar a cidade, sem que o material proposto direcione-os, por agora, aos

seus significados. Assumindo um processo lento e de base da reconexão dos ludovicenses aos marcos urbanos.

Por tanto: Simples, dinâmico, chamativo, dispostos nas ruas da cidade, mostrando os marcos. Baseado nessas diretrizes, desenvolveu-se os sistemas semânticos e simbólicos das representações gráficas aos materiais, montando um *moodboard* com as principais propostas a serem seguidas, como mostrado na Figura 75.



Figura 75: *Moodboard*, painel de referências.

Fonte: Da autora.

A linguagem gráfica, desse modo, assumiu duas linguagens visuais: nas ruas ela assume a linguagem impactante, para chamar a atenção dos indivíduos, a partir disso sendo necessárias formas mais simples e fáceis de entender, robustas quando necessárias, ‘encorpadas’; tipografias espessas e menos condensadas e ornamentadas, para facilitar a leitura; preenchimentos chapados, sem maior uso de semi-tons. A segunda, nos ambientes virtuais, assume linguagem mais tracejada, fazendo a alusão a rascunhos, por nestes ambientes propor-se ‘redesenhar’ as figuras e entendimentos dos marcos, redesenhar os sentidos, e como é o primeiro passo ao redesenho, trata-se de um esboço. Com tipografias manuscritas para transferir o cenário de feito “à próprio punho”, “aos poucos”, “observando limites próprios”. Nessa mesma semântica, os preenchimentos são menos chapados, escolhendo vetores e figuras que se assemelhem a aquarelas.

Além destas duas linguagens, experimentou-se produções manuais como forma de otimizar os materiais coloridos, produzir peças que se mostrassem mais afetivas e próximas aos

receptores, fazendo uso da escrita manuscrita propriamente, na significância de que “alguém escreveu isso”. Assim, os marcadores suspensos e alguns cartazes em formato A4 foram produzidos com moldes criados figurando alguns dos marcos e escritos à punho. (Figura 76).



Figura 76: Materiais feitos à mão.

Fonte: Da autora.

Priorizou-se trabalhar com as cores da bandeira do Maranhão, além dos tons rosas e amarelos em algumas peças que serviram para ampliar a relação de contrastes de cor.

Aproveitando-se do fato de que a estética dos azulejos e casarões costumam chamar a atenção, usou-se deles de forma semântica para fazê-los de, como Kleber os intitulara, “portais de entrada”. Nesse sentido, sobrepôs-se os elementos marcos, que são o foco visual da peça, aos elementos monopolizados da imagem-identidade ludovicense como se estes elementos amplamente reconhecidos estivessem os apresentando. A mesma proposta semântica foi usada aos elementos representativos das praias, também bastante exploradas como imagem na/da capital. Exemplos deles podem ser vistas na Figura 77.



Figura 77: Proposta semântica de apresentação dos marcos.

Fonte: Da autora.

Outra estratégia de construção de uma comunicação afetiva, os materiais são escritos em primeira pessoa, como se eles estivessem lendo diretamente os marcos, tornando pessoal a conversa do material e o receptor. Assim também, nesse tom de conversa, é possível compartilhar as narrativas elucidadas aos leitores de maneira mais natural e aproximada, sem causar distanciamento vocativo de com quem se fala, inserindo uma terceira pessoa. Optou-se, por ser um momento provocativo, causar reflexões nos leitores das peças, com mais perguntas sobre como ele estabelece a relação com a cidade e o marco que está se comunicando do que afirmando que marco é aquele e o que significa. Somente algumas propostas temáticas de material abriu espaço para a explanação sobre os significados de alguns dos marcos.

Assim estabelecido, os materiais foram elaborados em onze (11) temáticas, sendo cinco (4) delas usadas em *flyers*/panfletos, quatro (5) em cartazes, uma (1) usada nos folders, uma (1)

em etiquetas, uma (1) em marcadores e uma (1) em moldurados, não sendo somatório (algumas temáticas se repetiram em suportes diferentes). Cada uma delas apresentando os elementos com provocações diferentes. São elas:

1. Marco&entorno: Apresentação dos marcos referenciando, em texto, os entornos;
2. Gradis&Azulejos: Provocação frasal usando somente os símbolos dos marcadores de identidade ludovicense (gradis dos casarões e azulejaria);
3. Quebra na história: Localização de marcos que tem sua importância maculada;
4. Nas janelas dos casarões: Apresentação de marcos frente às janelas dos casarões;
5. Nas ondas do mar: Apresentação de marcos entre as ondas dos mares;
6. Se eu sumisse: Provocação sentimental-afetiva e localização dos marcos que foram invisibilizados;
7. TMB SOU SLZ: Silhueta de marcos em afirmação que eles são importantes;
8. Etiquetas: Similar a cartões de visita, apresentam o logo da causa e a localização dos marcos assim como suas skylines;
9. Marcadores: Marcadores de cadernos/livros/etc. com apelo de atenção manuscrito e por moldes;
10. Moldurados: Molduras feitas em papelão e revestidas em chitão, salientando apelos dos marcos. O chitão entra como elemento para chamar atenção de forma colorida, também por sua presença enquanto participante das manifestações de cunho imaterial fazendo assim um elo entre o material arquitetônico identitário de São Luís e o imaterial lúdico miscigenado representativo de São Luís;
11. Abra parêntesis – olhe a cidade: Material em folder que se desdobra informações coletadas de forma dinâmica e sintetizada.

Em todos os materiais foram disponibilizados o QRCode (Figura 78), que é um “código de barras bidimensional que pode ser facilmente escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera” (WIKIPEDIA, QR Code). Fazendo a leitura dele por meio de aplicativos em celulares é possível conectar os receptores em ambiente físico ao ambiente virtual, dinamizando e facilitando o acesso à rede do #tmbsousz.



Figura 78: QR Code do #tmbsousz.

Fonte: Da autora.

O “#tmbsousz” (Também sou São Luís) é como se nomeou este projeto de divulgação e reconstrução dos sentidos e significados dos marcos urbanos presentes na paisagem ludovicense. Anterior as elaborações dos materiais, foi pensada e criada o logo (Figura 79) desta causa-projeto a fim de que ela estampasse todos os materiais e o identificasse. Projetada em logotipo, a *hashtag* do Também Sou São Luís foi feito com pincel, à punho, também

simbolicamente representando que somente estamos pincelando os primeiros traços de um novo quadro sobre São Luís e sua imagem representação. Optou-se por deixar o logotipo em preto e branco para ampliar sua aplicação em qualquer tipo de peça.

As letras do logo se tocando e entrelaçando, realçando a ideia de identidade conectiva, conjunta onde cada peça é importante ao todo. Até quando não se tocam, se completam, a exemplo do “m” de *tbm* e o “u” de *sou*. Como Noronha *et al.* (2017) salienta Cardoso:

No campo do design, Cardoso (2012) afirma que reconhecer a complexidade do mundo em que vivemos envolve compreender que todas as partes são interligadas, de modo que cada ação individual se soma às ações de outros, formando movimentos que estão “além da capacidade individual de qualquer uma de suas partes componentes” (NORONHA *et al.* *apud* CARDOSO, 2017, p.218)

Apesar do logotipo se escrever “*tbm*” para conseguir a metáfora visual de completude, a *hashtag* é “*tmb*”, apelando e arriscando à teoria de que lemos a palavra ao todo.



Figura 79: Logotipo #tmbsozlz.

Fonte: Da autora.

A provocação principal do #tmbsozlz é “abra parênteses”, usando do próprio sinal gráfico parêntesis como representação simbólica do “olhar com atenção à cidade” e dentro dele, mais usado que o primeiro neste projeto, os colchetes, simbolizando o “notar os marcos urbanos”. Usados por se tratar de símbolos gráficos que auxiliam na compreensão de algum termo ou expressão do texto. Na peça gráfica, usados analogicamente como auxiliares na compreensão da cidade.

Os parêntesis, quando juntos e postos em horizontal, se assemelham ao formato dos olhos, ou seja, parêntesis é um potencializador do entendimento. Os colchetes, diferente dos parêntesis, invocam uma terceira voz, aqui visualmente utilizada como símbolo do enquadramento, do foco, por se estar focando na compreensão dos marcos.

- a. () – Olhar, atenção;
- b. [] – Enquadrar, focar

6.2 Devolução à cidade

Após a elaboração, produção e impressão das peças gráficas, dedicou-se a devolver os materiais à cidade. A devolutiva à cidade, como dito no item anterior, visa recobrar imagem desses elementos. Estes materiais se pretendem ser gatilhos ao processo de memorização, talvez análogo a uma ferramenta fotoelicitatória global/municipal.

Lançadas no dia 18 de maio de 2018, os ambientes virtuais da causa foram divulgados. Em blog (Figura 80), construído pela plataforma do Wordpress, foram publicados os posts de abertura, convidando os acessantes a olhar a cidade e redescobrir “os portais” da ilha. Apoiando a publicação do blog, a abertura da *fanpage* no Facebook divulgou a publicação no blog; o Instagram, com proposta mais visual, lançou-se as peças convite dos marcos e apresentou a *hashtag* do #tmbsouslz. Pelo Pinterest, com impulso menor de publicação, pensa-se ele para colecionar imagens sobre São Luís e suas identidades, São Luís e seus lugares, São Luís e seu passado e elementos urbanos pelo Brasil e pelo mundo que servem de inspiração e painel criativo para visualização de outras propostas e modos de se viver, enxergar e interagir com a cidade por meio destes elementos.



Figura 80: Blog em Wordpress da #tmbsouslz

Fonte: Blog Também Sou São Luís (captura de tela 26 jun. 2018)

No blog, será disponibilizado as investigações de cada elemento, fazendo do espaço um inventário de marcos urbanos de São Luís, para reconhecê-los, refleti-los e pensar sentidos e memórias sobre e em entorno deles.

Com a linguagem investindo no “dialeto maranhês”, a recepção visual dos ambientes virtuais foram positivas, angariando reações em Facebook. O acesso ao blog ainda tem sido discreto. Por esse motivo, reviu-se a divulgação destes espaços, por ter percebido que a população precisa ser estimulada a acessá-los. Pretende-se publicar o inventário dos elementos e construir “alianças” virtuais com webpáginas voltadas à fotografia de lugares São Luís e

demais páginas que tratem da autoestima e valorização ludovicense, como por exemplo as páginas dos Governos, Minha Velha São Luís e Reocupa.

Da devolução física, espalhou-se cartazes pela região da Beira-Mar, São Francisco, Renascença e Centro Histórico, até o momento, panfletou-se pelas ruas do Centro Histórico, pendurou-se marcadores e cartões na intermediações da Setur da Benedito leite e na Praça da Faustina, além de fazer a devolutiva à comunidade da Beira Mar, aos entrevistados Jackson, Francisca, Leda.

As reações aos cartazes físicos e panfletos foram mais imediatas e bastante satisfatórias. Para colagem dos cartazes, alguns totens de informação turística da SECTUR que já estavam com a visibilidade dos mapas prejudicadas serviram como espaço para estampar os cartazes. (Figura 81) Pensando roteiros onde havia maior fluxo de pessoas, foram colocados em pontos como paradas de ônibus e lugares chaves (Centro de Criatividade Odylo Costa filho, Sectur, Benedito Leite, entre outros), de forma a não sujar o ambiente ou prejudicar os elementos suporte.



Figura 81: Exemplos de devolutivas físicas.

Fonte: Da autora.

Satisfatório após ter colocado o cartaz, ver as pessoas se aproximando da peça para ler o que havia nela. Apesar de organizar horários com pouco movimento para fazer a colagem, algumas situações de devolução na Beira-Mar acabou encontrando movimentos, sendo preciso fazer a colagem enquanto as pessoas viam. Era curioso que enquanto era colado, algumas pessoas já se aproximavam ou espionavam de longe para saber o que estava sendo posto. Assim que me afastava, elas se aproximavam das peças.

Nenhum registro fotográfico das interações, no entanto, fora feito. Primeiramente por questões de ética, a imagem alheia e segundo, e possivelmente o que mais influenciou, o

receio em horários pouco movimentados e atuando só, a exposição demasiada da câmera fotográfica (na ausência do celular) chamasse outras atenções.

6.3 Cenários traduzidos dos participantes da ferramenta

Propondo-se pensar traduções visuais das colocações e narrativas compartilhadas no momento da ferramenta, os cenários identificados, até mesmo os anteriores a ele, foram listados. Num total de quinze (15) propostas, estas traduções se fazem as peças mais fortes simbólicas, afetiva e historicamente à devolução. Comunicar os sentimentos, falas e expressões dos participantes não é, nem será uma tarefa fácil.

Como a necessidade inicial de reconstrução do contato indivíduo-cidade ainda se trata de um momento provocativo da imagem dos elementos, sem suscitar por este momento os sentidos propostos durante a pesquisa, estas traduções deverão ser contempladas em outro momento, possivelmente nos ambientes virtuais. No entanto, tal decisão não impediu que os cenários fossem testados.

Ainda em fase de constante reconstrução, apresenta-se aqui neste item dois dos cenários traduzidos (vistos num geral na Figura 82, e isoladamente nas figuras 83 e 84), em exercício ou mesmo ensaio, trazendo as narrativas ao âmbito representativo gráfico, de imagem gráfica, para que estes não fiquem somente na construção imaginária e textual.



Figura 82: Cenários tradução das narrativas.

Fonte: Da autora.

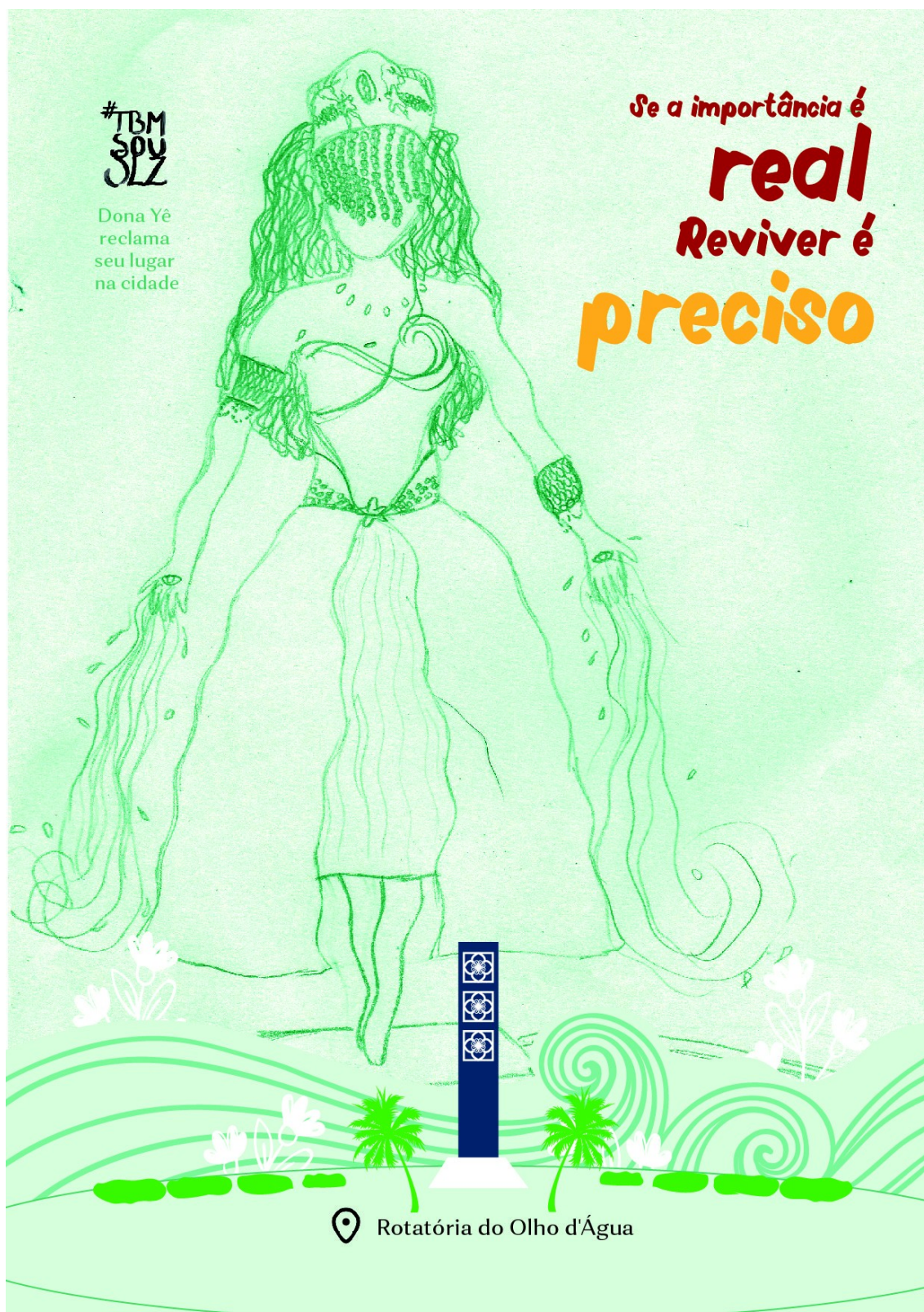


Figura 83: Reclames de Dona Yê.
Fonte: Kleber Umberlino, traduzido/ensaiado pela autora.

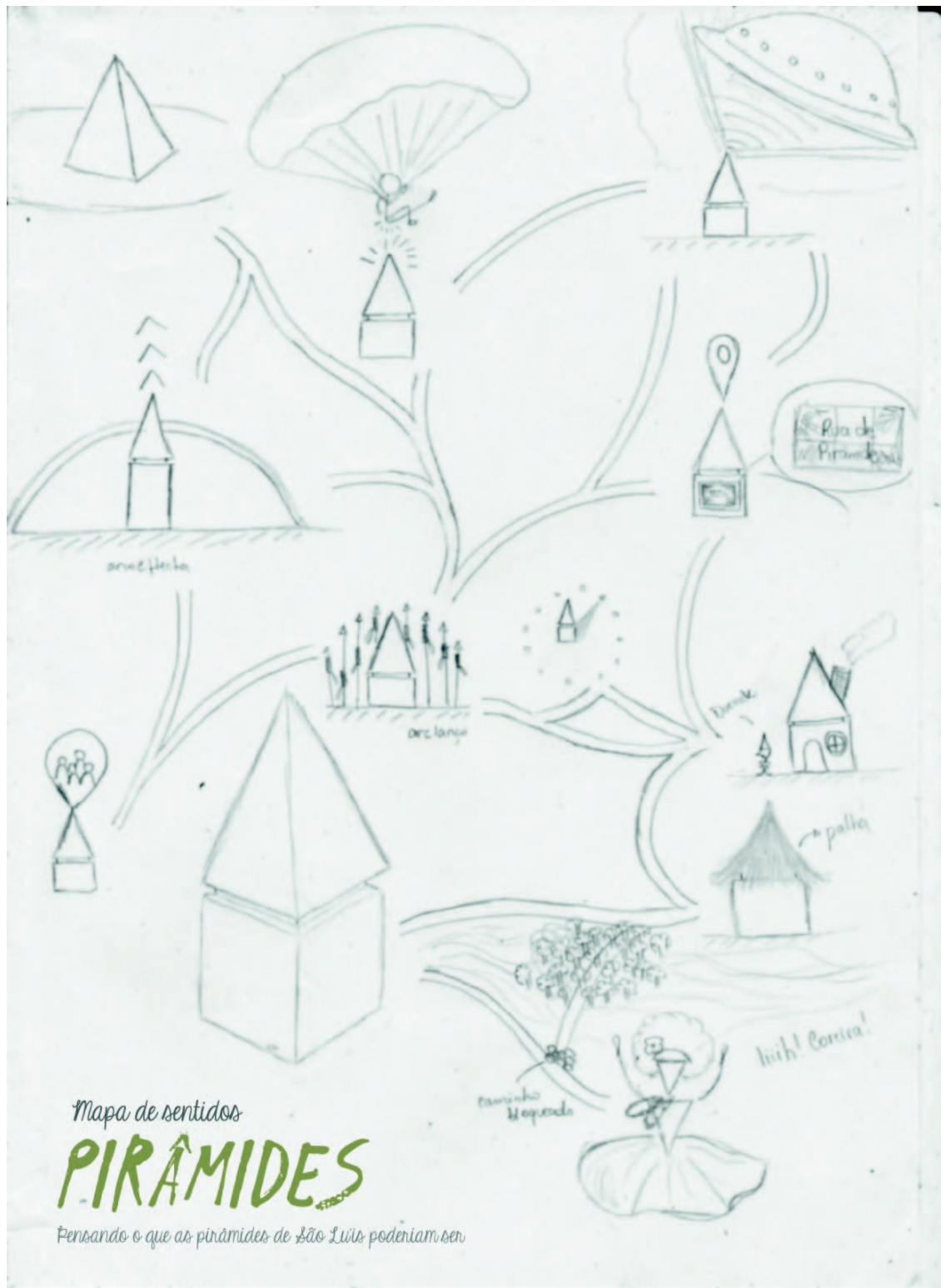


Figura 84: Mapa de sentidos da Pirâmides.

Fonte: Dos participantes da ferramenta fotoelicitatória, traduzido/ensaiado pela autora.

É com estas traduções que se pretende conectar de forma mais divertida, reflexiva e imagética ao afetivo dos marcos urbanos. Na figura 83, traduz-se a reclamação de Kleber por retirarem os elementos representativos de grupos outros que não são os “conquistadores” divulgados como brancos, como por exemplo, os negros. Na figura 84, trata-se da coletânea de sentidos

atribuídos aos ludobeliscos/pirâmides pelos participantes da ferramenta fotoelicitatória. Um mapa guiando cada possibilidade de se reconstruir ou otimizar os ludobeliscos, já que pouco/nada se sabe sobre eles. Outro cenário proposto sendo estudado no momento, é o denunciado por Gabriel: onde ele diz faz alusão às Pirâmides como sendo protetores de São Luís. Ao se traçar uma linha ligando as pirâmides que se conhece, percebeu-se que elas circundam a área do Centro e Centro Histórico da cidade. (Figura 85).

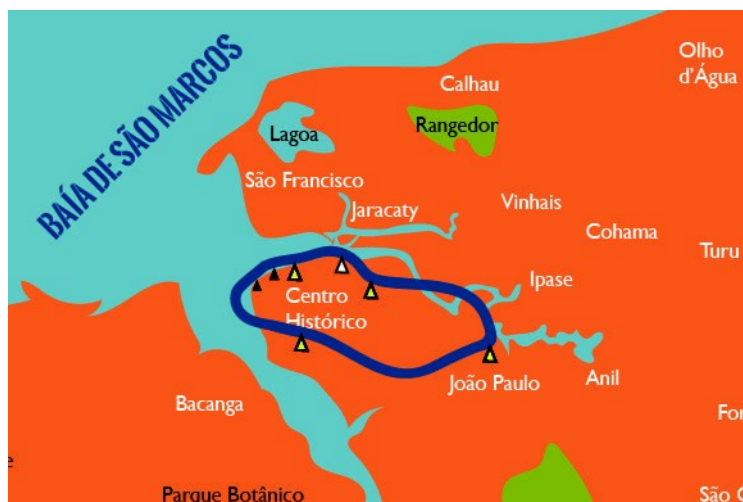


Figura 85: Círculo das Pirâmides/ludobeliscos de São Luís.

Fonte: Gabriel, ensaiado/estudado pela autora.

Usando estes cenário também para desconstruir a imagem destes elementos, a nota pelo ‘estudo’ do círculo das pirâmides, é possível descobrir novas formas de enxergar São Luís e até, talvez somente talvez, criar lendas, contos, conectar histórias. O tom divertido também é uma alternativa de aproximação indivíduo-cidade, também muito proveitosa ao público jovem-adulto.

Assim é possível criar o clima de paquera entre São Luís e os ludovicenses. Fazê-los perceber que os sentidos da cidade não estão todos criados, que podem ser mutados, revistos, contornados, pode ser capaz de estimulá-los a reconhecer o lugar em que estão.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto, portanto, na pretensão de provocar o olhar do ludovicense aos marcos urbanos da cidade que, para além de servirem a cidade como localizadores, apontadores de dado local, são também peças que se intentam comunicar a imagem e história de São Luís, no mínimo. Assim sendo, não só diante reflexões sobre a amplitude e conflitos do universo urbano contemporâneo, na especificidade da capital do Maranhão, mas este projeto também se posiciona diante as reflexões da dinâmica da identidade de um povo.

Pela relação de proximidade e aprendizado com/sobre identidade que a cada dia se constrói e reconstrói dentro da área do design, faz desse momento de provocação à cidade também uma provocação ao próprio exercício: quão próximos estamos realmente da compreensão sobre identidade? E quais identidades nós projetamos à sociedade? Estamos realmente compreendendo o caráter dinâmico deste ou somente impondo padrões estabelecidos e/ou preestabelecidos?

A abertura do campo do design à ideia de processo nos coloca muito mais em contato com outras disciplinas, áreas e universos, tendo de elaborar e pensar metodologias mais flexíveis e até originais, exigindo um domínio sobre as ferramentas elaboradas e/ou utilizadas à prática projetual; Manzini, citado por Noronha *et al.* (2017, p.223), também menciona o “nível de subjetividade incomum” necessária para este modo de fazer de design, que ele denominou ser “pesquisa através do design”.

Com a fotoelicitação, ferramenta conversada, segundo as pesquisas, da área da antropologia, e as demais ferramentas e ações que são compartilhadas e conversadas ao design, se torna possível a ampliação dos contatos com os demais agentes e atores influenciadores e sujeitos da pesquisa; faz-se aproximar dos limites e limiares destes universos distintos, criando pontos de contato e de interesse em comum entre as partes, até mesmo quando a expressão do projeto se dá individualmente pelo designer, porque de fato ele [o projeto] não o é individual quando existem tais ferramentas de diálogos e compartilhamento.

Com essas ferramentas foi possível dar os primeiros passos no caótico universo da cidade e refletir possíveis projeções das causas da ausência de busca pela cidade, do silêncio de elementos capazes de comunicar a cidade de São Luís. Neste projeto, de caráter provocativo [repetindo para enfatizar], investigou-se que os marcos urbanos de São Luís não são de fato indiferentes ao lugar em que estão expostos: são zeladores de histórias e despertadores de narrativas e memórias. Percebendo também que existe uma falha informacional em torno destes elementos, tanto ao contexto quanto à sinalização e evidenciação destes, ressaltando que importância eles possuem. Falha que, mediante o que se refletiu, é a causa do silenciamento destes elementos, impedindo-os de ser marcadores de identidade territorial.

Este projeto de passos à valorização da identidade e imagem da capital maranhense entende que não se completa, por ser um breve momento, um degrau necessário a escalada até a meta de alcançar a valorização, assim, não sendo hipersimplificado, e a partir disso um ensaio para que novos desdobramentos possam ser explorados. Por isso, se propõe ser, com design, o

agente comunicador e promotor de diálogos entre os indivíduos da cidade e as demais esferas de interesses.

Isso posto, aqui notou-se que a falta de informação dos significados dos elementos prejudica a construção de sentido por parte dos moradores, que com esse distanciamento comunicacional deixam de dar importância, e por consequência valor, aos elementos, podendo até mesmo, em cenário hipotético, destruírem ou pedirem a remoção de elementos monumentais à cidade, sem que nem ao menos se dêem conta. Com isso, distanciam-se também do contexto maior da cidade, percebendo menos seus lugares, agindo menos sua ocupação por não estar a par das importâncias presentes. Mais do que isso supõe-se que nem mesmo as esferas políticas governamentais reconhecem tais elementos, assim não investindo nesses espaços simbólicos e históricos. Na devolução do material proposto, ficou visível que a provocação tinha de chegar até eles, porque eles já não as buscam mais por essas informações e nem sabem com quem buscar.

Portanto, a informação se mostrou o aspecto base para que o olhar de quem atribui sentido se transforme novamente e ressignifique os marcos para eles próprios enquanto indivíduos pertencentes a identidade e para a imagem da cidade. Desse modo o design pode contribuir a agregar valores a uma cidade: com o diálogo e a democracia imagética. Conversando os interesses entre os locais dos elementos, os marcos em si, os ludovicenses e os poderes governamentais, na figura análoga a um diplomata.

Dando aos marcos outros espaços de presença, usando a imagem deles para incentivar suas ressignificações é dar espaços de criação aos ludovicenses. É na dinâmica da imagem que está a dinâmica da identidade. Fazer notar que esses universos estão em constante mudança, seja se aproximando ou se distanciando uns dos outros e entre si, faz-se possível trazê-los de volta ao ciclo de transformações. Fazer os ludovicenses perceberem que as lendas ainda podem ser criadas, por exemplo, é uma forma de comunicar que a cidade e a identidade da cidade é viva. Mas para que isso aconteça, estes moradores precisam estar a par do que são estes elementos, precisam ser provocados novamente, precisam entender como a cidade e seus objetos conversam, até para propor novos diálogos a ela. Por isso informar se faz tão importante. Como é discutido por Finestralli (2011):

As identidades culturais não são retratos fiéis da essência de uma nação ou de uma etnia, mas narrativas em conflito, formadas através da “seleção de elementos de diferentes épocas articuladas pelos grupos hegemônicos numa narração que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência” (FINESTRALI *apud* CANCLINI, 2011, p. 56).

Portanto o lugar de mediação do design no universo caótico da cidade também se mostra empática. É entender que existem várias falas nos debates da cidade e que elas precisam ser ouvidas, talvez, sem o rigor das regras sufocantes e rígidas para que se possa pensar futuros possíveis e entender como e onde pode ser flexionada e otimizada a comunicação. Noronha disserta sobre este lugar, dizendo:

Pensar o design na contemporaneidade, como um processo de mediação, coloca-nos em um ponto em que precisamos compreender os anseios e perspectivas do outro. As reflexões sobre complexidade implicam uma visualidade que consiga dialogar com a diversidade de pontos de vista em questão. Posicionamentos demasiados enraizados ou que se pretendam como verdade não encontram lugar neste tipo de experimentação. A vozes e percursos, relações que se estabelecem em campo, é que geram os resultados, nunca definidos a priori, mas ao longo do percurso investigado (NORONHA *et al.*, 2017, p.229)

Assim sendo, a evocação de memórias e narrativas é essencial para rever qual debate é vigente e quais diálogos são necessários com os indivíduos da cidade e aos indivíduos da cidade para que a própria cidade, através dos marcos, possa ser realçada. Entender quais identidades e/ou representações de/em São Luís não tão sendo vistas.

É com a dinâmica da identidade territorial que concorda-se com Carvalho (2012) que as práticas de design precisam está mais próximas dos conceitos de identidade, para que se reconheça os elementos e aspectos que a dinamiza e sustenta, a fim de que não pensemos na “identidade” só como algo a ser criado, mas também descoberto, revisitado, elucidado. As propostas metodológicas e processuais inter e multidisciplinar do design tem se mostrado, como Finestralli (2011 p.49) alega, a disciplina que “domina a habilidade de tornar complexo sem inviabilizar, exatamente porque tem na raiz o imperativo (que precisa ser exercitado constantemente) de delimitar; de autoregular-se. Característica, esta, que é própria dos sistemas complexos”.

REFERÊNCIAS

A IMPORTÂNCIA da Imagem no Mundo Contemporâneo - Renata Whitaker. Direção de Lino Bertrand. Produção de Lino Bertrand. [s.l]: You Tube, 2017. (9 min.), Digital, son., color. Canal Jung na Prática. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XFtnL5S0A8Q>>. Acesso em: 19 out. 2017.

ABDO, Humberto. Revista Galileu. **6 reflexões para entender o pensamento de Carl Jung**. 2017. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/02/6-reflexoes-para-entender-o-pensamento-de-carl-jung.html>>. Acesso em: 19 out. 2017.

ABREU, Tayna. O Imparcial. A história de São Luís contada pelas avenidas. **Portal O Imparcial**. São Luís. 11 abr. 2017. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2017/04/historia-de-sao-luis-contada-pelas-avenidas/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

ARAÚJO, Ed Wilson. **Ex-cracolândia, Praça do Pescador é revitalizada e muda visual no Portinho**. 2015. Disponível em: <<http://blogdoedwilson.blogspot.com/2015/10/ex-cracolandia-praca-do-pescador-e.html#.WxKbXzQvzIV>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

ASSEMBLÉIA MAÇÔNICA INTERNACIONAL. **Os Símbolos Maçônicos**. [20--?]. Disponível em: <http://www.aminternacional.org/maconaria_simbolos_maconicos.html>. Acesso em: 24 nov. 2017.

BARROS, Antonio Evaldo Almeida. A terra dos grandes bumbas: a maranhensidade ressignificada na cultura popular (1940-1960). **Caderno Pós Ciências Sociais**, São Luís, MA: EDUFMA, v. 2, n. 3, p.96-123, 2005. Semestral. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/227>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

_____. Cultura e Identidade no Maranhão Estado-Novista. In: III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS - QUESTÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO NO SÉCULO XXI, 3., 2007, São Luís. **III Jornada Internacional de Políticas Públicas - 2007**. São Luís, MA: Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas - Mestrado e Doutorado, 2007. p. 1 - 9. Disponível em: <[http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoE/c65b08e42e8bf3f7965eAntonio Evaldo Barros.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoE/c65b08e42e8bf3f7965eAntonio%20Evaldo%20Barros.pdf)>. Acesso em: 02 abr. 2018.

_____. **A cidade na festa, a festa na cidade: Negociações e tensões nos festejos juninos na São Luís da primeira metade do século XX**. In: XIX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO, 19., 2008, São Paulo. São Paulo: ANPUH/SP- USP, 2008. 16 p. CD-ROM

BASSALO, Lucelia de Moraes Braga; WELLER, Wivian. Imagem fotográfica: registros de visões de mundo. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15., 2011, Curitiba. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia**. Curitiba: Sbs, 2011. p. 1 - 18. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2135&Itemid=170>. Acesso em: 03 mar. 2018

BORRALHO, José Henrique de Paula (Maranhão). Instituto de História e Geografia do Maranhão (IGHM): Patrimônio, Memória e História como princípios de perpetuação da imagem de um Maranhão grandioso. **Patrimônio e Memória: Revista Eletrônica do CEDAP** - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa, Assis, SP, v. 7, n. 1, p.19-37, jun. 2011. Semestral. UNESP – FCLAs – CEDAP. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/58/58>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

BRASIL. Exército Brasileiro. Ministério da Defesa. **24º Batalhão de Infantaria de Selva**. 2017. Disponível em: <<http://www.24bil.eb.mil.br/sobre-o-24-bil.html>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

_____. MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Sobre a Instituição**. [201-?]. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/conheca-o-mpf/sobre/sobre-a-instituicao>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

BRAYNER, Natália Guerra. Sentidos dilatados: identidades e representações em Brasília. **Cadernos do Ceam: Oralidade e Outras Linguagens**, Brasília, ano IV, n. 15, p.49-61, dez. 2004. Semestral. Universidade de Brasília – UnB.

BUENO, Barbara Izadora. **Monumentos históricos do Maranhão: Atualização, revisão e análise crítica - 1979 à 2015**. 2015. 127 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2015. Disponível em: <https://issuu.com/barbaraizadorabueno/docs/livro_tcc>. Acesso em: 03 dez. 2017.

BUZAR, Benedito. (Cadeira 13). Academia Maranhense de Letras. **350 anos de São Luís**. 2011. Para o jornal O Estado do Maranhão. Disponível em: <<http://www.academiamaranhense.org.br/blog/350-anos-de-sao-luis/>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

_____. **A ponte que não foi inaugurada**. 2017. Vinculado ao blog d'O Estado do Maranhão. Disponível em: <<https://www.blogsoestado.com/buzar/2017/09/16/ponte-que-nao-foi-inaugurada/>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

CACCIARI, Massimo. **A cidade (La città)**. Villa Verucchio (Rimini): PazziniStampadore Editore, 2009, 4ª ed. Tradução José J. C. Serra.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CARVALHO, Alecir Francisco de. **Design e Identidade: Estudo de casos aplicados no Brasil**. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Design - PPGD, Escola de Design, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.ppgd.uemg.br/wp-content/uploads/2013/03/Design-e-Identidade_Alecir-Carvalho.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2017.

CARVALHO, Aluizio de; CASCO, Ana Carmen Amorim Jara. A Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como Artefato Cultural. In: CARMARGO, Paula de Oliveira; RIBEIRO, Paulo Eduardo Vidal Leite; FAJARDO, Washington (orgs.). **Design e/é patrimônio**. Rio de Janeiro: Centro Carioca de Design, 2012, s.l. cap.5. p. 97-115.

CMF - COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE. Secretaria do Estado da Cultura. Santo do dia: 25 de Agosto São Luís IX. **Boletim da CMF**. São Luís, MA, ago. 2011. *Boletim Informativo*, p. 2. Disponível em:

<<http://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/c5e3e17c9308a79c53e2c2f22e4bc243.pdf>>.
Acesso em: 02 abr. 2018.

CORDEIRO, Neto. Desenvolvimento urbano: por que São Luís não anda nos trilhos? **Imirante.com**. São Luís, MA, 08 set. 2014. São Luís 402 anos. Disponível em: <<http://imirante.com/sao-luis/noticias/2014/09/08/desenvolvimento-urbano-por-que-sao-luis-nao-anda-nos-trilhos.shtml>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

COSTA, Joana Baptista; LEÃO, Mariana. Portugal Imaginado: o Patrimônio Gráfico e a Memória Simbólica. In: CARMARGO, Paula de Oliveira; RIBEIRO, Paulo Eduardo Vidal Leite; FAJARDO, Washington (orgs.). **Design e é Patrimônio**. Rio de Janeiro: Centro Carioca de Design, 2012, s.3. cap. 12. p. 211-221.

CUNHA, Patrícia. O Imparcial. Pregoeiros de São Luís: personagens da cidade. **Portal O Imparcial**. São Luís, MA, 08 set. 2016. São Luís 404 Anos. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cidades/2016/09/pregoeiros-de-sao-luis-personagens-da-cidade/>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

_____. O Imparcial. 100 anos de fundação da Liberdade. **Portal O Imparcial**. São Luís, 26 jan. 2018. De Matadouro à Liberdade. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cidades/2018/01/100-anos-de-fundacao-da-liberdade/>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. **Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA**. 2014. 349 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8930/1/2014_tese_hrcurvelo.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2017.

DE OLIVEIRA, Anderson Carlos. Arautos do Evangelho. **São Luís, Rei de França**. [20--?]. Disponível em: <<http://www.arautos.org/secoes/artigos/especiais/sao-luis-rei-de-franca-2-143603>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

EUAX – Consultoria em gestão empresarial com foco em performance. Grupo Eaux. **O que são e como identificar os stakeholders do seu projeto?** 2017. Disponível em: <<https://www.euax.com.br/2017/02/o-que-sao-e-como-identificar-os-stakeholders-do-seu-projeto/>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (Reino Unido). Britannica Digital Learning. **Fleur-de-lis: EMBLEM**. Chicago: Encyclopædia Britannica, Inc., [199-?]. Enciclopédia online. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/fleur-de-lis>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

FINESTRALI, Marina. **O Design brasileiro ao espelho: Em busca de identidade**. 2011. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Design Estratégico, Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Porto Alegre, 2011. Cap. 2, p.27-75. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4182>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

FROSSARD, Gabriela Corrêa; PESSÔA, Sâmela Suélen Martins Viana. Design de Ambientes e as Metrôpoles: uma leitura do contexto contemporâneo. **Blucher Design**

Proceedings, [s.l.], v. 4, n. 3, p.278-288, maio 2018. Biental. Editora Blucher. DOI: 10.5151/cid2017-32. Disponível em: <<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/design-de-ambientes-e-as-metrpoles-uma-leitura-do-contexto-contemporaneo-28134>>. Acesso em: 25 mai. 2018

FROTA, João. **Perfil Pessoal Público no Fotolog**. 2003. Disponível em: <<https://fotolog.com/jofrota/4622074>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

GERBASE, Carlos. **O livro: 9. Enquadramentos: planos e ângulos**. [2012?]. Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os museus e a cidade. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). **Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A e Lamparina Editora, 2003. Cap. 12. p. 171-186.

GONÇALVES, José Reginaldo Santo; BITAR, Nina Pinheiro; GUIMARÃES, Roberta Sampaio (orgs.). **A alma das coisas: patrimônio, materialidade e ressonância**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.

GOVERNO DO MARANHÃO. Agência de Notícias. **Área da antiga Reffsa será revitalizada e transformada em novo cartão postal**. 2018. Seção Desenvolvimento. Disponível em: <<http://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/desenvolvimento/area-da-antiga-reffsa-sera-revitalizada-e-transformada-em-novo-cartao-postal>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

_____. **Secretarias**. [2014]. Disponível em: <<http://www.ma.gov.br/secretarias/>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

GUEDES, Ivan Pereira. **Presbiterianismo no Brasil – Primeiras Dissensões**: Dr. Miguel Vieira Ferreira. 2014. Disponível em: <<http://historiologiaprotestante.blogspot.com/2014/01/presbiterianismo-no-brasil-primeiras.html>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA. **Doutor Miguel Vieira Ferreira**. [20--?]. Disponível em: <<http://www.igrejaevangelicabrasileira.com.br/drmiguel.htm>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

IMIRANTE. Estátua de São Marçal é inaugurada. **Na Mira**. São Luís, MA, 26 jun. 2007. Festa Junina. Disponível em: <<http://imirante.com/namira/sao-luis/noticias/2007/06/26/estatua-de-sao-marcal-e-inaugurada.shtml>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

_____. Rotatória do São Francisco recebe monumento. **Imirante.com**. São Luís, MA, 07 nov. 2008a. Monumento. Disponível em: <<http://imirante.com/sao-luis/noticias/2008/11/07/rotatoria-do-sao-francisco-recebe-monumento.shtml>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

_____. Praça localizada na rua Jansen Muller passa por reforma. **Imirante.com**. São Luís, MA, 29 set. 2008b. Reforma. Disponível em: <<http://imirante.com/sao-luis/noticias/2008/09/29/praca-localizada-na-rua-jansen-muller-passa-por-reforma.shtml>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

_____. Estátua em homenagem a São Marçal será inaugurada nesta quinta. **Imirante.com**. São Luís, MA, 28 jun. 2011. Homenagem. Disponível em: <<http://imirante.com/sao-luis/noticias/2011/06/28/estatua-em-homenagem-a-sao-marcal-sera-inaugurada-nesta-quinta.shtml>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

_____. Bandeira Tribuzi: 90 anos. **O Estado**. São Luís, MA, 02 fev. 2017. Alternativo. Disponível em: <<http://imirante.com/oestadoma/noticias/2017/02/02/bandeira-tribuzi-90-anos.shtml>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

JORNAL PEQUENO. São Marçal foi bispo em Limoges, na França. **Jornal Pequeno Online: O Orgão das Multidões**. São Luís, MA, 02 jun. 2009. ano 58. edição 22,987. Cidade. Disponível em: <<https://edicao.jornalpequeno.com.br/impresso/2009/06/02/sao-marcal-foi-bispo-em-limoges-na-franca/>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

JÚNIOR, Itevaldo (Maranhão). Overmundo. **Arte pública em foco**. 2006. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/arte-publica-em-foco>>. Acesso em: 28 maio 2018.

KRUCKEN, Lia. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LACERDA, Bruno. O Imparcial. Pedra da Memória: um monumento desconhecido por muitos. **Portal O Imparcial**. São Luís, MA, 19 maio 2016. História. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cidades/2016/05/pedra-da-memoria-um-monumento-desconhecido-por-muitos/>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

LANNA, Carlos Sodré. Areia transforma-se em pólvora na retomada de São Luís. **Agência Boa Imprensa: Notícias e comentários destinados a órgãos do Brasil e do exterior**. [s.l.]. 12 jul. 2017. Disponível em: <<http://www.abim.inf.br/areia-transforma-se-em-polvora-na-retomada-de-sao-luis/#.WxKdfzQvzIW>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

LIMA, Camila. O Imparcial. Estátuas em São Luís são lembranças que mantêm viva a história da cidade. **Portal O Imparcial**. São Luís, MA, 30 jul. 2017. Memórias. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2017/07/estatuas-em-sao-luis-sao-lembrancas-que-mantem-viva-a-historia-da-cidade/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAIA, Marcos. Design e narrativas: Reflexões contemporâneas. **Blucher Design Proceedings**, [s.l.], v. 4, n. 3, p.302-313, maio 2018. Bienal. Editora Blucher. DOI: 10.5151/cid2017-32. Disponível em: <<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/design-e-narrativas-reflexes-contemporneas-28136>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

MACIEL, Rosilene Conceição; LACERDA, Ana Carolina Godinho de; GUIMARÃES, Letícia Hilário. Design, Identidade e Território: uma proposta de ensino. **Blucher Design Proceedings**, [s.l.], v. 4, n. 3, p.324-334, maio 2018. Bienal. Editora Blucher. DOI: 10.5151/cid2017-28. Disponível em: <<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/design-identidade-e-territorio-uma-proposta-de-ensino-28138>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

MARCHI, Polise Moreira de. Cidade Aumentada: o Patrimônio Cultural no Espaço e no Tempo por meio do Design Digital. In: CARMARGO, Paula de Oliveira; RIBEIRO, Paulo

Eduardo Vidal Leite; FAJARDO, Washington (orgs.). **Design e/é Patrimônio**. Rio de Janeiro: Centro Carioca de Design, 2012, s. 2. cap.7. p. 133-147.

MARINHA DO BRASIL. Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha - DPHDM. **ALMIRANTE TAMANDARÉ**: Marquês de Tamandaré. [20--?]. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/dphdm/historia/almirante-tamandare>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

MARTINS, Dyêgo. Imirante. Sobre a estátua do Duque de Caxias, em São Luís. **O Estado do Maranhão**. São Luís, MA, 21 abr. 2013. Opinião, p. 5. Disponível em: <<http://imirante.com/oestadoma/online/21042013/pdf/P05.PDF>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

MARTINS, Samartony. O Imparcial. Quem são os santos dos festejos juninos? **Portal O Imparcial**. São Luís, MA, 18 jun. 2017. Período Junino. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cultura/2017/06/quem-sao-os-santos-dos-festejos-juninos/>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

_____. O Imparcial. A tradição do Festejo de São Marçal. **Portal O Imparcial**. São Luís, MA, 30 jun. 2017. Encontro dos Bois de Matraca. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2017/06/festejo-de-sao-marcal-deve-reunir-milhares-de-pessoas/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

MELO, Carla. Imirante. Nas asas do grafite. **O Estado**. São Luís, MA, 23 fev. 2016. Alternativo. Disponível em: <<http://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/02/23/nas-asas-do-grafite.shtml>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

MENDONÇA, José Ricardo Costa de; VIANA, Marcilio Freire Tabosa. Entrevista com Foto-Elicitação (EFE): o uso de métodos visuais para o estudo do ambiente físico nas organizações. In: I ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 1., 2007, Recife. Relatório EnEPQ 2007. Recife: Anpad, 2007. v. 1, arquivo independente (pdf), p. 1 - 9. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/ENEPQ367.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2015, ed. 5, p. 5-16.

NASCIMENTO, Douglas (São Paulo). São Paulo Antiga. **Monumento a Duque de Caxias**. 2015. Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/monumento-a-duque-de-caxias/>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

NASCIMENTO, Miria Donadia. O monumento histórico e o sítio: preservação da paisagem e fisionomia dos arredores. In: XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: GUERRA E PAZ, 23., 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História**. Londrina: Editorial Mídia, 2005. p. 1 - 8. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0767.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

NASSIF, Luis. GGN - O Jornal de Todos Os Brasis. A história de Almirante Tamandaré, o patrono da Marinha. **GGN: O Jornal de todos os Brasis**. [s.l], 02 set. 2013. Blog Opinião, p. 00-00. Disponível em: <<https://jornalggm.com.br/blog/luisnassif/a-historia-de-almirante-tamandare-o-patrono-da-marinha>>. Acesso em: 02 abr. 2018

NORONHA, Raquel Gomes; GUIMARÃES, Márcio James Soares; PERPÉTUO, Nayara Chaves Ferreira; FIGUEIREDO, Daniel de Queiroz dos Santos Abreu. Cartografia como percurso projetual: Design a partir da complexidade. **Revista Educação Gráfica**, [s.l.], v. 2, n. 21, p.216-231, abr. 2017. Mensal. ISSN 2179-7374. Disponível em: <<http://www.educacaografica.inf.br/artigos/cartografia-como-percurso-projetual-design-a-partir-da-complexidade-cartography-as-a-project-pathway-design-from-complexity>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

NORONHA, Raquel. 21 set. 2015. 20slides. Material apresentado ao VI Ateliê Internacional de Criação Urbana - EQUINOX, UEMA. São Luís.

NOSSA SAGRADA FAMÍLIA (São Paulo). **Conheça a história de São Cristóvão**. [201-]. Disponível em: <<https://www.nossasagradafamilia.com.br/conteudo/conheca-a-historia-de-sao-cristovao.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

O ESTADO DO MARANHÃO. Imirante. Umbandistas realizarão procissão dia 8 em SL. **Imirante.com**. São Luís, MA. 05 set. 2008. Disponível em: <<http://imirante.com/sao-luis/noticias/2008/09/05/umbandistas-realizarao-procissao-dia-8-em-sl.shtml>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

_____. Imirante. Sem cuidados, monumentos de São Luís estão se deteriorando. **O Estado**. São Luís, MA, 04 mar. 2016. Conservação. Disponível em: <<http://imirante.com/mobile/oestadoma/noticias/2016/03/04/sem-cuidados-monumentos-de-sao-luis-estao-se-deteriorando.shtml>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

_____. Imirante. Após denúncia de O Estado, monumento passa por reforma. **O Estado**. São Luís, MA. 01 abr. 2017. Disponível em: <<http://imirante.com/mobile/oestadoma/noticias/2017/04/01/apos-denuncia-de-o-estado-monumento-passa-por-reforma.shtml>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

O IMPARCIAL. Saiba como surgiu o bairro Anjo da Guarda. **Portal O Imparcial**. São Luís, MA, 04 set. 2015a. Itaquí Bacanga. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2015/09/saiba-como-surgiu-o-bairro-anjo-da-guarda/>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

_____. Conheça curiosidades sobre alguns dos monumentos de São Luís. **Portal O Imparcial**. São Luís, MA, 06 nov. 2015b. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cidades/2015/11/conheca-curiosidades-sobre-alguns-dos-monumentos-de-sao-luis/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

O. JUNIOR, Abel Tolentino de. Loja Maçônica Luz no Horizonte. **Monumentos Maçônicos**. 2017. Disponível em: <<http://www.masonic.com.br/monumentos/>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

PORTAL GUARÁ. TV Guarará. **Confira a programação do Festejo da Igreja São Luís Rei de França**. 2016. Disponível em: <<https://www.portalguara.com/noticias/maranhao/item/22395-confira-a-programacao-do-festejo-da-igreja-sao-luis-rei-de-franca>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

PORTELA, Imaíra; ANASTASSAKIS, Zoy. Sobre design e patrimônio cultural: o material e o simbólico em torno do Bumba-meu-boi em exposição na Casa do Maranhão. In: SPGD 2015 - 1º SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN DA ESDI, 1., 2015, Rio de

Janeiro. Anais do 1º **Simpósio de Pós-Graduação em Design da ESDI**. Rio de Janeiro: Esdi, 2015. p. 247 - 255. Disponível em: <<https://bit.ly/anaisSPGD2015>>. Acesso em: 10 nov. 2017

PORTELA, Raiama Lima; NORONHA, Raquel Gomes; ARAÚJO, Mariana; ABOUD, Camila; SOUZA, Frank. Design, gênero e metaprojeto: a construção de uma ferramenta para fotoelicitação em uma comunidade artesã. **Blucher Design Proceedings**, [s.l.], v. 4, n. 3, p.366-379, maio 2018. Biental. Editora Blucher. DOI: 10.5151/cid2017-32. Disponível em: <<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/design-gnero-e-metaprojeto-a-construo-de-uma-ferramenta-para-fotoelicita0-em-uma-comunidade-artes-28142>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

PREFEITURA DE SÃO LUÍS. A Prefeitura. 2015. Menu lateral 'Estrutura de Gover Municipal'. Disponível em: <<https://www.saoluis.ma.gov.br/orgao.asp>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

PRIBERAM. Outeiro. In: DICIONÁRIO, Priberam da Língua Portuguesa. **Priberam**. [s.l.], 2017. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/outeiros>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

REPÓRTER Mirante. Direção de TV Mirante. Produção de Regina Sousa, Olívia Franse. São Luís: Mirante, 2018. Mídia digital online (25 min.), Digital, son., color. 10min30 - 12min30. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/ma/tvmirante/reportermirante/videos/t/edicoes/v/reporter-mirante-conta-a-historia-dos-monumentos-de-sao-luis/6605934/>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

RIBEIRO, Geyza Antônia de Souza; SANTOS, Saulo Ribeiro dos; SANTOS, Protásio César dos. Turismo e Cultura: Percepção dos Ludovicenses sobre a identidade cultural da cidade de São Luís (MA). **Revista Turismo: Visão e Ação**. [s.l.], v.16, n. 3, p. 509-543, set. 2014. Eletrônica. Quadrimestral. ISSN: 1983-7151,. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/7740>>. Acessado em: 24 ago/2017.

S LUÍS REI DE FRANÇA ANGELIM. Facebook. **Perfil de Usuário no Facebook**. [20--]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saoluisreidefrancaangelim>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

SOARES, Jessica. 7 manifestações que tomaram as ruas do Brasil. **Super Interessante**, São Paulo, 17 jun. 2013. Grupo Abril. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/superlistas/7-manifestacoes-que-tomaram-as-ruas-do-brasil/>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

SOUZA, Rainer Gonçalves. Brasil Escola. **Revolta de Beckman**. [20--]. UOL: O melhor do conteúdo. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/revolta-beckman.htm>>. Acesso em: 27 out. 2017.

TV MIRANTE. G1 - O Portal de Notícias da Globo. Historiador descobre o mais antigo monumento de São Luís. **G1: Maranhão**. [s.l.]. 15 out. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2014/10/historiador-descobre-o-mais-antigo-monumento-de-sao-luis.html>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

_____. G1 - O Portal de Notícias da Globo. Antiga locomotiva passa por processo de restauração em São Luís. **G1: Maranhão**. [s.l.]. 10 maio 2016. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2016/05/antiga-locomotiva-passa-por-processo-de-restauracao-em-sao-luis.html>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

VALE, Paulo Sá. **São Luís e o mito da falta de planejamento urbano**. 2018. Página Caos Planejado. Disponível em: <<https://caosplanejado.com/sao-luis-mito-falta-planejamento-urbano/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

VALPORTO, Robert W. Após denúncia de O Estado, locomotiva é protegida. **O Estado**. São Luís, MA, 31 jan. 2018. Cidades. Disponível em: <<http://imirante.com/oestadoma/noticias/2018/01/31/apos-denuncia-de-o-estado-locomotiva-e-protegida.shtml>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

VIANA, Sandra. O Imparcial. Período junino tem festa para quatro santos em São Luís. **Portal O Imparcial**. São Luís, MA, 21 jun. 2015. Festejos Juninos. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cidades/2015/06/periodo-junino-tem-festa-para-quatro-santos-em-sao-luis/>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

VIANNA, Maurício; VIANNA, Ysmar; Adler, Isabel K.; LUCENA, Brenda; RUSSO, Beatriz. **Design Thinking: Inovação em Negócios**. Rio de Janeiro: MJV Press, 2012. 162 p. ISBN 978-85-65424-00-4. Disponível em: <https://cdn2.hubspot.net/hubfs/455690/Ofertas/E-books/Arquivos/Livro_Design_Thinking_-_Inovao_Negcios.pdf>. Acesso em: 29 out. 2017.

WIKIPÉDIA. QR Code. In: WIKIPÉDIA. Wikipédia: A enciclopédia livre. [s.l]: Internacional, 2018. Creative Commons. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Código_QR>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BIBLIOGRAFIA E SITES CONSULTADOS

ANASTASSAKIS, Zoy; KUSCHNIR, Elisa Nóbrega. **Trazendo o *design* de volta à vida:** considerações antropológicas informadas sobre as implicações sociais do *design*.

AQUINO, Felipe. Editora Cléofas. **Testamento de São Luís, rei da França, a seu filho.** São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://cleofas.com.br/testamento-de-sao-luiz-rei-da-franca-a-seu-filho-2/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

BRANCAGLION, Ricardo Luiz. **Equipamentos Urbanos, Design e Identidade Sócio-cultural:** Análise e proposta para a Cidade do Núcleo Bandeirante no DF. 2006. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/3756>>. Acessado em:

BRASIL. Governo do Brasil. **Conheça as diferenças entre patrimônios materiais e imateriais.** Cultura. Publicado em 31 out/2009. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/10/conheca-as-diferencas-entre-patrimonios-materiais-e-imateriais>>. Acessado em: 19 out/2017.

_____. Plenarinho. Câmara dos Deputados. **Marquês de Tamandaré.** 2017. Disponível em: <<https://plenarinho.leg.br/index.php/2017/02/07/marques-de-tamandare/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

CAIXETA, Juliana Eugênia; BARBATO, Silviane. Imagens fotográficas no estudo do conceito mulher. **Cadernos do Ceam.** Oralidade e Outras Linguagens. Universidade de Brasília – UnB. ANO IV, nº 15, dezembro de 2004, p. 63-75.

CATÁLOGO DAS ARTES. **Artista:** Cordeiro do Maranhão - Francisco das Chagas Cordeiro de Almeida. [20--]. Disponível em: <<https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Cordeiro-do-Maranhão-Francisco-das-Chagas-Cordeiro-de-Almeida/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

D'AGOSTINO, Rosanne; ARAÚJO, Glauco. Morre o carnavalesco Joãozinho Trinta. **G1: Brasil.** São Paulo, 17 dez. 2011. Notícias, p. 0-0. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/12/morre-o-carnavalesco-joaosinho-trinta.html>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

FORMIGA, Eliana. Símbolos Gráficos: Métodos de avaliação de compreensão. São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda., 2011.

FRAZÃO, Dilva. Ebiografia. **Tamandaré:** Militar da Marinha do Brasil. 2016. Disponível em: <<https://www.ebiografia.com/tamandare/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

FREITAS, Jessica Lopes; LEITE, Ronymax Mendes. Patrimônio material de Alcântara (MA). Artigo Científico. Hotelaria. **Portal da Educação.** 2013. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/patrimonio-material-de-alcantara-ma/48651>>. Acessado em: 19 out/2017.

GÓES, Maria Cecília Rafael; CRUZ, Maria Nazaré. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. Pro-posições, Campinas, v. 17, n. 2, p.31-45, maio 2006. Quadrimestral. ISSN 1980-6248. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643627>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

GOVERNO DO MARANHÃO. Agência de Notícias. **Flávio Dino inaugura praça Joãozinho Trinta em homenagem a carnavalesco maranhense**. 2018. Seção Desenvolvimento. Disponível em:

<<http://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/desenvolvimento/flavio-dino-inaugura-praca-joaosinho-trinta-em-homenagem-a-carnavalesco-maranhense>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil/Maranhão/São Luís: Panorama estatístico**. 2010. ed. Rio de Janeiro: Ibge, 2010. (Cidades IBGE). Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis/panorama>>. Acesso em: 04 dez. 2017.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Material**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acessado em: 19 out/2017.

_____. **Bens Tombados**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>>. Acessado: 19 out/2017.

_____. **Superintendência do Iphan no Maranhão**. Carrossel. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/ma>>. Acessado em: 19 out/2017.

_____. **Bens Tombados e Processos de Tombamento em andamento**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/2016-11-25_Lista_Bens_Tombados.pdf>. Acessado em: 26 out/2017.

JOCK DEAN. Imirante. João Paulo, um dos primeiros centros comerciais de São Luís. **O Estado do Maranhão: Cidades**. São Luís, MA, 25 jan. 2015. Especial - Bairros Tradicionais. Disponível em: <<http://imirante.com/oestadoma/online/25012015/pdf/C01.PDF>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

JORNAL PEQUENO ONLINE. Jornal Pequeno. Escultor de obra da Litorânea cobra R\$ 40 mil de construtora. **Jornal Pequeno Online: O órgão das multidões**. São Luís, MA. 19 nov. 2008. Disponível em: <<https://edicao.jornalpequeno.com.br/impresso/2008/11/19/escultor-de-obra-da-litoranea-cobra-r-40-mil-de-construtora/>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

LOCOMOTIVA. In: WIKIPÉDIA. **Wikipédia: a enciclopédia livre**. Brasil (PT): Online, 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Locomotiva>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

MA10. Sistema Difusora de Comunicação. Sem cuidados, monumento da Praça dos Pescadores pode ser destruído. **Ma10 - Sempre Notícia**. São Luís, MA, 14 abr. 2016. Notícias. Disponível em: <<http://www.ma10.com.br/2016/04/14/sem-cuidados-monumento-da-praca-dos-pescadores-pode-ser-destruido/>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

MAIA, Marcos. Design e narrativas: Reflexões contemporâneas. **Blucher Design Proceedings**, [s.l.], v. 4, n. 3, p.302-313, maio 2018. Biental. Editora Blucher. DOI: 10.5151/cid2017-26. Disponível em: <<https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/design-e-narrativas-reflexes-contemporneas-28136>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

NORONHA, Raquel. **No coração da Praia Grande**: Representações sobre a noção de patrimônio na Feira da Praia Grande - São Luís – Maranhão. São Luís: EdUFMA, 2015.

NORONHA, Raquel; OLIVEIRA, Hamilton; ANDRADE, Camila (org.). A cultura afro-maranhense através de imagens. 2. **Série Iconografias do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2009.

RFFSA - Inventariança da Extinta Rede Ferroviária Federal S.A. **Histórico**. [ca 2007]. Disponível em: <<https://www.rffsa.gov.br>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO LUÍS. In: WIKIPÉDIA. **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Brasil (PT): Online, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Região_Metropolitana_de_São_Luís>. Acesso em: 02 abr. 2018.

NORONHA, Raquel (org.). **Identidade é valor**: as cadeias produtivas do artesanato de Alcântara. Série Iconografias do maranhão. São Luís: EDUFMA, 2011.

O ESTADO DO MARANHÃO. Imirante. Sem cuidados, monumentos de São Luís estão se deteriorando. **O Estado**. São Luís, MA, 04 mar. 2016. Conservação. Disponível em: <<http://imirante.com/mobile/oestadoma/noticias/2016/03/04/sem-cuidados-monumentos-de-sao-luis-estao-se-deteriorando.shtml>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

O IMPARCIAL. Praça Duque de Caxias é revitalizada por meio de parceira. **Portal O Imparcial**. São Luís, 05 maio 2015. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cidades/2015/05/praca-duque-de-caxias-e-revitalizada-por-meio-de-parceria/>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

OLIVEIRA, Inês C. M. de; MARQUES, Antônio M. D. R.; GUEDES, Maria da Graça P. R.. Design Social para valorização de uma identidade local: Design de Sistemas sociais. In: 3º CONGRESSO INTERNACIONAL DE MODA E DESIGN - CIMODE 2016, 3., 2016, Buenos Aires. **Proceedings CIMODE 2016 3º Congresso Internacional de Moda e Design**. Buenos Aires: Cimode, 2016. p. 3606 - 3619. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/41799/1/CIMODE2016_ProceedingsArtigo3.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

PAES, Larisa. Considerações sobre Cidade, Design e Identidade. **Revista Lugar Comum**: estudos de mídia, cultura e democracia, Rio de Janeiro, n. 46, p.111-118, maio 2016. Quadrimestral. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/1463585557LCCConsiderações_sobre_cidade,_design_e_identidade_-_Larisa_Paes.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

PESSOA, Gerisval A. **Notas de aula da disciplina PDCA e Seis sigma**: metodologia e ferramentas da qualidade. São Luís: FAMA, 2010. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABg2wAH/ferramentas-gestao-qualidade-diagrama-afinidades>>. Acesso em 27 mar. 2018.

PINHEIRO, Luisa; VIVIANI, Oswaldo. Antiga sede de delegacias de polícia vai virar centro cultural. **Jornal Pequeno Online: o órgão das multidões**. São Luís, MA, 21 dez. 2014. Ano 63, ed. 24,971. Cidade. Disponível em:

<<https://edicao.jornalpequeno.com.br/impresso/2014/12/21/antiga-sede-de-delegacias-de-policia-vai-virar-centro-cultural/>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

PRIBERAM. Monumento. In: DICIONÁRIO, Priberam da Língua Portuguesa. **Priberam**. [s.l.], 2017. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/monumento>>. Acesso em: 27 out. 2017.

RÊGO, Dalva. TV Mirante. Acervo Arquitetônico de São Luís enriquece patrimônio histórico. **G1 Maranhão**. Notícias. Publicado 05 set. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/09/acervo-arquitetonico-de-sao-luis-enriquece-patrimonio-historico.html>>. Acessado em: 19 out/2017.

REIS, Shayenne Resende. Um olhar do design gráfico sobre memória, efêmeros e afeto: delineando a memória gráfica brasileira. In: VIII SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ARTE E CULTURA VISUAL, 8., 2015, Goiânia, Go. **Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos**. Goiânia: Ufg/ Núcleo Editorial Fav, 2015. p. 242 - 252. Disponível em: <https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2015.GT1_sheyennereis.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2018.

RIBEIRO, Juliana. O Imparcial. 30 experiências imperdíveis para ter em São Luís. **Portal O Imparcial**. São Luís, 21 abr. 2018. Dicas, p. 1-1. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2018/04/30-experiencias-imperdiveis-para-ter-em-sao-luis/3/>>. Acesso em: 3 jun. 2018.

SANTOS, Saulo Ribeiro dos; RIBEIRO, Geyza Antônia de Souza; SANTOS, Protásio César dos. Percepção dos Ludovicenses sobre a Identidade Cultural da Cidade de São Luís (MA). In: VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL - SEMINTUR, 7., 2012, Caxias do Sul, Rg. **Anais do VII Seminário de pesquisa em turismo do Mercosul - SEMINTUR: Turismo e Paisagem - relação complexa**. Caxias do Sul: Semintur, 2012. p. 1 - 15. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/02/13_Santos_Ribeiro_Santos_Moraes.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

SAORI, Naldo. **Facebook**. [20--]. Disponível em: <<https://www.facebook.com/naldo.crew>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

_____. **Instagram**. [20--]. Disponível em: <https://www.instagram.com/naldo_saori/>. Acesso em: 03 dez. 2017.

SECTUR - Secretaria de Estado da Cultura e Turismo. **Governo do Maranhão. Memorial faz homenagem aos 90 anos de Bandeira Tribuzi**. 2017. Disponível em: <<http://www.sectur.ma.gov.br/2017/02/06/memorial-faz-homenagem-aos-90-anos-de-bandeira-tribuzi/#.WxK3YjQvzIV>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

_____. **Governo do Maranhão**. Nosso Maranhão. [2015?]. Disponível em: <<http://www.sectur.ma.gov.br/maranhao-de-todos-nos/#.WyvaM9JKjIW>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

_____. **Governo do Maranhão**. São Luis / Alcântara: São Luis. [2015?]. Disponível em: <<http://www.turismo.ma.gov.br/roteiro-sao-luis/>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

_____. **Governo do Maranhão**. Turismo Cultural. [2015?]. Disponível em: <<http://www.sectur.ma.gov.br/turismo-cultural/#.Wyva0dJKjIW>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

SOARES, Zeca. **Edivaldo entrega Praça do Pescador**. 2016. Vinculado ao blog d'O Estado do Maranhão. Disponível em: <<https://www.blogsoestado.com/zecasoares/2016/06/19/edivaldo-entrega-praca-do-pescador/>>. Acesso em: 02 dez. 2017.

VIEIRA, Juliana. Imirante. O que está por trás das lendas que povoam o imaginário em São Luís. **O Estado**. São Luís, MA, 08 set. 2016. História. Disponível em: <<http://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/09/08/o-que-esta-por-tras-das-lendas-que-povoam-o-imaginario-em-sao-luis.shtml>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

TAROUCO, Fabricio. **Identidade Territorial: Estratégias de design para valorização de Santo Ângelo**. 2011. 211 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Design, Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/FabricioTaroucoDesign.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

TAVARES, Marcelo Góes. O Santo e a Serpente: imagens e sentidos na (re)construção de experiências históricas. **Cadernos do Ceam**. Oralidade e Outras Linguagens. Universidade de Brasília – UnB. ANO IV, nº 15, dezembro de 2004, p.113-122.

TRIPADVISOR (Comp.). **O que fazer: São Luís, MA**. 2018. Site internacional da comunidade de turistas. Compartilhamento de experiências. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g673267-Activities-Sao_Luis_State_of_Maranhao.html#ATTRACTION_SORT_WRAPPER>. Acesso em: 16 nov. 2017.

UNESCO - United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization. **Historic Centre of São Luís**. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/821>>. Acessado: 19 out/2017.

VIAGEM E TURISMO. Grupo Abril Mídias S/a. **São Luís**. [20--?]. Disponível em: <<https://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/sao-luis-2/>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

VILHENA, Pedro. **“Souzinha”, o Maior Matemático da História do Brasil**. 2010. Blog ‘Conhecimento Infinito’ (wordpress). Disponível em: <<https://conhecimentoinfinito.wordpress.com/2010/10/29/souzinha-matematico/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

VISITE O BRASIL. **Visite São Luis**. [20--]. Disponível em: <<https://www.visiteobrasil.com.br/nordeste/maranhao/capital/sao-luis>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

APÊNDICE A – Lista de elementos identificados em pesquisas

1. DOS EXISTENTES - citados nas pesquisas

Roque Santeiro: por Luigi Dovera, na rotatória do Roque Santeiro, Bequimão.

Bustos do Panteão Maranhense: guardados no Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM), por depredações sucessivas, são dezesseis (16) bustos de personalidades maranhenses. Gomes de Castro, Teixeira Mendes, Urbano Santos, Maria Firmina dos Reis, Bandeira Tribuzi, Arnaldo Ferreira, Silva Maia, Coelho Neto, Gomes de Sousa, Clodoaldo Cardoso, Henrique Leal, Arthur Azevedo, Corrêa de Araújo, Raimundo Correia, Dunshee de Abranches e Nascimento Moraes.

Mãe d'Água: por Newton Sá, no chafariz em frente a Igreja da Sé, Praça Dom Pedro II, Centro Histórico.

Fonte do Ribeirão: por portugueses, no Centro Histórico

FONTES:

1 – FURTADO, Luis. O Imparcial. Esculturas são retiradas de locais públicos para evitar depredação. **Portal O Imparcial**. São Luís, MA, 04 abr. 2017. Pedacos da História. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cultura/2017/04/esculturas-sao-retiradas-de-locais-publicos-para-evitar-depredacao/>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

2 - G1. Monumentos históricos são retirados do Centro histórico de São Luís, MA. **G1 Maranhão**. [s.l]. 04 jan. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2017/01/monumentos-historicos-sao-retirados-do-centro-historico-de-sao-luis-ma.html>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

Pirâmide de Beckman: na Praça 15 de Novembro (Praça Manoel Beckman), Beira Mar

Fonte das Pedras: por holandeses, Rua da Inveja, Mercado Central

Pedra da Memória: no Cais da Sagração, Praia Grande.

Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória: na Avenida Jerônimo de Albuquerque, Vinhais.

FONTE: O IMPARCIAL. Conheça curiosidades sobre alguns dos monumentos de São Luís. **Portal O Imparcial**. São Luís, MA, 06 nov. 2015. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cidades/2015/11/conheca-curiosidades-sobre-alguns-dos-monumentos-de-sao-luis/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

Duque de Caxias: na Praça Duque de Caxias, João Paulo.

Almirante de Tamandaré: mirante do forte da Beira Mar, próximo à Praça Maria Aragão, Beira Mar

FONTE: LIMA, Camila. O Imparcial. Estátuas em São Luís são lembranças quem mantêm viva a história da cidade. **Portal O Imparcial**. São Luís. 30 jul. 2017. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2017/07/estatuas-em-sao-luis-sao-lembrancas-que-mantem-viva-a-historia-da-cidade/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

Velas da Lagoa: no viva da Lagoa da Jansen, Av. dos Holandeses, Ponta d'Areia

Os pescadores: Praça do Pescador, Av. Litorânea, Praia de São Marcos.

Monumento dos Sabiás: entrada da cidade, BR 135.

Relógio do Largo do Carmo: Largo do Carmo, ao lado da Praça João Lisboa, Centro Histórico.

FONTE: TV MIRANTE. G1 - O Portal de Notícias da Globo. Monumentos históricos de São Luís estão mal conservados. **G1 Maranhão**. [s.l.]. 07 mar. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2013/03/monumentos-historicos-de-sao-luis-estao-em-mal-conservados.html>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

Índio Tibira Gay: Rampa de acesso do Forte, Praia Grande

FONTE: GUIA GAY (São Paulo). **Índio gay: 1ª vítima de homofobia no Brasil ganha monumento no MA**. 2016. Disponível em: <<http://www.guiagaysaopaulo.com.br/noticias/cidadania/indio-gay-1-vitima-de-homofobia-no-brasil-ganha-monumento-no-ma>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

Capelinha do Forte de Santo Antônio: Av. Jackson K. Lago, Ponta d'Areia.

Frades de Pedra: Em vários lugares do Centro Histórico.

Monumento à João Lisboa: Praça João Lisboa, Largo do Carmo, Centro Histórico.

Monumento à Gonçalves Dias: Praça Gonçalves Dias, Beira Mar.

Outeiro da Cruz: próximo ao Viaduto do Café, Outeiro da Cruz.

Leões do Palácio dos Leões: Palácio dos Leões, Praça Dom Pedro II, Centro Histórico.

Monumento à Benedito Leite: Praça Benedito Leite, ao lado da Igreja da Sé, Centro Histórico.

FONTE: BUENO, Barbara Izadora. **Monumentos históricos do Maranhão: Atualização, revisão e análise crítica - 1979 à 2015**. 2015. 127 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2015. Disponível em: <https://issuu.com/barbaraizadorabueno/docs/livro_tcc>. Acesso em: 03 dez. 2017.

Contentor de Água: Paradas do Anel Viário, em frente as barracas/bares, Anel Viário.

Mural da Praça da Ressurreição: por Airton Marinho e Edson Mondego, no Viva do Anjo da Guarda, Anjo da Guarda

FONTE: O ESTADO DO MARANHÃO. Imirante. Sem cuidados, monumentos de São Luís estão se deteriorando. **O Estado**. São Luís, MA, 04 mar. 2016. Conservação. Disponível em: <<http://imirante.com/mobile/oestadoma/noticias/2016/03/04/sem-cuidados-monumentos-de-sao-luis-estao-se-deteriorando.shtml>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

Leões Luis XIII: Avenida Jerônimo de Albuquerque, Cohafuma, próximo à Potiguar.

Águia do Calhau: Avenida Litorânea.

Escultura Folhas de Palmeira: Rotatória do São Francisco, Av. Colares Moreira.

Foguete da Ilhinha: Av. Ferreira Goulart/Litorânea, Ilhinha.

Jacarécornio: Avenida Litorânea, Praia de São Marcos.

FONTE: GAIOSO, Hendrick. Imirante. Conheça alguns PokéStops localizados em São Luís. **Na Mira**. São Luís, MA, 06 ago. 2016. Pokémon Go. Disponível em: <<http://imirante.com/namira/sao-luis/noticias/2016/08/06/conheca-alguns-pokestops-localizados-em-sao-luis.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Monumento à Odorico Mendes: Rua Rio Branco, Centro.

FONTE: O ESTADO DO MARANHÃO. Imirante. Falta de conservação atinge monumentos históricos na capital. **O Estado**. São Luís, MA, 29 nov. 2016. Cidades. Disponível em: <<http://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/11/29/falta-de-conservacao-atinge-monumentos-historicos-na-capital.shtml>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Momento à D. Francisco de Paula e Silva, Bispo do Maranhão: por Newton Sá, em 1929; em frente ao Palácio Arquiepiscopal (Museu de Arte Sacra, ao lado da Igreja da Sé), Centro Histórico

FONTE: BORRALHO, José Henrique de Paula (Maranhão). Instituto de História e Geografia do Maranhão (IGHM): Patrimônio, Memória e História como princípios de perpetuação da imagem de um Maranhão grandioso. **Patrimônio e Memória:** Revista Eletrônica do CEDAP - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa, Assis, SP, v. 7, n. 1, p.19-37, jun. 2011. Semestral. UNESP – FCLAs – CEDAP. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/58/58>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

2. DOS PERCEBIDOS NA CIDADE – campos da pesquisa/projeto

Anjo da Guarda: Praça do Ano, entrada ao Anjo da Guarda, Anjo da Guarda.

São Luís Rei de França: Saída/Entrada de São Luís, São Cristóvão, próximo à Polícia Militar Rodoviária.

Barco à vela metálico: Rotatória do Caólho.

Guarnicê de São Marçal: Rotatória do João Paulo.

São Marçal: Praça Ivar Saldanha, João Paulo.

São Cristóvão: antiga rotatória do Jardim São Cristóvão, em frente igreja.

Tótem aos pregoeiros: Posto de Gasolina, Alemanha.

Tótem do Jaracaty: Jaracaty, próximo ao Banco do Brasil.

Tótem da Ponte Bandeira Tribuzi: Ponte Bandeira Tribuzi, Camboa.

Marco Maçônico: Retorno do Aeroporto, São Cristóvão.

Os dez mandamentos: Praça da Bíblia, Coreia, Av. Kenedy.

Duende das Pedras: Avenida Vitorino Freire, retorno da Areinha/Africanos.

O Pescador: Praça do Pescador, Portinho.

Azulejaria metálica: Rotatória do Olho d'Água.

Monumento aos 350 anos de São Luís: Beira Mar.

Miguel Vieira Ferreira: Rotatória do Anel Viário.

Pirâmides de São Luís: Diversos pontos de São Luís.

Amorilhos: Diversos pontos de São Luís.

Tótems com mosaicos de cerâmica e pinturas: Por toda extensão da Praia de São Marcos, Av. Litorânea.

O Lavrador: Praça do Trabalhador, paradas do Anel Viário, Anel Viário.

Enquadramento em concreto: Praia do Calhau.

Busto de Frei Carlos Roveda: Largo do Carmo, próximo ao relógio, Centro Histórico.

3. DOS DESAPARECIDOS - citados nas pesquisas

Iemanjá: Praia do Olho d'Água. “De lá para cá ocorre todos os anos na praia do Olho d'Água, onde foi erguida uma grande estátua de Iemanjá, representada como uma jovem de pele clara e cabelos lisos.” (p. 3)

FONTE: FERRETTI, Mundicarmo. 31 de dezembro: Dia de Festa no Mar. In: CMF - COMISSÃO MARANHENSE DE FOLCLORE (Maranhão). Secretaria do Estado da Cultura (Org.). **Boletim da CMF**. n.15. São Luís: CMF, 1999. p.3. Versão para a internet: Oscar Adelino Costa Neto. Disponível em:

<<http://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/a21158a1dead3cae48364e94c6a1a61a.pdf>>.
Acesso em: 02 abr. 2018.

Águia que pousa: Praça Belfort Vieira, em frente a sede da Capitania dos Portos.

FONTES:

Versão 1 - FURTADO, Luis. O Imparcial. Esculturas são retiradas de locais públicos para evitar depredação. **Portal O Imparcial**. São Luís, MA, 04 abr. 2017. Pedacos da História. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cultura/2017/04/esculturas-sao-retiradas-de-locais-publicos-para-evitar-depredacao/>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

Versão 2 - JÚNIOR, Itervaldo (Maranhão). Overmundo. **Arte pública em foco**. 2006. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/arte-publica-em-foco>>. Acesso em: 28 maio 2018.

Busto do Almirante Tamandaré: Próximo ao 24º Batalhão de Infantaria de Selva/Caçadores. Transferido para Imperatriz.

Busto de Sotero dos Reis: Por Newton Sá, na Praça Dom Pedro II.

Romeiros de Ribamar: por Antônio Almeida, no retorno da Forquilha.

Anjo da Guarda [original]: por Luigi Dovera, na Praça do Anjo da Guarda.

Sereia: por Luigi Dovera, na Ponta D'Areia.

Busto de Santos Dumont: por Leonardo Lima, no pátio externo do Aeroporto da cidade.

FONTE: JÚNIOR, Itervaldo (Maranhão). Overmundo. **Arte pública em foco**. 2006. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/arte-publica-em-foco>>. Acesso em: 28 maio 2018.

APÊNDICE B – Quadro com todas respostas do Painel I (virtual) da Ludoprovação (CAMPO II)

Nº	Qual das imagens mais desperta sua curiosidade?	Qual das imagens anteriores você acredita que [mais] revela histórias de São Luís?
1	09 - Os três pescadores	09 - Os Três Pescadores
2	22 - Pedra da Memória	23 - Almirante de Tamandaré
3	09 - Os três pescadores	06 - Vagão REFFSA
4	21 - Amorrinho	9 - Os Três Pescadores, 12 - Tótem dos trabalhadores, 17 - Duque de Caxias, 22 - Pedra da Memória, 27 - Jerônimo e N.Sra da Vitória
5	21 - Amorrinho	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
6	12 - Tótem dos Trabalhadores	17 - Duque de Caxias
7	09 - Os três pescadores	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
8	12 - Tótem dos Trabalhadores	09 - Os Três Pescadores
9	09 - Os três pescadores	09 - Os Três Pescadores
10	27 - Jerônimo e N.Sra Vitória	22 - Pedra da Memória
11	09 - Os três pescadores	09 - Os Três Pescadores
12	06 - Vagão REFFSA	18 - Guarnicê de São Marçal
13	06 - Vagão REFFSA	06 - Vagão REFFSA
14	04 - Pirâmide de Beckman	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
15	18 - Guarnicê de São Marçal	16 - Outeiro da Cruz
16	04 - Pirâmide de Beckman	04 - Pirâmide de Beckman - pois lá na verdade era um Pelourinho.
17	06 - Vagão REFFSA	06 - Vagão REFFSA
18	06 - Vagão REFFSA	17 - Duque de Caxias
19	09 - Os três pescadores	09 - Os Três Pescadores
20	11 - Tótem do Banco do Brasil	09 - Os Três Pescadores
21	18 - Guarnicê de São Marçal	18 - Guarnicê de São Marçal - A estátua de São Marçal embora não seja esteticamente a mais bonita, é um monumento que quando vejo lembro dos encontros de bois de matraca que acontece todo ano no João Paulo. Acredito que o lugar e a representação do santo nos integram a esse acontecimento tão marcante da nossa cultura popular.
22	06 - Vagão REFFSA	06 - Vagão REFFSA
23	28 - Abstrata do São Francisco	Sinceramente [?]
24	09 - Os três pescadores	09 - Os Três Pescadores
25	16 - Outeiro da Cruz	17 - Duque de Caxias
26	06 - Vagão REFFSA	12 - Tótem dos Trabalhadores

27	27 - Jerônimo e N.Sra Vitória	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque justamente por ter aprendido desde criança sobre a invasão francesa no Maranhão e sempre ter no imaginário como seria a batalha em si. E boa parte do meu próprio subconsciente sempre projetava o acontecido baseado nessa estátua desde que a vi quando criança.
28	12 - Tótem dos Trabalhadores	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
29	14 - Ludobelisco/Pirâmide	25 - Azulejaria de metal
30	09 - Os três pescadores	09 - Os Três Pescadores
31	27 - Jerônimo e N.Sra Vitória	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
32	17 - Duque de Caxias	18 - Guarnicê de São Marçal
33	22 - Pedra da Memória	09 - Os Três Pescadores
34	06 - Vagão REFFSA	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
35	06 - Vagão REFFSA	09 - Os Três Pescadores
36	28 - Abstrata do São Francisco	25 - Azulejaria de metal
37	04 - Pirâmide de Beckman	04 - Pirâmide de Beckman
38	10 - Tótem da Bandeira Tribuzzi	04 - Pirâmide de Beckman
39	17 - Duque de Caxias	04 - Pirâmide de Beckman
40	07 - Pedra a Gomes de Sousa	16 - Outeiro da Cruz
41	17 - Duque de Caxias	17 - Duque de Caxias
42	01 - O Pescador	06 - Vagão RFFSA
43	06 - Vagão REFFSA	22 - Pedra da Memória - De certa forma, todas representam muito a história de São Luís, cada uma em seu contexto, mas acredito que, escolhendo só uma, a 22 é a que representa a cidade.
44	20 - Duende Excalibur	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
45	09 - Os três pescadores	09 - Os Três Pescadores
46	27 - Jerônimo e N.Sra Vitória	1 - O Pescador, 6 - Vagão REFFSA, 8 - Velas da Lagoa, 09 - Os Três Pescadores
47	12 - Tótem dos Trabalhadores	16 - Outeiro da Cruz
48	07 - Pedra a Gomes de Sousa	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
49	24 - Anjo da Guarda	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
50	16 - Outeiro da Cruz	18 - Guarnicê de São Marçal
51	09 - Os três pescadores	03 - São Marçal Limoges
52	21 - Amorilho	04 - Pirâmide de Beckman
53	06 - Vagão REFFSA	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
54	09 - Os três pescadores	16 - Outeiro da Cruz

55	27 - Jerônimo e N.Sra Vitória	17 - Duque de Caxias
56	27 - Jerônimo e N.Sra Vitória	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
57	25 - Azulejaria de metal	Da Pra [?]
58	02 - Justa Medida (G)	18 - Guarnicê de São Marçal
59	12 - Tótem dos Trabalhadores	01 - O Pescador - Creio que a 01 (ou qualquer uma que envolva pescadores)
60	09 - Os três pescadores	09 - Os Três Pescadores
61	02 - Justa Medida (G)	01 - O Pescador
62	21 - Amorilho	09 - Os Três Pescadores
63	09 - Os três pescadores	08 - Velas da Lagoa - pois faz referência a um tipo de embarcação que é Patrimônio Cultural Brasileiro
64	22 - Pedra da Memória	22 - Pedra da Memória
65	01 - O Pescador	01 - O Pescador
66	20 - Duende Excalibur	20 - Porque há uma intervenção sobre a obra assim permitindo camadas de releitura, tanto temporal como semântica
67	27 - Jerônimo e N.Sra Vitória	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
68	06 - Vagão REFFSA	06 - Vagão RFFSA
69	20 - Duende Excalibur	07 - Pedra a Gomes de Sousa
70	12 - Tótem dos Trabalhadores	12 - Tótem dos Trabalhadores
71	24 - Anjo da Guarda	19 - Os dez mandamentos
72	04 - Pirâmide de Beckman	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
73	09 - Os três pescadores	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
74	02 - Justa Medida (G)	18 - Guarnicê de São Marçal
75	06 - Vagão REFFSA	22 - Pedra da Memória
76	16 - Outeiro da Cruz	27 - Estátua Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória
77	28 - Abstrata do São Francisco	28 - Abstrata do São Francisco
78	23 - Almirante de Tamandaré	as imagens históricas de figuras importantes, e também os monumentos que existem em mais de um ponto (o que tem corações e a pirâmide da beira mar)

Fonte: Da autora/Google Forms

RESULTADOS

Principais observações:

50 – Escolheram marcos diferentes para cada resposta;

24 – Escolheram marco iguais para cada resposta.

08 – Discorreram sobre suas escolhas;

02 – Escolheram mais de um marco na segunda pergunta;

02 – Respostas indefinidas na segunda pergunta.

Outros resultados:

- A escultura d’Os Três Pescadores foi o marco mais escolhido como despertador de atenção/curiosidade (14 votos); seguido pelo Vagão da RFFSA (12 votos), a estátua de Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória (7 votos); e. Tótem dos Trabalhadores (6 votos). (Figura AA1).

Figura AA1 – Resultado gráfico do PAINEL I (virtual).

Qual das imagens mais desperta sua curiosidade?

78 responses



Fonte: Gerado pelo Google Forms.

- A estátua de Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória foi o marco mais escolhido como revelador de histórias de São Luís, com 17 votos; seguido pelos Os Três Pescadores (15 votos) e o Vagão da RFFSA (7 votos).

- Sete (7) marcos **não** foram escolhidos como despertadores de atenção/curiosidade, foram eles: 3 - Estátua de São Marçal; 5 - Estátua do Doutor Miguel Ferreira Vieira; 8 - Velas da Lagoa; 13 - Estátua de São Cristóvão; 15 - Estátua de São Luís; 19 - Placas Os Dez Mandamentos; 26 - Barco à vela metálico

- Nove (9) marcos **não** foram escolhidos como reveladores de histórias de São Luís, foram eles: 2 - Marco Maçônico; 10 - Tótem da Ponte Bandeira Tribuzzi; 11- Tótem do Jaracaty; 13 - Estátua de São Cristóvão; 14 - Pirâmide/Ludobelisco; 15 - Estátua de São Luís; 21 - Amorilho; 24 - Estátua do Anjo da Guarda; e 26 - Barco à vela metálico.

- Três (3) marcos **não** foram escolhidos nem como reveladores de histórias de São Luís, nem como despertadores de atenção/curiosidade, foram eles: 13 - Estátua de São Cristóvão; 15 - Estátua de São Luís; 26 - Barco à vela metálico.

APÊNDICE C– Marcos notados no CAMPO III

Para além dos marcos identificados no Campo I, durante os momentos de vivência do Campo III foram identificadas nas avenidas principais dos marcos estudados alguns elementos também presentes na paisagem urbana. Na Av. Litorânea, compreendendo somente o trecho da Praia de São Marcos, um grande conjunto de quatorze (14) placas de concreto decoradas em mosaicos de cerâmica (Figura AD01), mostrando elementos, situações e personagens da cultura popular e do ambiente ludovicense.



Figura AD1: Placas de concreto decoradas em mosaicos de cerâmica.

Fonte: Da autora

Na Praia do Calhau, o elemento percebido tem caráter abstrato e não indica sobre o que se trata. Foi identificado em três pontos da Praia do Calhau: na ladeira de acesso à praia, que é a transição da Av. Litorânea e a Av. Avicenia (ao lado do Golden Shopping) (Figura AD2); após a pequena ponte após a área do parquinho (Figura AD3), assim que desce a ladeira, em frente ao Tulip Inn; e em frente ao quiosque do Brisa Mar e Pousada Suíça (Figura AD4).



Figura AD2: Elemento abstrato percebido na ladeira de acesso da Praia do Calhau.

Fonte: Google Maps (captura de tela 13 jun. 2018)



Figura AD3: Elemento abstrato percebido na Praia do Calhau.

Fonte: Da autora



Figura AD4: Elemento abstrato percebido na Praia do Calhau.

Fonte: Google Maps (captura de tela 13 jun. 2018)

Na Av. Vitorino Freire, próximo à rotatória do Anel Viário, ao lado do TRE-MA, há uma praça intitulada Praça do Trabalhador onde existe uma estátua similar à Praça do Pescador que homenageia os trabalhadores de São Luís (Figura AD5). Escondida pelas copas das árvores de caju e pelo toldo/tenda, o elemento sedia a praça onde ônibus interestaduais se encontram. Erigido em pedestal de pedras encimado pela estátua de um lavrador portando uma picareta (ferramenta de trabalho do trabalhador).

O elemento foi-me apresentado por um comerciante da praça, o mesmo que informou-me sobre a presença de um peixe na escultura em homenagem aos pescadores, do Portinho, que vendo-me fotografar a estátua tratou de me questionar se eu sabia de quem se tratava:

Comerciante: O nome dele é Luís

Daniele: Ah, é?

Comerciante: Sim.

[Segundo registro fotográfico]

Comerciante: Mas tu sabe de quem tu tá tirando foto?

Daniele: Sei não, moço. Isso é que eu quero saber. O senhor sabe?



ador e lavrador.
ora

Comerciante: Luís é nós daqui. Ele representa os trabalhadores. Isso que está na mão dele é uma picareta.

Daniele: Ah, legal!

Comerciante: Aqui é a Praça do Trabalhador, aqui onde estamos. A única Praça do Trabalhador da cidade, pode perguntar para qualquer pessoa por aí que só tem essa.

Daniele: Muito legal. Não conhecia ele e não sabia que aqui era uma praça. Fica muito escondida, né?

Comerciante: É. Ele está escondido mais por causa dessa tenda. Antes os ônibus retornavam ali [apontou para próximo da parada do outro lado da avenida] e passavam aqui nessa rua, ao lado do TRE. Passavam por aqui por dentro da praça para poder ir para as paradas que eram ali [aponta mais para frente, em direção aos bares e restaurantes].

Daniele: É mesmo? Que diferente que era. Só percebi essa estátua outro dia... E o senhor sabe quem foi que fez ele?

Comerciante: Isso foi obra da Prefeitura. Tem mais de 20 anos. Aqui eles fizeram a Praça do Trabalhador e ali [aponta em direção ao Desterro] é a Praça do Pescador. Conhece?

[...]

Daniele: Nossa que legal! O senhor conhece bem essa região. Como é que o senhor sabe dessas coisas tudo?

Comerciante: Eu sou trabalhador mais antigo desse Anel Viário. Pode perguntar! E só tenho 57 anos. Mais antigo, que eu digo, é de trabalho mesmo. Tem gente mais velha do que eu aqui, mas não trabalha aqui. Isso aqui tudo era mangue, maré. Onde a senhora tá pisando era lamaçal brabo! Eu catava caranguejo, pescava [falou quatro nomes de peixes]. Depois disso, aqui virou lixão. Eles aterraram aqui para passar a estrada, mas ali [apontou ao aterro do Bacanga] era só lixo! Até quando resolveram fechar. Ficou daquele jeito, mas já tá querendo voltar de novo.

Daniele: É mesmo... Nossa, o senhor sabe de coisa! Como é seu nome, moço, que eu não perguntei ainda?

Comerciante: Meu nome é Luís, muito prazer.

Daniele: Aaaah! O senhor é Luís! Pois muito prazer, seu Luís! Que coisa!

Os elementos notados nas grandes avenidas fazem parte do recorte proposto pelo projeto, porém como eles não foram identificados no Campo I, ficaram de fora. Sendo este apêndice o momento de mostrá-los e dizer a existência deles, principalmente por ter havido narrativas em torno de um deles, no caso o Luís, da Praça do Trabalhador.

APÊNDICE D – Quadro com títulos das imagens que compõe a ferramenta fotoelicitatória

	Patrimônios reconhecidos	Marcos Urbanos
1	Azuleijos de São Luís	Almirante de Tamandaré
2	Artesanato com fibras de buriti	Amorilhos
3	Bordado e corpo do boi	Anjo Gabriel
4	Casarões Históricos	Arrastão
5	Chaveiros de madeira com pinturas	Azulejaria
6	Chitão	Barco à vela
7	Embarcações artesanais	Duende Excalibur
8	Espigão costeiro	Duque de Caxias
9	Fonte do Ribeirão	Guarnicê de São Marçal
10	Forte da Beira-Mar	Marco Maçônico
11	Guaraná Jesus	Maria-fumaça
12	Guarás	Miguel Vieira Ferreira
13	Igreja da Nossa Senhora dos Remédios	Milagre de Guaxenduba
14	Igreja de São João Batista	O Pescador
15	Igreja do Desterro	Outeiro da Cruz
16	Luminárias históricas	Os dez mandamentos
17	Manguezais	Palmeira
18	Máscara de Cazumba	Pedra da Memória
19	Mercado das Tulhas	Pirâmide de Beckman
20	Namoradeiras negras	Pirâmide dos 350 anos
21	Palmeiras de São Luís	Pirâmides/Ludobeliscos
22	Parelha de tambores do Tambor de Crioula	Santo Rei
23	Pedras de cantaria	São Cristóvão
24	Ponte São Francisco	São Marçal Limoges
25	Praça Maria Aragão	Tótem à Bandeira Tribuzi
26	Praias	Tótem aos Trabalhadores
27	Quiosques de praias (palha e madeira)	Tótem do Jaracaty
28	Serpente da Lagoa da Jansen	Velas da Lagoa

APÊNDICE E – Material auxiliar à ferramenta fotoelicitatória

ROTEIRO DA APLICAÇÃO DA FERRAMENTA FOTOELICITATÓRIA (FFE)

- Considerações iniciais (explicação ao participante, vide nota lateral)
- Apresentação do participante

I MOMENTO - Relação (pertencimento)

- Há quanto tempo você vive em São Luís?
- Já morou em outro lugar ou passou mais de 1 mês fora de SLZ?
- Você gosta de morar na cidade de São Luís?
- Você acha que tem uma boa relação com a cidade?
 - se sai bastante
 - se acha que conhece bem a cidade
 - se se identifica com a cidade
 - se se envolve com a cidade
- Para você, o que é ser ludovicense?

II MOMENTO - Aproxime-se (sentidos)

(Interação com o baralho com imagens Ludo)

GRUPO I: Imagens cultura/patrimônio | GRUPO II: Imagens marcos urbanos

- Escolha 3 imagens que despertaram sua curiosidade ou chamaram sua atenção; (com GRUPO I e GRUPO II) [acompanhado por porquês]
- Escolha 3 imagens que você acredita que representa São Luís; (com GRUPO I e GRUPO II) [acompanhado por porquês]
- Hierarquize com _____ importância. [porquês]

III MOMENTO - Reconheça (memória/narrativa)

(Interação com GRUPO II do baralho Ludo)

- Quais destes artefatos você já viu na cidade?
- Você acha importante a presença deles na cidade?
- Você acha que eles contam algo sobre a cidade de São Luís?
- Você acha que eles podem ser considerados monumentos?
- Se eu fosse turista, a quais deles me levaria para conhecer?
- Você já viveu algo que envolva algum desses elementos?
- Qual deles te transportam imaginativamente?
- (Quer fazer consideração sobre algum deles?)

IV MOMENTO - Imagine (imagem)

(Pesquisadora escolhe x imagens para ser conversadas)

- O que você imagina ao ver este artefato?
- O que você acha que ele representa?
- Você consegue localizar este artefato na cidade?
- Por que você acha que ele foi colocado na cidade?
- Se pudesse dar-lhe um significado, qual seria?
- O que você faria para otimizá-lo?

V MOMENTO - Provocadxs (feedback)

(Deixe os falar sobre o que acharam deste momento)

- Como se sentiu participando desse momento?
- Você considera importante notar estes artefatos?
- Você acredita que esse momento vai mudar algo na sua relação com a cidade?
- Você gostou de participar deste momento?
- (Autorização de identificação)
- Agradecimentos

APRESENTAÇÃO DO PARTICIPANTE DA FFE (ferramenta fotoelicitatória)

- Nome
- Idade
- Sexo/Gênero
- Naturalidade
- Ocupação
- Escolaridade

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

(Para este momento acontecer da melhor forma, é preciso estarmos confortáveis)

O objetivo desta ferramenta é entender qual a relação e vivência existe entre você e os elementos da cidade de São Luís - MA.

Vou apresentar-lhes imagens sobre São Luís e de elementos que fazem parte dela. Farei algumas perguntas sobre elas à medida que forem aplicadas.

A ferramenta é composta de 5 momentos, onde o primeiro são perguntas e a partir do segundo começa a interação com as imagens.

Entendamos que não existe resposta certa ou errada, longa ou curta. Fale confortavelmente o que quer falar.

O momento será gravado (áudio) e pode ser que seja preciso fazer registro fotográfico de alguma parte (será informado).

Ao final, pedirei sua permissão sobre se deseja ser identificado ou não.

—

AUTORIZAÇÃO ID

- Identificado
- Anônimo

Figura AF1: Roteiro da Aplicação da Ferramenta Fotoelicitatória.

Fonte: Da autora

DADOS SOBRE A APLICAÇÃO DA FERRAMENTA FOTOELICITATÓRIA POR PARTICIPANTE

Identificado Anônimo

Identificado com condições

Participante: _____

Data da aplicação: ____/____/____

	CURIOSIDADE	REPRESENTATIVOS
ID	1	7
	2	8
	3	9
MAR	4	10
	5	11
	6	12

Se eu fosse turista...

- 1 -
- 2 -
- 3 -
- 4 -
- 5 -
- 6 -
- 7 -
- 8 -
- 9 -
- 10 -

Hierarquia(numérica): - - - - -

Importância dada: _____

MOMENTO IV - Marcos

- 1 -
- 2 -
- 3 -
- 4 -

MARCOS QUE...

CONHECE	NÃO CONHECE	SEM CERTEZA




Figura AF2: Ficha de preenchimento das respostas-cartas.
Fonte: Da autora

APÊNDICE F – Resultado das cartas da ferramenta fotoelicitatória

	Grupo ID	Curiosidade	Representativo
1	Azulejos de São Luís	2	3
2	Artesanato com fibras de buriti	2	0
3	Bordado e corpo do boi	2	9
4	Casarões Históricos	1	6
5	Chaveiros de madeira com pinturas	0	1
6	Chitão	1	1
7	Embarcações artesanais	2	2
8	Espigão costeiro	0	1
9	Fonte do Ribeirão	1	2
10	Forte da Beira-Mar	0	3
11	Guaraná Jesus	4	2
12	Guarás	1	1
13	Igreja da Nossa Senhora dos Remédios	0	1
14	Igreja de São João Batista	4	1
15	Igreja do Desterro	2	1
16	Luminárias históricas	3	5
17	Manguezais	1	2
18	Máscara de Cazumba	2	2
19	Mercado das Tulhas	0	2
20	Namoradeiras negras	0	0
21	Palmeiras de São Luís	0	1
22	Parelha de tambores do Tambor de Crioula	2	4
23	Pedras de cantaria	3	0
24	Ponte São Francisco	3	3
25	Praça Maria Aragão	1	0
26	Praias	2	3
27	Quiosques de praias (palha e madeira)	0	2
28	Serpente da Lagoa da Jansen	3	1

	Grupo MAR	Curiosidade	Representativ o	P/ Turista	Desconhece
1	Almirante T.	1	1	2	1
2	Amorilhos	3	2	1	0
3	Anjo Gabriel	1	1	4	6
4	Arrastão	3	6	11	0
5	Azulejaria	3	0	0	9
6	Barco à vela	2	0	1	9
7	Duende Excalibur	5	0	0	5
8	Duque de Caxias	0	2	1	3
9	Guarnicê S.M.	1	3	4	3
10	Marco Maçônico	3	0	0	5
11	Maria-fumaça	5	3	4	0
12	Miguel V. Ferreira	1	0	1	9
13	Milagre de Guaxen.	1	1	3	1
14	O Pescador	2	4	5	3
15	Outeiro da Cruz	2	2	2	2
16	Os 10 mandamentos	1	1	0	9
17	Palmeira	2	0	0	7
18	Pedra da Memória	2	3	6	0
19	P. de Beckman	1	1	1	5
20	P. dos 350 anos	0	0	1	10
21	P./Ludobeliscos	2	1	1	6
22	Santo Rei	0	1	3	5
22	São Cristóvão	0	0	0	5

3					
2 4	São Marçal	0	3	2	2
2 5	T. à B. Tribuzi	0	0	0	3
2 6	T. aos Trabalhadores	4	2	0	0
2 7	T. do Jaracaty	0	0	1	4
2 8	Velas da Lagoa	0	6	7	1

	Elementos que não foram selecionados nem como curiosos nem como representativos
	Os primeiros mais escolhidos
	Os segundos mais escolhidos

Análises dos resultados das cartas:

O que os participantes selecionaram como sendo mais representativo à São Luís nos dois grupos/categorias?

Ao grupo de Identitários, o mais votado foi o Bordado do Boi, representando a folguedo do Bumba-meu-Boi, importante brincadeira da ilha e Estado no período junino.

Ao grupo de Marcos, empatados em os mais votados, foram Os Três Pescadores/Arrastão e as Velas da Lagoa, ambos de representação marítima da cidade.

Tal seleção conversa com a visão institucionalizada?

Com exceção das Velas da Lagoa, ambos os elementos mais votados conversam com a divulgação institucional da cidade, mas surpreende por não ter os Casarões Históricos (apesar de este ser “pódio” dos votos, em segundo lugar, seguido pelos lampiões).

Os elementos do grupo MAR estão bem misturados nas hierarquias ou foram marginalizados dos demais?

Dos quinze (15) participantes da ferramenta regular, sete (7) polarizaram os Marcos nas últimas posições, ou seja, quase metade destes. Havendo doze (12) ocorrências destes entre as três (3) primeiras cartas da hierarquização (Momento I) [contra 32 do grupo ID], numa razão de 2,6 Cartas Marcos por Cartas Identitários.

Importante ressaltar que destas doze (12) ocorrências, cinco (5) foram d’Os Três Pescadores, ratificando a importância visual deste elemento (aos participantes).

Qual a média de marcos reconhecidos no Momento III da Ferramenta?

Dos quinze (15) participantes da ferramenta regular, houve uma média de 17,6 marcos reconhecidos por participantes, o que supõe-se ser uma média relevante de percepção.

Qual razão se percebeu a diferença da escolha entre marcos curiosos e representativos?

Até então, pode-se induzir que os elementos que chamam atenção dos participante são aqueles que estes não conseguem identificar/reconhecer (somando 8), enquanto os demais são chamados atenção por alguma relação mais próxima que não sentem ser mútua à cidade ou que tem alguma informação curiosa sobre (somando 7).

APÊNDICE G – Narrativas Compartilhadas durante Ferramenta

Andrea Katiane – Tótem dos trabalhadores

— Isso aqui também me diz muito, quando eu olho. [...] Muita gente vai olhar isso aqui, eu acho, eu acho que as pessoas que tem trinta e cinco (35) anos talvez olhem isso aqui e “tsc, isso aqui é horrível, devia era demolir isso, que isso não serve pra nada”, pra mim traz a lembrança da rodoviária, da minha infância. Quando eu ia pegar o meu tio na rodoviária. Quando eu ia deixar um parente, que era um evento, porque naquela época as pessoas não andavam muito de avião, era mais de ônibus, avião era mais difícil, mais caro. Eu ia pegar meus tios que moram no Rio, parecia coisa do outro planeta. A gente ia lá na rodoviário buscá-los. Olhava as pessoas, se despedia, chorava. Então me lembra. Eu acho legal. Aí eu penso: isso aqui deve ser mantido, mesmo que o posto saia. Pra mim tá marcando um momento da história. [...] Não tinha nada aqui. Eu era muito pequena, mas aqui tinha a rodoviária. Tá tudo diferente, né.

Andrea Katiane – São Marçal

— Tá parecido com São José de Ribamar. [...] Ele é super importante, ele não tava nem fazendo sentido pra mim aqui, mas na hora que eu situo ele no bairro, eu penso “ele não pode ser descartado”. [...] São Marçal tem todo um significado e está completamente ligado ao período junino; ao boi de São Luís que é uma coisa assim... O boi e São Luís tem tudo a ver; o boi e o Maranhão tem tudo a ver; o boi e eu tem tudo a ver. Assim, eu sempre fui louca por São João, por São João não, por bois. Não gosto de quadrilha. Nunca gostei desse negócio de dança portuguesa, num sei o que. Eu gosto é do boi! Eu ia pros bois. Eu ia pra dentro do boi. Em junho, eita, eu ia quase todo dia. Ficava lá, tocava matraca, dançava dentro do boi, ... Era diferente, né, hoje não é mais... Tinha muita vontade de acompanhar... E ia pra Praça de São Pedro, no dia de São Pedro pra amanhecer; às vezes não amanhecia, não dava conta, mas eu ficava até tarde ou ia de manhã cedinho, né. De manhã celebrava a missa... o encontro de boi, a missa do padre ?? abençoando os boizinhos, iam entrando na igreja com as índias. Sempre gostei muito, muito mesmo.

Antonio Carlos – Azulejaria

— Isso aqui é lá no retorno do Olho d’Água. Eu lembro disso aqui na bicicletada. Eu subi nessa bichinha bem aqui pra botar uma bandeira; a bandeira da bicicletada. Uma faixa, na verdade. [...] Pra mim simboliza os azulejos, acredito que seja isso, né. Mas está numa base que parece a base dos outros [elementos vistos], e que me faz crer que talvez tenha tido outro monumento aqui no lugar dele. Mas ele tá aqui por trazer essa memória, saca, da bicicletada que a gente saía lá da Praça do Rodão (?) da Cohab e descia a [avenida] Rei de França, cobrando políticas públicas e mobilidade urbana. Lembro muito bem da nossa foto, que a gente chegou lá, que foi uma das únicas bicicletadas que teve muita gente. Muita, muita gente, e aí tavam tentando subir pra colocar, né, e eu como sou maior, “deixa eu subir” e tal. Aí consegui colocar a bandeira bem aqui encima. Aí ficou aqui, bicicletada e tal. Ficou muito da hora. Quase caí quando desci dela, né. Inclusive, esse ferro aqui ele dói na mão [dos

arabescos]. E como ele é pontudinho, né, tem que tomar cuidado na hora de subir. Aí é muito por isso. Se a gente for parar pra pensar, esse foi um fato histórico também, a bicicletada. E aí você ter esse elemento trazendo memórias de acontecimentos mais recentes, só reforça a importância do monumento. E agregar o histórico ao monumento.

Antonio Carlos – Jerônimo de Albuquerque e Nossa Senhora da Vitória

— Essa daqui é uma estátua que muito me intriga, bicho. Primeiro, porque ela tá entre duas árvores, ali na curva do noventa; segundo, vire-e-mexe eu vejo ela repleta de lixo, assim, não é um lixo jogado, parece que foi colocado ali propositalmente. Eu já vi essa estátua com uma camisa aqui no braço, saca, com lixo onde ela faz com as mãos aqui, né, acho que é a figura de uma Santa, não sei. Foi a aparição de alguma santa, eu acho, em algum momento de conflito, sabe, que configura o Maranhão também, esses vários conflitos. E, novamente, o fato de muita gente passar por ela e não fazer ideia do que ela é. O aspecto muito antigo dela, ela é bem suja, e esse processo, né, que eu fico encucado de você passar por lugares que foram palcos de coisas históricas e você não se dá conta daquilo, sabe. É capaz de alguém chegar, parar pra conversar, encostar no monumento e não perceber ele, saca, o que ele é.

Antonio Carlos – Duque de Caxias

— Esse aqui foi a primeira estátua que eu olhei, olhei não, que preni na memória. Fica ali em frente ao batalhão BC, né, Duque de Caxias, né. Barão de Caxias ou Duque de Caxias, não lembro. Só que assim, voltando a história ser tão eurocêntrica, falocêntrica e tudo o mais, a gente sabe que nosso povo foi massacrado, né, por esses jagunços da sua época, eles sempre saem como heróis, né. Se eu não me engano, não tô lembrando, Duque de Caxias é quem mata Negro Cosme. Enfim, minha memória é muito ruim, mas eu lembro que tem uma peça muito bonita que acontece com Renato Pazzini, com alguns amigos meus do teatro, Edu Silquer, [...], que era falando justamente sobre isso, a história do negro, a versão do negro em vez da versão do homem branco.

Isoriana Miranda – Outeiro da cruz

— Eu sei o que minha mãe me falava, que aconteceu uma grande... tem esse nome, porque teve muitas mortes entre os franceses e portugueses. Uma luta, né. Assim, não sei na íntegra o porquê da luta, sei que as pessoas falavam que... minha mãe falava que tinha essa cruz aí, era pra homenagear as pessoas que morreram. Morreu muitas, muitas, muitas mesmo, teve muito sangue, entendeu, e ficou marcado esse ponto lá.

Gabriel* - Locomotiva

— Tiraram essa locomotiva daí, né, recentemente. Cara, essa locomotiva aqui sempre chamou minha atenção. Sei lá, uma locomotiva né, das antigas. Tipo aquelas de brinquedo e tinha de verdade ali parada. Uma vez eu parei, passei lá com meu avô e me mostrou assim. Fiquei olhando... [...] Eu sempre me remeti ao passado e eu tentava pensar quanto tempo faz que isso tá parado aí... Porque é uma locomotiva bem antiga. Sempre me lembrava do passado. E

sempre pensava em qual era a função disso aqui, de trazer as coisas pra São Luís. Porque antes não tinha estradas, não tinha aeroporto, não tinha ponte, tinha a ponte do trem, que é mais antigo, né. E esse trem trazia pessoas do Maranhão todo pra cá; trazia acho que coisas, encomendas[...] Então é como se fosse uma pedaço do passado que ficasse ali parado... O motor do passado que fica ali parado. Hoje em dia a gente não usa mais.

Gabriel – Marco Maçônico

— Isso sempre chamou minha atenção em qualquer lugar. Porque em outras cidades no interior e tal, tu sempre olha, na entrada das cidade tu olha esses símbolos aqui. Às vezes dentro de igreja tu ver. Já foi na igreja... Tem uma foto da Igreja da Sé , ali na Igreja da Sé tem um símbolo maçônico, lá dentro. [...] Não esse aqui, outro, foi até a professora Mila* [...] a gente tava fazendo um tour no Centro Histórico, que a gente foi nessa igreja, ela mostrou pra gente lá. Quando olhei assim, eu ‘Cara, isso tá aqui, mano!’. Se a professora não me mostrasse, eu nunca ia sacar. Mas é bem isso que é a Maçonaria, né. Tipo, tá lá o símbolo, mas tu não vai saber se tu não for da Ordem [...].

Gabriel – Pirâmide de Beckman

— Naquela praça ali do lado da Delegacia da Mulher. Esse monumento aqui, uma vez tava passando por lá com uma amiga minha que faz História, e ela falou assim pra mim ‘Aqui, nessa praça, exatamente onde tem esse obelisco aí, essa estrutura era um pelourinho.’ Bem nessa praça, eles fizeram essa estrutura bem em cima e fizeram a praça, né, pra ocultar. Aí quando eu olhei assim, eu me lembrei na hora [ao ver a carta] [...]. Então ela falou isso, né, eu tava passando por lá com ela, né, e fiz aquela reconstrução histórica do tempo: há cem anos atrás, aqui não existia nada, essa parte aqui, ponta d’areia e São Francisco. E o que acontecia nessa avenida aqui? Passava as carruagens, cavalos, pra lá e pra cá e tinha um pelourinho bem ali. Um pelourinho, quer dizer, se o centro era um local de atividades, comerciais e tal, ou seja, também havia venda de escravos ali. E ali, se alguns desses escravos precisasse ser castigado, ele ia ser amarrado publicamente num poste e ser chicoteado até... Desmaiar, morrer, sei lá. [...] Mas é uma coisa que não revela o passado histórico desse local.

Gabriel – Velas das Lagoa

— Ela tem esse colorido especial [...] e acho que foi... É uma estátua antiga, assim, que eu tenho uma tia que mora lá na ponta d’areia, aí eu lembro que eu descia ali no São Francisco e tal, andando aqui pela Lagoa e passava aqui do lado dessas formas. Quando eu era guri, eu não sacava o que era, né. Com o tempo tu vai analisando, vai ganhando visão artística pra tu entender que aqui parece um barco, as velas de um barco. A idéia foi muito massa. E eu acho que o ponto ali onde foi feito isso aqui pra reflexão que ela te coloca, uma embarcação costeira, e tem as cores que te remetem a uma embarcação costeira maranhense, ela é colorida, é massa.

Paulo Eduardo – O pescador

— Eu acho muito legal, sabe, essa estátua. Principalmente pelo cesto que ele traz atrás, que era onde as pessoas carregavam o peixe, na pesca de antigamente. Você tinha uma vara aqui, só que esses caras [...] A vara pesava mais do que eles carregavam, certo, porque ela tinha que ser muito resistente pra não quebrar quando os caras colocassem o peso do lado pra outro. Aí, você imagina... Podia arranjar alguma coisa mais leve. Mas naquele tempo tudo era muito difícil de acesso. Mas eu acho massa justamente por conta desse detalhe, que era como os caras carregavam peixe, sururu, camarão, esse cesto de palha é f*%\$, é indígena.

Nando Marley – O pescador

— Eu peguei o pescador, porque relembra o meu pai, que ele ficou dez anos desempregado, e nossa fonte de renda e alimentação era a pescaria, entendeu. Todo dia era peixe e eu gostava demais de peixe - e até hoje gosto. A fonte de alimentação da comunidade da Madre Deus é o Lago do Bacanga e também eu tenho medo, porque é tanta poluição, tanto descaso e também a evolução das coisas industriais [fazem eles] deixa o lago de mão, que deixa... Que eles vão procurar outros meios de vida, entendeu? E o lago tem uma história com a comunidade da Madre Deus, porque a comunidade da Madre Deus é comunidade de pescador. Comunidade que vive de pesca. E meu medo é acaba, é se poluir aquele lago.

Nando Marley – O anjo da guarda

— É onde eu trabalho e lá é comunidade periférica. Me falaram uma vez, os mais velhos, que o Anjo da Guarda foi... O centro, ali na Madre Deus, Ceprama, pegaram fogo, aí se criou o Anjo da Guarda. Não sei muito explicar, mas eu sei que surgiu o Anjo da Guarda por causa de um incêndio que aconteceu no centro. Aí o povo foi se separando e aí criou o anjo da guarda.

Vinícius – São Marçal

— São Marçal, a questão do apelo popular. Se tu pesquisares tu vai saber que São Marçal não é um santo canonizado pela igreja católica. Então, não sei bem dizer como surgiu a crença à São Marçal, aqui no Maranhão, mas ele é muito ligado à cultura popular, mais especificamente, ao bumba-meu-boi sotaque de matraca, que é o sotaque da ilha. E é uma festa tão forte que inúmeras vezes tentaram derrubar a festa, por acharem que é uma festa que envolve muito alcoolismo, envolve brigas, como realmente acontece, mas é uma festa popular. Mesmo tentando, a própria população local organiza a festa, então o governo é obrigado a ter que participar, a ter que ajudar. Isso mostra como [...] mesmo com o descaso público, a cultura popular ainda é muito forte. Então são elementos que não conseguem ser derrubados facilmente. Acredito que qualquer coisa em São Luís possa sumir, possa se acabar, mas a cultura popular ainda vai resistir, de alguma forma, mesmo que em uma minoria.

Vinícius – Anjo Gabriel

— Aqui já simboliza a questão da urbanização, em especial, periférica. Ali era uma região especialmente natural, era só mato, ali era só plantações. E as pessoas que vinham da baixada, dos interiores, na esperança de uma vida melhor aqui em São Luís, eles conseguiram fazer a vida deles lá, mesmo em condições precárias. Também não sei te dizer por que o nome do bairro é anjo da Guarda, não sei se é por algum cunho religioso também, mas eu sei que a especificação foi tanta que na década de oitenta ou de noventa a prefeitura colocou um anjo, bem maior do que esse, na entrada do bairro. Eu não lembro muito desse anjo, mas eu lembro que mamãe sempre fala que ela tinha medo quando ela passava, porque ele era muito grande e tinha as asas muito abertas. Porque dava a impressão, sei lá, de que ele ia cair. Acho que ele era mais ou menos da altura daquela imagem de São José de Ribamar que fica lá perto da igreja. Era muito grande. Também não sei porque tiraram de lá aquela estátua. Aí na gestão de João Castelo ou Edivaldo, agora, na primeira gestão, que eles colocaram um anjo menor, mas também simbolizando a entrada do bairro. E é um bairro que apesar de periférico, ele tem tudo, então já se desenvolveu, uma área do Itaqui-Bacanga que conseguiu se desenvolver, apesar do grande preconceito que ainda tem pela questão urbanística.